



DIRECTOR: CARLOS NUNO VAZ • ANO LXX – N.º 1391 • 1 de ABRIL de 2016 • Preço Avulso Euros 1,25 • Assinatura Anual: Portugal 20 Euros – Estrangeiro 25 Euros

[www.calvolima.com](http://www.calvolima.com)  
**IMOBILIÁRIA LIDER**  
 NO VALE DO MINHO

MELGAÇO  
MONÇÃO  
VALENÇA  
P. COURA

CERVEIRA  
CAMINHA  
MOLEDO  
ÂNCORA

**VENDE ARRENDA TRESPASSA**  
**T. 251 654 924**

DEVESAS - 4400 V. N. GAIA  
 Autorização para circular em invólucro de plástico fechado N.º DE02192004DCC

**FESTA DO ALVARINHO E DO FUMEIRO**  
**MELGAÇO 22-24 ABR'16**

**Evento declarado de interesse para o Turismo**

**pág. 18**

## Dr. Adriano Magalhães dando o seu impulso à iniciativa de voluntariado: **Um Dia pela Vida**

pág. 14 e 15



## Melgaço regressou à **Feira de Nanterre – França**

pág. 7



## Mulheres com **"garra"** desportiva

pág. 25

**Páscoa em Braga com sabor a aldeia**  
 pág. 3

**Textos seleccionados da Obra "Civilização em Perigo" de A. Luis Vaz**  
 pág. 5

**Devolução dos terrenos expropriados para a barragem do Sela**  
 pág. 6

**Análise da obra "Cacau" de Jorge Amado**  
 pág. 9

**Padre na Páscoa atravessa Rio Minho**  
 pág. 10 e 11

**Jovem Melgacense trabalha e dinamiza Instituto Confúcio da Universidade do Minho**  
 pág. 16 e 17

**É promissor o Alto Minho para o empreendedorismo turístico?**  
 pág. 23

**Páscoa nos Açores**  
 pág. 26

**À descoberta do Irão**  
 pág. 30 e 31

**ALVARINHO Casa do Cerdedo**  
 a escolha certa dos mais entendidos

*33 anos sempre a melhorar um vinho extraordinário, de terrenos já referidos como excelentes, em livros do século XVIII*

Aproveite a Festa do Alvarinho para comprovar a qualidade deste verdadeiro néctar!

CONTACTO Tlm. **968 274 988**

## OZONOTERAPIA

TRATAMENTO FEITO PELA ADMINISTRAÇÃO DE OXIGÉNIO E OZONO

**Efeitos benéficos para o organismo, sobretudo para tratamento das dores osteomusculares e úlceras originadas por má circulação e diabetes.**

Tem efeito oxigenante, revitalizante, anti-oxidante, regenerador, anti-álgico e anti-inflamatório.

Experimente e verá que ultrapassa as melhores expectativas.

MÉDICO:  
**Doutor José António Marques Magalhães**  
 ESPECIALISTA EM MEDICINA INTERNA  
 UNIVERSIDADE DE UCLA - LOS ANGELES - EUA

Quartas-feiras, de quinze em quinze dias:  
**Rua de Santiago, 51 | MELGAÇO | Tel.: 251 404 002**

# Comportamento à hora da Refeição

“O meu filho não come nada!”, “A hora do almoço e do jantar é muito complicada, lá em casa!”, “O meu filho só come com o tablet ao lado!”. Muitas vezes, estes desabafos constituem pedidos de ajuda, em consulta. E constituem, também, motivo de conversa, cada vez mais frequente, entre familiares, amigos e colegas.

Pelo cansaço com que, muitas vezes, o final do dia é caracterizado; pelo debilitar a que assistimos, nos dias de hoje, na frequência e qualidade na comunicação entre as famílias; e pela tentação, fácil, de ceder a pedidos/exigências da criança, no final do dia, para evitar conflitos, num dia que já vai longo, verdade é que os problemas de comportamento das crianças, à hora da refeição, têm aumentado.

Seguem, então, um conjunto de estratégias/sugestões, para contornar conflitos nesta matéria:

– Antes de mais, assegurar que a criança tem mesmo apetite para a refeição. Comer um iogurte ou umas bolachinhas, 1h30/2h antes da refeição, é abolir qualquer hipótese de que a condição base para que a refeição corra bem, esteja presente.

– Tablets, consolas, telemóveis estão absolutamente proibidos,

à mesa, como veículos de distração para dar de comer à criança. Mas esta proibição também se estende aos pais e irmãos, cujo telemóvel é companhia à mesa.

– Definir um conjunto de regras (definição esta em que a criança também deve participar), a cumprir à mesa e afixá-las, por escrito, na porta do frigorífico. Mais uma vez, regras a cumprir por todos, claro está, para que a aprendizagem por modelagem esteja presente. O quadro onde as regras estão escritas deve ser agradável esteticamente.

– Antes de a refeição iniciar, num diálogo tranquilo e caracterizado pela positiva, com contacto ocular direto e baixando-se à altura da criança, os pais devem transmitir-lhe expectativa de capacidade, isto é, que acreditam que ela é capaz de comer sem o tablet, que vão conversar bastante sobre o dia, e que sabem que ela é capaz, também, de comer a comida do prato, calmamente (a tranquilidade à mesa também deve estar presente nos pais).

– Criar uma tabela semanal em que, diariamente, a criança desenhe uma estrela verde perante o cumprimento das regras estabelecidas. Perante uma semana

preenchida com estrelas verdes, o domingo pode constituir um dia de recompensa, recompensa esta que não deve ser material, mas sim algo que a criança goste de fazer em conjunto com os pais, um prato especial que ela goste de comer, uma ida ao parque, etc.

– Se estiver claramente presente a dificuldade em comer a quantidade de comida no prato, em primeiro lugar dever-se-á analisar se a mesma é, de facto, ajustada à criança. Com a monitorização obviamente necessária dos pais, poder-se-á dar à criança a autonomia de se servir a ela mesma, comprometendo-se a comer aquilo que puser no seu prato. Por norma, a médio prazo, as crianças conseguem uma boa relação quantidade escolhida-comida.

– Incentivar, desde idade precoce, ao diálogo e partilha à hora da refeição. Conhecer o que correu bem e menos bem no dia de cada um; comentar acontecimentos do dia; conhecer as matérias de estudo ou as atividades realizadas durante o dia; fazer planos para o dia seguinte ou para o fim de semana, descrever um aspeto cultural... são muitos e bem vindos os motivos de conversa.

Sónia Vaz, Psicóloga  
Da Revista “Sim” de Braga

# O Mensageiro do Tempo

*Pensa-se que Melgaço tenha sido Palco do Homem primitivo e que estes deixaram diversas marcas, como dezenas de sepulturas megalíticas. Esta presença foi principalmente sentida em Parada do Monte, em Gave e no planalto de Castro Laboreiro.*

Melgaço em 1170 era limitado pela inexistência de pessoas do ser Melgacense. Então Dom Afonso Henriques entregou-nos uma carta foral que se baseava em estabelecer um concelho e regular a sua administração, dando-nos deveres e privilégios. Esta carta também foi confirmada pelo Rei Dom Afonso II, em 1219.

No reinado de Dom Sancho II surgiu a necessidade da construção de uma muralha defensiva, para a proteção de Melgaço dos constantes conflitos com o Reino de Leão. A construção desta muralha já havia surgido no reinado de

Dom Afonso II, pelos conflitos político-militares que motivaram a luta entre Dom Afonso II e suas irmãs. A invasão das hostes Leonesas, 1211 e 1212, influenciou a construção mais eficaz da muralha Melgacense que esta foi patrocinada pelo Rei, pelo povo e pelo Mosteiro de Fiães (1245).

Na próxima edição da Voz de Melgaço, a de Maio, irá ser publicada a 2ª Crónica sobre a História Melgacense.

HV

O Mensageiro do Tempo

A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105  
4710-926 BRAGA

Tel./Fax: 253 214 284

E-Mail Geral  
jornal.vozmelgaco@gmail.com  
Site: www.vozdemelgaco.pt/la  
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:  
n.º 163455/01

Registo de Imprensa  
n.º 101960

Tiragem deste número  
1.900 ex.

Director

Carlos Nuno Salgado Vaz,  
Cartão de Jornalista, n.º TE 889

Editor

Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção

Júlio Nepomuceno Vaz  
Manuel Luís Vaz

Correspondentes

João Martinho Silva – Melgaço  
Moisés Costa – Melgaço

Colaboradores:

Abílio Francisco Conde – Melgaço  
Alberto Magno P. Castro – Valença  
Alcídio Silva Figueiredo – Porto  
Álvaro Carvalho – Braga  
Ana Cristina Costa – Braga  
António Jorge Tavares – Açores  
Arminda Urze – Melgaço  
Arménio Augusto de Melo – Braga  
Armindo Vaz (Dr.) – Macau  
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos  
Gaspar Caldas – Melgaço  
Helena Matos – Braga  
José Afonso Marques – Orense  
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro  
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga  
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana  
Júlio de Sousa Domingues (Dr.) – Monção  
Manuel Félix Igrejas – Brasil  
Manuel Fernandes (Dr.) – Braga  
Manuel José Pereira – Penso  
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço  
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Brasil  
Maria Ester Taveira (Dra.) – Braga  
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa  
Maria Nadele Costa Lopes (Dra.) – Braga  
Maria Teresa Tábuas (Dra.) – Leiria  
Pe. Manuel Domingues – Chaviães  
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa  
Ramiro Lima Cerqueira – Melgaço

Membro da:

AIC – Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

## 100 Anos



Completo no dia 5 de Março a bonita idade de 100 Anos, a Sra. Dona Joaquina Pereira de Carvalho, nascida em Requeijo – S. Paio, residente em Toronto – Canadá. Os familiares desejam-lhe muitos parabéns e felicidades.

Filhos, filhas, noras, genros, netos, bisnetos e demais família.

José Domingues

## O Rogério vai ser instituído Leitor



Rogério, ao meio na foto

No domingo, dia 10 de Abril, Viana vai ter mais um diácono e três leitores. Neste ministério vai ser instituído o nosso conterrâneo Rogério Fernandes Rodrigues, natural do lugar da Cela, freguesia de Couso. Se tudo decorrer como previsto, teremos dentro de algum tempo mais um sacerdote natural de Melgaço.

Rezemos pelo Rogério e pelos colegas que vão ser ou ordenados, o Fábio, como diácono, ou instituídos no ministério de leitor, entre os quais se encontra o Rogério.

## PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«JORNAL A VOZ DE MELGAÇO, LDA.»

Largo da Senhora-a-Branca, 105;

4710-926 BRAGA

jornal.vozmelgaco@gmail.com

Telef. 253 214 284

Contribuinte n.º 502668636

IBAN: PT50 0018 0000 28639224001 05

Gerência:

Carlos Nuno Salgado Vaz e  
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:

Carlos Nuno Salgado Vaz, Maria do  
Rosário Salgado Vergara Vaz, Júlio  
Nepomuceno Vaz, António Luís Vaz e  
Manuel Luís Vergara Vaz, 20% cada.

PRÉ-IMPRESSÃO:

Candeias Artes Gráficas  
Rua Conselheiro Lobato, 179  
4705-089 BRAGA

IMPRESSÃO, ACABAMENTOS E

EXPEDIÇÃO:

Empresa Diário do Minho, Lda. – Braga  
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:

Portugal – 20 Euros  
Estrangeiro – 25 Euros

# Páscoa 2016 na família Vaz

## LOMAR – BRAGA



Doutor Arnaldo e Dra. Carla e Nuno recebendo o Compasso



Carolina, filha de Arnaldo e Sónia, e neta de Dr. António Vaz e Maria de Lurdes



O Afonso, completa 10 anos dia 5 junto da avó paterna



Dr. António Vaz e Maria de Lurdes, os anfitriões na casa da Sónia



A Dra. Sónia e ao fundo o Arquitecto Gerardo saudando do Dr. Arnaldo



O Arquitecto Gerardo cumprimenta o Dr. António Vaz, esposa, filhas e netos

**ESTHETIC SMILE**  
CLÍNICA MÉDICA & DENTÁRIA

Na **Esthetic Smile**

**Ao fazer seu implante com Cirurgia Guiada recebe um sistema de higiene oral: IRRIGADOR WATERFLOSSER**

**MEDICINA DENTÁRIA**  
Implantes com Cirurgia Guiada  
Sedação Consciente  
Radiodiagnóstico em 3D (TAC, Tele e Ortopantomografia)  
DSD (Dental Smile Design)  
Estética Facial (Toxina Botulínica e Ac. Hialurónico)  
Ozonoterapia  
Plasma e Fatores de Crescimento  
Banco de Ossos  
Tratamentos Convencionais

Dr. João António Dias Gomes  
Dr. Hebe Maria Zamagna

**+351 251 404 002**  
antoninohebe@sapo.pt

Custa menos Sorrir Melhor!!!!  
Travessa de Santiago nº 67  
4960-613, Melgaço

Visite-nos também no **Facebook**: <https://www.facebook.com/estheticsmilemelgaco>

**ESTHETIC SMILE**  
CLÍNICA MÉDICA & DENTÁRIA

**2016**  
Ano de Prevenção e Rastreio

**Durante todo o ano de 2016 Preços especiais em Radiodiagnóstico na Esthetic Smile**

**MEDICINA DENTÁRIA**  
Implantes com Cirurgia Guiada  
Sedação Consciente  
Radiodiagnóstico em 3D (TAC, Tele e Ortopantomografia)  
DSD (Dental Smile Design)  
Estética Facial (Toxina Botulínica e Ac. Hialurónico)  
Ozonoterapia  
Plasma e Fatores de Crescimento  
Banco de Ossos  
Tratamentos Convencionais

Dr. João António Dias Gomes  
Dr. Hebe Maria Zamagna

**+351 251 404 002**  
antoninohebe@sapo.pt

Custa menos Sorrir Melhor!!!!  
Travessa de Santiago nº 67  
4960-613, Melgaço

Visite-nos também no **Facebook**: <https://www.facebook.com/estheticsmilemelgaco>

## Manuel Henrique Alves CHAVIÃES

Em 1 de Março, na casa da filha, d.ra Adalgisa Cristina Domingues Alves, em Braga, onde residia após o falecimento da esposa, foi chamado pelo bom Deus para a sua intimidade de vida e felicidade, o senhor Manuel Henrique Alves, natural de Parada do Monte, mas casado em Chaviães. Foi carreiro. Tinha 80 anos. Era sogro do dr. Francisco Apolinário da Costa Araújo, avô da d.ra Andreia Alves da Costa Araújo, e avô e padrinho da d.ra Mónica Alves da Costa Araújo.



O funeral religioso teve dois momentos. Primeiro, na igreja de Ferreiros, em Braga, com eucaristia presidida pelo pároco, padre Marcelino e concelebrada pelo padre Carlos Nuno. Um grupo de amigos, com destaque para o grande amigo da família José Maria da Costa Oliveira, solenizou a celebração com cânticos adequados e ajudando a viver a celebração com profunda unção. O presidente da celebração falou do sentido cristão da vida para além da morte, em Deus e com Deus, motivo da nossa esperança.

Depois, foi o cortejo fúnebre para Chaviães, onde, na celebração exequial, o padre Manuel Domingues, colega de escola primária que foi do falecido, enalteceu as qualidades de inteligência e humanas do que sempre apreciou como amigo verdadeiro. Disse que o Manuel Henrique Alves era um fora de série para a época, no que a inteligência e capacidades intelectuais e artísticas dizia respeito. Além de um excelente companheiro e amigo sempre disposto a ajudar o outro. Incarnava os papéis que lhe eram atribuídos nas peças de teatro com um à vontade que a todos causava admiração pelo talento que mostrava possuir.

À filha e netas, nossas prezadas assinantes e amigas, as mais sentidas condolências e a certeza de que o lembramos em nossas orações.

## Assim se ajuda ao progresso do país!



Vila de Mocímboa da Praia

O município de Felgueiras decidiu levar dezassete (17!) pessoas na delegação municipal de uma viagem a Moçambique que decorreu entre os dias 2 a 12 deste mês. O motivo? "Participar nas comemorações do 57.º aniversário da elevação de Mocímboa da Praia a vila, no âmbito do processo de geminação existente"(fonte: acta n.º 4/2016 da Câmara Municipal de Felgueiras). Preço: 69.992,40 € (+IVA).

# Caça & Caçadores PERIODIPESCA 2016

*O XXIV Congresso Internacional de Periodismo Especializado em Caça, Pesca, Meio Ambiente e Turismo Rural e de Aventura, realiza-se este ano na localidade de Muros, Corunha, Galiza, de 29 de Abril a 2 de Maio.*

*À semelhança dos anos anteriores, será realizada uma Prova de Vinhos, incluindo os Alvarinhos de Monção e de Melgaço, com representação de elementos portugueses ligados à imprensa escrita generalista e especializada.*

**Congresso Internacional de Periodismo Especializado em Caça, Pesca, Medio Ambiente y Turismo Rural y de Aventura**



## EXPOCAÇA 2016

Realiza-se este ano, de 6 a 8 de Maio, em Santarém.

Excursão: No dia 7 de Maio (sábado), há um autocarro disponível, a sair de Melgaço, pelas 06h da manhã.

Inscrições (obrigatório) para:  
**Senhor Jorge** (Mecânico)  
**Tlm. 936 314 234.**

## CONVIVIO DE CAÇADORES E MONTEIROS EM LAMAS DE MOURO

CLUBES de: Lamas de Mouro/Cubalhão; Parada do Monte; Paderne/Couso. Caçadores; Matilheiros, famílias e amigos e o veterano acordeonista (cantor) Arnaldo.

Ementa: Javali (bem) servido n"O Vidoeiro" pela D. Laurinda (e suas ajudantes), com Bolo, espumante e fogo de artifício, até de madrugada (com a Lua a crescer).

Quase uma centena de convivas, oriundos da vizinha Galiza, de Entrimo, Ourense, Bangueses, e do concelho de Arcos de Valdevez (Ramalho e sua Família), para além de todo o concelho de Melgaço e os Matilheiros Quintas "Furtivo", Jorge de Tuy (Reala Sucata); Juan...e o mais jovem "caçador", Gonçalo Rodrigues..

Colaborou na sua organização o caçador e monteiro Sr. Julio, do Nosso Café, genro João e outros. Parabéns aos seus mentores e a toda a equipa Directiva e seus participantes, por tal evento.

Com Saudações Cinegéticas,  
**Júlio Domingues**



# A produção escrita de António Luís Vaz

## CIVILIZAÇÃO EM PERIGO\* – Capítulo I

### Um dos últimos abencerragens<sup>(1)</sup> da Escolástica



<sup>(6)</sup> D. Manuel Trindade Salgueiro, arcebispo de Évora, de 1955 a 1965, ano em que, no cargo, faleceu, aos 67 anos de idade.

Quando, em 2 de Novembro de 1940, foi nomeado, por Pio XII, bispo auxiliar do Patriarcado de Lisboa, recebeu em título a extinta diocese de *Helenópolis in Palestina*.

*Helenópolis* era uma antiga cidade romana na Bitínia, na Ásia Menor. Inicialmente chamada "Drepana" ou "Drepanon", aí nasceu, por volta de 258 d.C., *Santa Helena*, mãe do imperador Constantino. E foi este que, depois, em 318, em homenagem a sua mãe, a rebaptizou de *Helenópolis*.

\* \* \*

#### \* CIVILIZAÇÃO EM PERIGO

Como se diz no Prefácio, este livro foi escrito para sair em 1944, ano em que se celebraria o terceiro centenário da morte de *Frei João de S. Tomás* (1589 – 1644). Apesar de pronto a tempo, "dificuldades que não vêm ao caso impediram que ele fosse publicado então", esclarece-se em N. R. Acabou por ser publicado em 1951, pela Empresa do Diário do Minho, L.<sup>da</sup>, mantendo o seu conteúdo plena actualidade.

*João Poinset*, este era o seu nome de baptismo, nasceu em Lisboa, em Julho de 1589, de pai austríaco, Pedro Poinset, secretário do Cardeal Alberto, Arquiduque da Áustria, e mãe portuguesa, Maria Garcês.

Seu pai, obrigado a seguir o Arquiduque nas suas deslocações a Madrid e Flandres, terá confiado a sua educação e a de seu irmão mais velho, Luís, aos familiares residentes em território português.

Aos 16 anos de idade, obtém, na Universidade de Coimbra, o grau de bacharel em Artes. Ainda em Coimbra, inicia, em 1605 e 1606, o bacharelato em Teologia, mas, em 1607, vai para Lovaina, na Bélgica, onde prossegue os seus estudos.

Aos 23 anos, abraça a regra da Ordem Dominicana, no convento madrileno de Santa Maria de Atocha, adoptando o nome de *João de Santo Tomás*, na intenção da mais estreita fidelidade ao espírito do Doutor Angélico, *Santo Tomás de Aquino*.

Entre 1625 e 1630, ensinou filosofia e teologia no Colégio Complutense dos Dominicanos, em Madrid, vindo a assumir a respectiva cátedra na Universidade de Alcalá de Henares. Deixou a Universidade em 1643, vindo a falecer em 6 de Junho de 1644. Morto aos 55 anos, deixou-nos, ainda assim, um importante *Cursus philosophicus* e um monumental *Cursus theologicus*.

É deste relevante vulto da cultura portuguesa que trata este livrinho que hoje começamos a levar ao conhecimento dos nossos estimados leitores.

Júlio Vaz

De entre os centenários a celebrar em 1944<sup>(2)</sup>, o de Frei João de S. Tomás é dos mais notáveis em razão da influência que o célebre teólogo exerceu no seu tempo e ainda pelo facto de ser considerado como dos mais fortes baluartes da restauração escolástica da Europa.

Ainda que partidário do «*ama nesciri et pro nihilo reputari*» da Imitação<sup>(3)</sup>, modesto e humilde como poucos, de vida austera e simples, religioso perfeito, veio a ocupar dois lugares de relevo, os quais exerceu contra vontade, se bem que ardentemente cobijados pelos homens de maior fama na época.

Foi lente da universidade mais famosa de Espanha<sup>(4)</sup>, tirante a de Salamanca, ensinou os filhos das melhores famílias daquela nação, ombreou no conceito e na estima geral com a fama de Suarez e dos restantes Escolásticos espanhóis e a todos sobrelevou no favor dos contemporâneos, a começar por Filipe IV, de quem foi confessor.

Posto que falecido aos 55 anos de idade, enleado em mil ocupações, deixou-nos uma obra profunda e original ao mesmo tempo – tão original quanto lho permitia a «fidelidade livre» e a «liberdade fiel», com que seguia o Aquinatense<sup>(5)</sup> – e havida, nos maios cultos da Europa dos nossos dias, como o repositório mais completo, mais vasto e mais fiel da doutrina tomista.

Veremos em pormenor os elogios dos coevos e modernos. Por enquanto, baste-nos chamar a atenção do leitor para os motivos que me induziram a escrever este modesto contributo à muita admiração que tenho pelos Escolásticos portugueses e, nomeadamente, por Frei João de S. Tomás.

Águia do pensamento, ouvido com religiosa atenção pelos coevos, lustre da Igreja, Frei João de S. Tomás pertence-nos pelo nascimento, pela raça e pela cultura. Ao invés do que ocorreu com S. António de Lisboa, como observa o Sr. D. Manuel Trindade Salgueiro, o famoso escolástico é tido, lá fora, como português, título que ele, de resto, faz antepor no frontispício das suas obras e para o qual apelou, quando foi solicitado para confessor de Filipe IV.

Ora, os portugueses mal o conhecem. Salvo algumas páginas de elogiosa referência e muito de raspão, à parte o estudo consciencioso e profundo do Sr. Bispo de Helenópolis e a despeito dele, o célebre professor de Alcalá continua a ser desconhecido para os nacionais.

Mas outra razão me leva a escrever estas páginas. Frei João de S. Tomás viveu numa época de febre e de incerteza. Tudo à sua volta era caótica efervescência na teologia, na filosofia, nas ciências, nas artes, na cultura, na civilização, na teoria do Homem Novo que estava a formar-se na Alemanha, produto bem claro da Renascença.

A Europa estava corroída, podre, molemente recostada a princípios a princípios que a haviam de arrastar ao caos. Só a Península vigiava e resistia. Só ele empreendeu com todas as forças a cruzada e o sentido da reconquista.

Coimbra, Salamanca, Évora, Alcalá de Henares respiram um clima bélico, rico de aspectos, colorido e galante, ao mesmo tempo. Os escolásticos ibéricos estão a par das mais recentes conquistas do pensamento europeu. Terçam armas com ardor, lançam-se na arena com galhardia.

Daqui partem livros de apologética e de profundas lucubrações teológico-filosóficas. Enquanto a Europa tresvaria num dédalo de erros, a Península retorna à fonte baptismal do séc. XIII, a mais pura, a mais rica, a mais original e harmoniosa construção de todos os tempos.

Ora, Frei João de S. Tomás volta-se em atleta do pensamento, arremete na plêiade gloriosa de então, defende com intransigência os princípios de S. Tomás e joga nas eternas certezas, num momento em que era elegante ou o cepticismo de Francisco Sanchez, a dúvida metódica de Descartes ou a mordacidade irónica e céptica de Montaigne, o racionalismo e deísmo inglês, a podridão filosófica e moral do norte da Itália, numa palavra, a hiper-crítica sistemática aos Escolásticos e a cega confiança nos destinos da ciência empírica.

Paris e Trento haviam dito que só o regresso às maravilho-

sas sínteses da Escolástica do século de ouro, poderia oferecer certezas absolutas, verdades incontestáveis, capazes de susterm a marcha da inteligência para o abismo, já então desejosa de se afundar e de experimentar.

E Frei João de S. Tomás arregimentou com os demais escolásticos na execução do programa que se lhes oferecia. Guarda-avançada do Ocidente, soldado intemerato na defesa do que supunha única reserva da filosofia perene, ele avulta como águia soberana do pensamento moderno.

Filho duma época notável pela cultura, pela efervescência política, pela renovação nas letras, nas artes e nas ciências, ele é bem a sentinela cautelosa a olhar serenamente o futuro, impassível diante dos ataques cerrados de amigos e inimigos, prudentemente audaz, esmiuçando as questões e apoiando-se ao braço robusto do maior génio católico de todos os tempos: S. Tomás.

A posição demasiado escrava ao pensamento do vigoroso atleta prejudicou-lhe o arrojo metafísico. Pelo menos temos de vir em que Frei João de S. Tomás faria muito mais em pró da cultura europeia e católica, na defesa do ocidente, se ouvisse os apelos da nova ciência experimental, a filtrasse de erros e a baptizasse para a Igreja.

Mas nem tudo se acerta e Frei João de S. Tomás, a despeito de génio metafísico, era susceptível de erros. Também por isso, pelo erro cometido, nos será proveitosa a lição da sua vida...

É que ele não fez mais do que seguir, neste particular, o exemplo dos escolásticos de então. E o resultado não podia ser pior. Não obstante a generosa brigada de escolásticos peninsulares, e a despeito de ser uma das mais formosas e robustas equipas da Igreja, em todos os tempos, sem embargo da fúria e do ardor do combate, anos volvidos, os esforços empregados resultavam pouco menos que vãos...

Porquê?

Talvez que o estudo presente nos dê a chave do enigma. Não visa, de resto, objectivo diferente.

Ninguém dirá que não venham a propósito as linhas seguintes, para estabelecer um paralelo entre a época de seiscentos

e a «crise da civilização» dos nossos dias.

Tal como no Concílio de Trento, a Europa de hoje contorce-se em dores e em terríveis lutas de morte. Mais que o massacre de cidades e fábricas, mais que os cadáveres de milhões de homens, interessa a luta de ideias, o choque inevitável de civilizações...

À raiz de tudo isto vai um mundo de incertezas...

Para onde nos voltarmos?

Se a Península Hispânica salvou a Europa, nessa época, não será capaz de lhe valer agora?

Atenção, porém! Se hoje vencer, como esperamos, que o não faça para duvidar mais tarde das certezas que defende neste momento...

Seria o cúmulo!

É imperdoável o erro que se repete!...

António Luís Vaz

<sup>(1)</sup> Nome de uma tribo árabe, de uma família poderosa do califado de Granada, no séc. xv, antes da conquista pelos reis católicos, Fernando e Isabel.

Último abencerragem: último defensor, derradeiro paladino de uma ideia, de um movimento cultural, de uma escola.

<sup>(2)</sup> Caio Júlio César (100-44 anos A. C.); Júlio Fedro (30 A. C. - 44 D. C.); Torquato Tasso (1544-1595); João Baptista Vico (1668-1744); Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas (1744-1822); Félix Avelar Brotero (1744-1814) etc. etc..

<sup>(3)</sup> «*Estima ser ignorado e tido em nenhuma conta*»: máxima inscrita no cap. II de um famoso livro, dos mais traduzidos de sempre - «*A imitação de Cristo*»-, cujo autor, coerentemente, quis permanecer desconhecido, porque o que importa não é tanto quem disse ou escreveu algo, mas sim aquilo que ele disse ou escreveu, a sua mensagem: «*non quaeras quis hoc dixerit: sed quid dicatur attende*» - não te preocupes com saber quem disse certa coisa, mas presta atenção ao que ele disse -, escreveu, também, no cap. V.

Contudo, segundo os estudiosos, o livro foi escrito pelo Padre *Thomas Hemerken*, nascido na cidade alemã de Kempen, nome que ao ser colocado na forma latina se torna Kempis; por isso se diz que foi escrito por «*Thomas de Kempis*».

<sup>(4)</sup> A Universidade de Alcalá de Henares, em Madrid.

<sup>(5)</sup> Metonímia para designar o grande teólogo S. Tomás de Aquino, nascido em *Roccasecca*, no condado de *Aquino*, do *Reino da Sicília* (atualmente na região do *Lácio*, na *Itália*), por volta de 1225, e morreu em 7 de março de 1274, enquanto ditava os seus comentários sobre o *Cântico dos Cânticos*.

## Contrato de comodato devolve património aos expropriados da barragem de Sela

# Terrenos e pesqueiras poderão ser devolvidos às famílias herdeiras

Melgaço toma a si as negociações de reversão do negócio de terrenos e património junto ao Rio Minho, expropriados na década de 60 do século XX para a construção da barragem de Sela, que afectaria aquela zona.

A construção da Barragem de Sela, pela EDP- Energias de Portugal, S.A. e a então União Fenosa, acabaria por não ganhar forma, mas também não foram tomadas providências para que os terrenos fossem devolvidos aos seus proprietários.

As câmaras municipais de Melgaço e Monção, conjuntamente com a Associação dos Expropriados (AE), iniciaram junto da EDP várias diligências no sentido de ser encontrada uma forma de devolução dos terrenos, ainda que a energética portuguesa detenha apenas trinta e cinco por cento de todos os terrenos expropriados, cabendo à Fenosa os sessenta e cinco por cento restantes, de ambos os lados da fronteira. O processo de reversão do negócio firmado há mais de quatro décadas conheceria só em 2014 novos desenvolvimentos, através de carta enviada pelos autarcas de Monção e Melgaço à EDP Produção.

"Tivemos quatro reuniões de trabalho desde finais de 2014 até Agosto de 2015, que foram permitindo fazer uma aproximação à forma como poderia fazer-se a reversão dos terrenos" revelou o presidente da Câmara de Melgaço, Manoel Batista, a este jornal, dando conta de um contrato que poderia estar na eminência de não se concretizar caso os representantes dos expropriados não tivessem cedido neste ponto. "A EDP Produção foi ouvindo os municípios e a Associação de Expropriados e foi-se aproximando daquilo que eram as pretensões. Inicialmente propôs um processo de comodato de três anos, que depois se alargaria. A Associação de Expropriados achou, e bem, que era um período pequeno e falou-se de sete anos e depois de dez. Depois desses dez anos, transformar-se-ia numa reversão total e definitiva. A EDP tinha aceite e chegou a este enten-



dimento e negociado isto com a Fenosa", asclarece o autarca.

A decisão de assumir a liderança das negociações a nível concelhio terá acontecido, segundo o edil, quando a Associação dos Expropriados procurou dilatar ainda mais os dez anos de comodato apresentados na última proposta da EDP Produção.

"Achou a Associação dos Expropriados que estes dez anos ainda não eram suficientes, portanto pedia outra formulação para este contrato de comodato. A EDP disse numa última reunião, que não estamos em condições de negociar mais ou alterar a proposta, ou se aceitava esta negociação ou nada. Nessa altura fiz a seguinte proposta: se a Associação dos Expropriados não aceita os dez anos e se a EDP quer fazer a ruptura da negociação, eu proponho que do lado de Melgaço o município passe a ser o interlocutor para, junto dos proprietários, vermos se existe alguma possibilidade de entendimento", confessou o autarca.

Após declinar a representação da AE para o concelho melgacense, Manoel Batista diz que o processo seguirá os procedimentos com os representantes locais. "Ja marquei reunião com os presidente das Juntas que confinam com o Rio Minho, desde Cristóval até Penso, para lhes fazer o histórico da situação e do caminho que pode ser feito", esclarece.

O património junto às águas do Rio Minho não é no entanto abundante em parcelas agrícolas na zona de Melgaço, mas o autarca aponta para uma outra valia, hoje mais rentável e sob atenção.

"As pesqueiras, muitas delas ficaram abandonadas a partir do momento da expropriação, e com esta possibilidade de reversão, algumas delas poderiam vir a ser reabilitadas".

Hoje, como e a quem atribuir um património que já não existia na relação de bens de uma ou duas gerações?

"Não é um processo simples, muitos dos proprietários já morreram e alguns dos seus legítimos herdeiros já não sabem da existência dos terrenos nem dos seus lotes, mas é uma oportunidade que não podemos perder e muitos terão conhecimento daquilo que era propriedade sua e interesse em reavê-la. É para esses que estamos a trabalhar. Verei com os presidentes de Junta a melhor forma de chegarmos à população proprietária", indica Manoel Batista.

O processo, que se prevê decorrer com alguma "brevidade", considerando a noção territorial da área respeitante a cada herdeiro não implicará, nem durante o período de comodato nem após a reversão do processo, qualquer compensação dos valores investidos na compra/expropriação efectuados por aquelas empresas.

João Martinho

## Os nossos amigos

Este nosso diálogo quer mostrar a estima que temos pelos nossos prezados assinantes e realçar aqueles que compreendem melhor as dificuldades de um jornal numa terra com pouca gente e pouca publicidade. Sabem que só com a ajuda de todos, antes de mais tendo a assinatura em dia, e depois com alguma ajuda extra para além do custo da assinatura é que a administração pode fazer face a todos os encargos que a feitura e edição e distribuição de um jornal acarreta.

Àqueles a quem enviamos recentemente uma carta lembrando a urgência de ajustar mais a assinatura, pois estavam com atrasos de 2, 3 e até 4 anos, queremos agradecer a resposta amigável de bastantes deles, pois até nos pedem desculpa do sucedido.

Permitam-me realçar ainda palavras de incentivo que recebemos de vários e que transcrevemos de dois deles: «Desejo que não falte a coragem ao senhor Padre Carlos... para continuar a dar-nos o grande prazer de recebermos «A Voz de Melgaço», que tanto aprecio, e que me faz sentir orgulho de ser melgacense» (Fernanda Gil Cerqueira). Além disso pagou 2016 como benfeitora. Obrigado, de coração. Também o senhor José Manuel Cortes, de Lisboa, pagou 2016 e 2017 como amigo de fez acompanhar o cheque com estas palavras: «Aproveito também esta ocasião para vos dar os parabéns pelo trabalho desenvolvido pela vossa equipa na informação do nosso concelho».

Como amigos, pagaram 2016: Alberto Manuel Gonçalves Esteves, de Braga; Dr. Octávio Augusto Fernandes, de Vieira do Minho, que já pagou 2017; Manuel Romano Lobato, professor, de Valença; Amândio Joaquim de Oliveira, de Melgaço e Maria Branca Domingues, de Rouças, que já adiantou 2018. Como benfeitor e palavras de muitas felicitações e incentivo destacamos o colaborador e amigo Júlio Sousa Domingues, de Monção, e ainda o Doutor Américo dos Santos Afonso, de Braga, a quem também apresentamos os pêsames pelo falecimento tão prematuro de sua dedicada esposa D.ra Maria Alexandra Rodrigues. Depois da eucaristia em Braga, o féretro seguiu para Castro Laboreiro onde, depois de nova eucaristia, foi sepultada no cemitério local em jazigo de família.

Muitos outros nos felicitam de viva voz e manifestam o seu orgulho pelo nível que o jornal alcançou, um jornal que honra, projecta a terra e a dignifica. Sem o carinho manifestado por tantos e tantos seria bem difícil enfrentar todas as renúncias que é preciso fazer para garantir que tudo funcione bem.

Aos nossos assinantes que ainda não pagaram a assinatura de 2016, mas sobretudo aos que devem outros anos, pedimos encarecidamente não se esqueçam de o fazer imediatamente, porque senão correm o risco de se irem esquecendo mais uma vez.

## ARTES *Centro de Artesanato*

Tecelagem – Bordados – Bonecas Regionais

ARTES DOCES – Doces Tradicionais



Carta n.º 110 088

TECELAGEM  
CONFECÇÃO E BORDADOS  
D.L. n.º 110/2002, de 16 de Abril  
PORTUGAL

Rosa Maria Ribeiro

Cerdedo – Prado

4960-320 Melgaço

Tel.: 251 402 133

artes\_rosamaria@hotmail.com

# Melgaço recebido com "alegria" no seu regresso a Nanterre

## Mais importante do que o negócio, é esta ligação umbilical à comunidade"

Quase vinte anos depois da primeira edição, Melgaço voltou a estar representado naquele que é um dos mais importantes eventos para as comunidades portuguesas emigradas em França.

A Feira de Nanterre, organizada pela Associação Recreativa e Cultural de Originários de Portugal (ARCOP), concretizou em 2016, de 18 a 20 de Março, a sua 13ª edição consecutiva, mas a história desta feira assenta raízes em data anterior ao início do século XXI. Quem o garante é o presidente da Câmara de Melgaço, Manoel Batista, impulsor da presença da autarquia e dos produtos locais na edição de 2016, recordando uma participação melgacense "há cerca de dezoito anos, numa edição embrionária" do evento que tinha na sua fundação dois melgacenses.

A descontinuação poderá ter apagado de algumas memórias a participação activa de Melgaço no certame, mas a autarquia garante que este regresso à feira é para ficar. A par de representantes do executivo perfilarão alguns dos produtores de vinho, fumeiro e queijos do concelho, que foram recebidos com "alegria" pelos melgacenses que visitaram o evento e o stand da sua terra natal.

"A recepção foi excelente, não podia ter sido melhor", assegurou o autarca, sublinhando a oportunidade de aproximar o sentimento pátrio dos que, longe, apreciam com especial sensibilidade tudo o que a sua terra produz. "Foi uma oportunidade na Sexta, mas sobretudo no Sábado e no Domingo, para juntar junto



ao stand de Melgaço um grupo muito alargado de gente emigrante. Para mim foi uma enorme alegria, um prazer e um privilégio partilhar com eles estes momentos e dizer-lhes que será o primeiro de muitos momentos, pois queremos manter esta presença", notou o edil.

Prática costumeira para os concelhos vizinhos, que a cada ano asseguram banca nesta mostra junto das comunidades, a participação melgacense ressentiu-se da falta de 'prática' neste evento e concebeu o espaço que lhe atribuíam "sem conhecer como era a estrutura da feira". A inexperiência (e limitações do pavilhão onde a iniciativa se realiza) constrangiu um pouco a exposição dos sete produtores que acederam ao convite feito pela autarquia, mas o autarca admite fazer "alguma afinação" na participação já para o próximo ano, conhecida que está a 'mecânica' e concepção do espaço.

Para Manoel Batista, a presença melgacense "faz sentido pela proximidade a esta comunidade, que merece este esforço

da parte do município", mas é também o saldar de uma "dívida" para com quem está longe. "É uma dívida que o município tem para com esta comunidade, esta presença junto deles serve para lhes dar alento, dizer que "estamos aqui, estamos convosco, vimos ao vosso encontro" e essa dívida paga-se indo lá. Mais importante do que o negócio que pode ser gerado, é esta ligação umbilical à comunidade, eles sentirem que não estamos apenas aqui para os acolher quando cá chegam, mas também vamos até lá, ao território onde estão o ano todo".

Entre os produtores que acompanharam o presidente da Câmara, a avaliação é "um pouco variada". "Uns vêm motivados, outros porventura não", observou o autarca, adiantando no entanto que, a seguir à edição da Festa do Alvarinho e do Fumeiro de Melgaço, reunirá com os produtores para "fazer essa avaliação" e começar a definir quem repetirá a experiência junto da diáspora em 2016.

João Martinho

## 306 Anos de Lausperene Quaresmal na Igreja da Nossa Senhora-a-Branca | Braga



DOIS ASPECTOS DO ARRANJO FLORAL E EXPOSIÇÃO DA CUSTÓDIA, NÃO NO TRONO MAS SOBRE O ALTAR. DIAS 21 E 22 DE MARÇO, DAS 9H ÀS 20H.

PRESIDIU AO ENCERRAMENTO O BISPO AUXILIAR D. NUNO ALMEIDA



Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta  
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos

919 988 184  
964 877 598

**hospital particular**  
Viana do castelo  
258 808 030

www.clinicadeotorrino.com

Edif. Correios, 2º  
4950 - Monção  
251 652 756

**Farmácia Dias Ferreira**

**Rastreio Osteoporose**

**GRATUITO**

**em Melgaço**

**15 de Abril de 2016**

**Das 10 às 19 horas**

**Faça já a sua inscrição!**

**Pessoalmente ou através do 251 403 312/  
961 197 872**

**Estamos há sua espera...**

# Só a misericórdia pode salvar a família e o mundo

O franciscano Raniero Cantalamessa, pregador da Casa Pontifícia, proferiu em Sexta-Feira Santa uma homília que vamos seguir no essencial e de forma muito resumida, pois se ajusta à oitava de Páscoa, dia da Divina Misericórdia.

Tentou alertar-nos para o que de facto nos afasta de Deus: «Inconscientemente, liga-se a vontade de Deus com tudo o que é desagradável, doloroso, o que, de uma maneira ou outra, pode ser visto como limitador da liberdade e desenvolvimento individual. Quase como se Deus fosse o inimigo de toda a festa, alegria e prazer. Um Deus duro e inquisidor». E isto não é mais que uma reminiscência da ideia pagã de Deus, que nunca foi totalmente erradicada. É nesta ideia que se baseia a tragédia grega: Deus é o que intervém, através do castigo divino, para restabelecer a ordem moral perturbada pelo mal. Na origem de tudo, está a ideia de um Deus invejoso do homem, que a serpente inoculou em Adão e Eva.

O cristianismo não ignorou a misericórdia divina, só que era a excepção e não a regra. Este ano da misericórdia é a oportunidade de ouro para fazer reluzir a verdadeira imagem do Deus bíblico, que não apenas tem misericórdia, mas que é misericórdia. Na Trindade, Deus é amor, sem ser misericórdia, pois que o Pai ame o Filho, não é graça ou concessão; é necessidade, embora perfeitamente livre. Que o Filho ame o Pai, não é graça ou favor, pois Ele necessita de ser amado e de amar para ser Filho. O mesmo se diga do Espírito Santo, que é o amor personificado. É apenas quando cria o mundo e pessoas livres, que o amor deixa de ser

natureza, e se converte em graça. Este amor é uma concessão livre. Podia não existir; é 'hesed' – amor do mais profundo das entranhas –, graça e misericórdia. O pecado do homem não muda a natureza deste amor, mas provoca um salto qualitativo: da misericórdia como dom, passa-se à misericórdia como perdão. De um amor de simples doação, passa-se a um amor de sofrimento, porque Deus sofre face à recusa do seu amor.

Como é que Deus faz justiça? Sendo misericordioso. É esta a grande revelação. Paulo diz que Deus é justo e justifica, isto é, que é justo consigo mesmo quando justifica o homem. Ele, de facto, é amor e misericórdia. Por isso faz justiça consigo mesmo – isto é, demonstra realmente o que é – quando é misericordioso. A justiça de Deus é a que nos faz justos mediante a sua graça; tal como a salvação do Senhor é aquela pela qual nos salva. A justiça de Deus é um acto pelo qual Deus torna justos e agradáveis a Ele, todos aqueles que acreditam no seu Filho. Não é um 'fazer-se justiça', mas tornar justos. Foi isto que descobriu Lutero. Dizer, por conseguinte: «Manifestou-se a justiça de Deus» é como dizer: manifestou-se a bondade de Deus, o seu amor, a sua misericórdia. Pelo que, a justiça de Deus não só não contradiz a sua misericórdia, como consiste precisamente em ser misericórdia.

O amor de Deus alcançou o homem no ponto mais afastado em que se tinha metido, fugindo dele, isto é, na morte. A morte de Cristo tinha de aparecer a todos como a prova suprema da misericórdia de Deus para com os pecadores. Por isso morre entre dois

ladrões e morre com eles.

O oposto da misericórdia não é a justiça, mas a vingança, a lei de talião. Temos que desmistificar a vingança, pois é ela a origem da maior parte do sofrimento que existe no mundo. Só há uma coisa que pode salvar realmente o mundo: a misericórdia! A misericórdia de Deus pelos homens e dos homens entre si. Só ela pode salvar a coisa mais preciosa e mais frágil que existe no mundo, neste momento – o matrimónio e a família. É certo que, no início de todo o matrimónio, está o amor, e não a misericórdia. Mas, depois de anos ou meses de vida em comum, emergem os limites recíprocos, as incompreensões, os problemas de saúde, de dinheiro, dos filhos. Intervém também a rotina que apaga a alegria. Só a misericórdia pode salvar o matrimónio de resvalar para o precipício. A misericórdia entendida biblicamente, isto é, não apenas como perdão recíproco, mas também o revestir-se de sentimentos de ternura, de bondade, de humildade, de mansidão e de magnanimidade. (Cl 3, 12) faz com que ao 'eros' – o amor paixão – se acrescente o ágape, o amor de busca, de entrega incondicional, de total doação e compaixão. Se Deus tem piedade do homem (Sal 102, 13), não deveriam, marido e mulher, apiedarem-se um do outro? E não deveríamos, nós que vivemos em comunidade, apiedar-nos uns dos outros, em vez de nos julgarmos?

Concluiu com uma oração:

*«Senhor, faz cair do coração das pessoas, das famílias e dos povos, o desejo de vingança, e faz-nos enamorar da misericórdia».*

## Ideias&Negócios Estaremos a perder uma oportunidade? Portugal 2020

Foram, durante o mês de Março, publicados os resultados dos primeiros projectos de investimento aprovados ao abrigo do novo quadro comunitário de apoio e mais concretamente do Norte2020.

Os resultados para o Alto Minho, são preocupantes e exigem reflexão, quando comparados com quem compete com o Alto Minho na captação de investimento.

O seguinte quadro mostra o numero de projectos e volume de investimento aprovados no Alto Minho e regiões limítrofes:

Região	Projectos Aprovados	Investimento	Investimento Apoiado
Alto Minho	35	7 306 374,20€	4 031 768,00€
Cávado	199	47 397 816,00€	25 506 809,00€
Ave	215	61 132 751,00€	31 778 391,00€
AM Porto	809	213 102 409,00€	107 741 978,00€

Em termos de municípios o numero de projectos apoiados no Alto Minho dispersa-se da seguinte forma:

Concelho	Nº de Projectos
Arcos de Valdevez	2
Caminha	7
Cerveira	0
Melgaço	1
Monção	2
Paredes de Coura	0
Ponte da Barca	3
Ponte de Lima	9
Valença	0
Viana do Castelo	11

Estes resultados deveriam levar a uma urgente reflexão de todos os agentes públicos e privados responsáveis pela dinamização e captação de investimento. Como é que se explica que o Alto Minho tenha 6 vezes menos investimento aprovado que a região do Vale do Cávado e 8 vezes menos que o Vale do Ave? Se o fosso já era grande, a falta de dinamismo empresarial e de investimento na nossa região irá ainda aumentá-lo ainda mais.

Com a disponibilização de milhões de euros para investimento no nosso tecido produtivo, em inovação de produto e de processos, em captação de novas unidades produtivas, como se pode explicar que há concelhos em que nem um projecto foi aprovado?

Vários factores se unem para que tal aconteça, um tecido empresarial pouco desenvolvido, a falta de capacidade de atração de investimento e a deficiente focalização dos decisores políticos nesta nova oportunidade que o novo quadro comunitário de apoio representa capacitando a região com condições para que seja criada uma cultura de inovação e de criação de novos postos de emprego.

Pedro Sousa Silva  
PSD Melgaço

### MOVEIS DO CASTELO

Ramiro de Lima A. Cerqueira

FACILIDADE DE PAGAMENTO  
ATÉ 12 MESES

ESTOFOS  
LINHAS DIREITAS – CLÁSSICOS  
MACIÇOS – E AVULSO



Rua da Escola, n.º 20 | Rua da Calçada, n.º 92  
Tels. 251 402 965 – 251 404 791 | VILA – MELGAÇO

### Anselmo Malheiro e Rui Malheiro

MEDIADORES DE SEGUROS

RUA RIO PORTO, 215 | 4960-568 MELGAÇO  
Tif 251 404 031 | Fax 251 404 039 | Tlm 933 291 437

URB. QT.ª ANDORINHAS, 83 | 4950-855 MONÇÃO  
Tif 251 653 224 | Fax 251 653 226 | Tlm 935 267 109

E-mail: anselmo@seguros.webside.pt

### Vende-se

EM MELGAÇO

Casa com terreno que dá para construção

RUA DA BARBOSA | VILA

Tlm. 917 954 996



# Análise da obra de Jorge Amado "CACAU"

Todos sabemos quanto Jorge Amado é dos autores brasileiros mais lidos, traduzidos em outras línguas, livros que se lêem com agrado, se transformam em tele-novelas, peças teatrais ou filmes, amplamente assistidos e premiados, por quem sabe apreciar o que tem qualidade. Pertencem a este grupo "Gabriela Cravo e Canela", "Dona Flor e seus dois Maridos" e por aí vai. São livros volumosos de muitas páginas com muitos personagens, o estilo de romance que caracteriza uma época. Mas Jorge Amado também escreveu romances mais curtos, circunscritos a um número reduzido de personagens e de lugares. É aqui que podemos colocar "Cacau".

O autor é baiano do interior, grandemente conhecedor dos locais onde situa a sua obra, incluindo o linguajar do povo simples, analfabeto, a quem a vida privou de todas as regalias e nem deixou as crianças serem crianças, que cedo iniciavam os seus trabalhos no campo, na maior parte do tempo, superiores às suas forças.

Tudo se passa numa roça de cacau que desde o plantio à safra ocupa muitos braços e pés...pois o pisar do fruto é feito da forma mais primitiva, sem auxílio de alfaias que possam atenuar a dureza do trabalho. Os senhores das roças, também chamados de coronéis, viviam na casa grande, confortável, com todos os requisitos do luxo da

época, quer no mobiliário, nas louças vindas de França, no vestuário sumptuoso, principalmente das damas, verdadeiros "príncipes" em terras de pobres.

Os trabalhadores contratados podiam ser despedidos, pela simples vontade do dono, sem legislação que os protegesse.

Compravam na cantina da roça os bens alimentares e a contabilidade era feita de forma a que estivessem sempre em dívida com o patrão. Isso os amarrava ao lugar, pelo que se lhe quisermos chamar trabalho escravo, não há grande diferença.

Um ódio que corrói os corações daqueles que se sentem enganados, desprezados, sovados e tidos como máquinas de trabalho, haverá de os levar à revolta mais tarde ou mais cedo.

A única forma de distração para aqueles pobres homens era visitar o lupanar da aldeia vizinha, em noite de grande borgia e muita cachaça. E até aí, há cenas de ciúmes que acabam em tragédia.

A nota mais positiva que me encantou neste romance dá-se quando o senhor da fazenda manda matar um dos contratados que fugiu, encarrega disso um outro contratado a troco duma quantia que ele nunca tinha suposto algum dia possuir. E esse homem pobre, protege o fugitivo, porque a sua consciência de classe falou mais alto.

Parabéns Jorge Amado por te-

res colocado no nobre coração dum pobre, sem eira nem beira, a dignidade que enobrece o ser humano.

Para o final do romance começamos a nos aperceber como os tempos estão mudando. Os ecos de Revolução Francesa de 1789, já se alastravam pelo resto da Europa. O assassinato dos Romanof e de toda a família imperial russa, com a implantação do marxismo-leninismo e a sua expansão mais ou menos rápida, levou bem mais tempo a chegar a terras brasileiras. Mas são os novos tempos que se anunciam, de tal forma contrários aos que vinham de trás e permaneciam, que Jorge Amado até consegue "casar" a filha do coronel, com um antigo assalariado da sua roça. Aconteceu mesmo? Pura imaginação? Tanto faz...

Aconselho a leitura deste livro e de tantos outros que, quando escritos por um autor consciencioso, conhecedor dos locais e das gentes, que nos transporta ao passado, chegamos a pensar que estamos lendo um livro de História. Viajar no tempo e no espaço, por lugares onde nunca estivemos, nem nunca viremos a estar, é uma boa ocupação de tempo... muito económica!!!

*Maria Ivone  
Março de 2016*

*CACAU  
(Livro de Jorge Amado)  
analisado e comentado*

## O que é a eutanásia

*Há assuntos sobre os quais devíamos estar calados. Sobretudo se não fazemos ideia do que estamos a falar. O recente debate sobre a eutanásia é um exemplo disso. Todos falam e ninguém sabe o que diz...*

O debate sobre a eutanásia é obrigatório. Não porque o que está em questão seja uma disputa entre a liberdade individual e o direito à vida, mas porque, pura e simplesmente, ninguém sabe do que está a falar.

Nem médicos – é lamentável a entrevista do médico Pereira Coelho a António Esteves na RTP África. Nem enfermeiros – a bastonária dos Enfermeiros ainda não percebeu que já não é uma líder estudantil e diz o que lhe ocorre com toda a gente a ouvir, precisa de um treino mediático. Nem jornalistas – há enormidades, ditas e

escritas, muitas delas visando apenas aumentar audiências à custa de qualquer assunto fraturante.

Ultimamente vivemos um tempo em que os assuntos, por serem hipermediatizados, independentemente da sua natureza, ganham logo uma espécie de urgência em serem resolvidos para o sim ou para o não, o mais depressa possível. Como se o meio-termo não fosse uma opção. E às vezes até parece que isto acontece porque um grupo da sociedade está interessado em resolver essas questões porque os atingem particularmente. Como dizia Estaline, se é certo que a morte de uma pessoa é uma tragédia, a de milhões é apenas estatística. Com todo o respeito, os dramas pessoais nunca foram, nem podem ser, bons catalisadores pessoais.

Mas vamos aos factos. O doutor Pereira Coelho confundiu eutanásia com ortotanásia. Quando diz que ajudou a morrer o próprio pai quando este entrou em coma, o que

ele fez não foi eutanásia, mas sim ortotanásia. Isto é, permitiu que a natureza seguisse o seu caminho, deixando o seu pai morrer de forma natural e com tranquilidade. Não utilizou a tecnologia para o forçar a continuar vivo, o que seria distanásia, que é manter a vida sem esperança. Eutanásia é outra coisa.

Eutanásia é intervir ativamente para tirar a vida, o que é muito diferente de permitir que a morte chegue com naturalidade. Uma coisa é ajudar a morrer, outra é matar.

Um médico que conheci recentemente, que trabalha com os mais idosos e doentes, disse-me, sorrindo, que o que mais fazia era "mentir". Não aprofundámos o tema, mas pensei: dar esperança a quem tem pouco tempo de vida é muito diferente de tirar a vida a quem tem já pouca esperança.

*José Manuel Diogo  
Especialista em Media Intelligence  
J.N. 06/03*

## FLASHS DO CICLO A Presidência da República (A César o que é de César)

No verão do ano 2013, altura em que estavam em foco, as eleições autárquicas, desloquei-me a Lamas de Mouro, com uns amigos de Monção, para ali promovermos um convívio. No decorrer do mesmo, sabendo que, amigos meus, se encontravam num café local, dirigi-me ao café. Como a data era de eleições, discutia-se Política. Na apreciação dos políticos, cada um a defender os da sua cor os outros é que eram os maus, houve um que, depois soube ser o autarca local, que acusava Cavaco Silva, de ser o culpado de todos os males, apresentando, como exemplo, o "Escandaloso aumento de ordenado dos professores primários, o que, levou outro, a contestar, dizendo-lhe, que estava enganado, pois não havia sido Cavaco Silva, quem cometeu essa barbaridade. No entanto, o dito autarca, querendo mostrar, que ele é que sabia, acrescentou, que até sabia a data, 1997. Na data teve a concordância, do opositor. O pior foi quando este, lhe perguntou, quem era nesse ano o Primeiro Ministro, visto Cavaco Silva, ter saído em 1995. O homem caiu das nuvens. Mas eu não estranhei, pois estou cheio de ouvir essa asneira. Porque há os que estão enganados, mas quem troca os nomes de quem faz o mal, é sempre, com a ideia de que, uma mentira dita muitas vezes, passa a ser tida como verdadeira. Cavaco, nesse aspecto foi mártir. É curiosa a comparação que fazem, como Presidente da República, entre ele e Mário Soares! Não reparou que Mário Soares teve o melhor Primeiro Ministro do pós 25 de Abril e Cavaco Silva apanhou os piores. Ou seja, Mário Soares passou os dez anos, graças a Cavaco Silva, o melhor período, de estabilidade, o que permitiu deixar Portugal, em franco progresso. Depois, entrou Guterres que, com a omissão de Sampaio, levou Portugal ao pântano e fugiu. É curioso que hoje é considerado o homem brilhante para quaisquer lugares. Mas foi, nos governos de Guterres, que começaram a surgir, os primeiros casos graves de corrupção. O caso da antiga JAE (Junta Autónoma das Estradas) que levou a demissão do General Garcia dos Santos, por não concordar com a roubalheira que existia na referida junta, bem como o da Fundação Fantasma de Armando Vara, que Fernando Gomes, foi demitido do Governo, por se opor a tal Fundação, não falando, no Conselho de Ministros, pela forma como foi aprovado o projecto do FRIPOR, acabou com Portugal no Pântano. E é curioso que, durante os governos do PS, governos dominados pela roubalheira e corrupção, só houve um ministro durante os governos de Guterres que abandonou, por discordar, da forma como governava, Daniel Bessa e também só um, no Governo de Sócrates que foi Campos e Cunha, este porque não aceitou a proposta de Sócrates, para substituir, a Direcção da CGD, pois havia que os indemnizar, em milhões, para lá meter o infalível Armando Vara, para lugar próprio da corrupção, o que aconteceu com o ministro Teixeira dos Santos, que com coisas destas, conduziu Portugal à Bancarrota, embora contra vontade, visto ter ficado provado, que nos últimos meses, o primeiro ministro e o ministro das finanças estavam de costas voltadas. Já vi escrito que Campos e Cunha havia saído, por causa da reforma do Banco. Devo dizer, que considero isso asneira, mais, considero esses dois ministros, exemplares, principalmente desde que saíram dos respectivos governos. Agora, temos novo Presidente, é diferente, não sei se será melhor ou pior. Também não sei se começa bem ou mal, o que penso é que muita gente gosta do populismo. Assim não sei o que será quando lhe fizerem pedidos, como já ouvi, que não pode fazer. Cavaco Silva foi mais acusado por cumprir a Lei do que por incumprimento. Ainda há dias, ouvi num debate na TV que ao criticarem as últimas condecorações que fez, voltou a ser acusado por não ter concedido a Salgueiro Maia, uma pensão, que só podia ser concedida, naqueles termos, a grandes heróis, sendo por isso obrigatório o parecer do STM (Supremo Tribunal Militar). Como o tribunal, julgo que muito bem, deu o parecer negativo, visto que Salgueiro Maia não foi nenhum herói, pois como Salgueiro Maia havia muitos, até porque foram muitos promovidos a generais e o Maia foi desterrado para os Açores, só quando souberam que tinha pouco tempo de vida, é que se lembraram de abrir com base na pensão ao Maia, oportunidade de outros apanharem a boleia. Assim, o Tribunal não aprovou. O parecer é vinculativo, Cavaco Silva podia ter muita vontade, mas não podia. Agora, quando não encontram razões para atacar, aproveitam onde podem sem razão. Efectivamente, apenas o Advogado e Jornalista Francisco Sousa Tavares se insurgiu contra os Generais, chamando-lhes parasitas, pelo que enfrentou um processo, que não chegou ao fim, por falecimento do Réu. Para terminar, apetece-me lembrar o que diriam de Cavaco Silva se tivesse uma convivência com um amigo, como o Eanes tinha, na Ponte de Mouro, Monção, onde passava dias e recebia centenas de milhar de contos para fazer as campanhas. Caía o Carmo e a Trindade. Espero pelo próximo e último roteiro que Cavaco Silva, está a escrever, que deverá descobrir, com certeza, os problemas que teve para aturar os governos que suportou...

*Arménio Melo*

# Padre na Páscoa atravessa o Rio Minho

*Neste período do ano em que a primavera nos saúda com mais luz e flores, invadem-nos rituais cósmicos, teológicos e escatológicos.*

*Há uma grande simbologia misturada com flores, gestos, sons, aromas, tons, palavras, canto, fogo, água, música clássica e música de cariz etnográfico, e escutamos narrativas bíblicas.*

*Ouvimos relatos de memórias familiares, num verdadeiro culto dos antepassados em tempo festivo.*



Lembramos do escritor Mário Cláudio: “Guilhermina partiu, muito longe demora, nunca saberemos que história contaria”.

É frequente ouvirmos dizer: “A minha vida dava uma história; se fosse a contar tudo o que passei dava um bom romance. Quando tiver tempo, vou escrever a história da minha vida. O filme da minha vida enchia cinemas. Tenho muito que contar aos meus netos, pois a minha história é muito enredada”.

Nos meios rurais ainda se acrescenta: “Ai! Se soubesse

escrever em letra redonda as dificuldades que passei, fazia chorar muita gente... Ainda me lembro”... e a história vai sendo contada.

Georges Duby no prefácio da grande obra “História da Vida Privada” escreve: “A excelente ideia de apresentar a um grande público uma história da vida privada partiu de Michel Winock.”

Philippe Ariés agarrou-a e lançou este empreendimento” (...)

Em cada época “alguns provêm de um passado longínquo”,

notava Philippe Ariés num dos documentos de trabalho. Outros, acrescentava, “mais recentes, estão destinadas a evoluir, desenvolvendo-se, abortando ou ainda modificando-se ao ponto de se tornarem irreconhecíveis”.

Se as pessoas tem história, também os territórios a possuem, e por isso falamos nas paisagens culturais, sonoras e globais, podendo dizer que são fruto duma longa elaboração humana.

O rio Minho é referido pelos romanos, e Estrabão afirma que é o maior da Lusitânia, sendo “navegável oitocentos estádios”. Tem a sua nascente nos montados da Meira (Lugo), transpondo diagonalmente a Galiza e a partir de

*Continua na pág. seguinte*



Continuação da pág. anterior

S. Gregório, concelho de Melgaço, forma a linha geográfica Espanha-Portugal.

Sendo um rio lendário e mítico, possui uma fauna riquíssima, capturando-se nas pescarias a lampreia, o salmão e o sável.

Devido à abundância do apreciado peixe e à fertilidade das suas margens, os galegos chamam-lhe "Pai-Minho".

Os poetas inspiram-se na sua aragem bucólica e força cósmica.

Se o poeta raiano João Verde Lançou largo olhares pelas suas margens, a sua alma cantou-o como consta na azulejaria; "Vendo-o assim tão pertinho,/ A Galiza mail'o Minho" (...)

A poetisa Rosália de Castro não o esqueceu:

*"Serpenteando vai o Miño  
Fondo às vezes como o mare  
Paro sempre caladinho.  
Caladiño e misterioso  
Como sombra ou passo leve,  
Que non quer turbar reposo..."*

Pois que o rio Minho continua caladinho e só nos revela alguns segredos das memórias com rituais, como o "Lanço da Cruz", que ocorre na segunda-feira de Páscoa.

Assim, poderemos sentir reminiscências do culto das águas e saborear a sua riqueza piscícola.

## CRUZ DE PRATA MARTELADA



Cristelo Covo é uma aldeia do concelho de Valença, banhada em toda a longitude pelas águas apressadas do rio Minho.

Possui algumas singularidades patrimoniais, sendo uma delas, a cruz paroquial da primeira metade do século XVII. O conjunto consta de três elementos; o pé, o nó e a cruz.

O pé é cilíndrico e oco, para o encaixe da haste processional,

decorado, com motivos geométricos.

O nó consta de três partes; um foro decorado com demónios e querubins, donde podem seis tintinábulo; um cilindro, separado do toro anterior por uma escória, dividido em seis partes por pilastras com pináculos de tradição manuelina, formando nichos de estilo renascença, onde se situam as imagens de S. João, S. Tiago Maior, S. Pedro, Stª. Maria Madalena e Nª. Senhora da Conceição; o nó remata por outro toro menos espesso decorado com anjos e demónios.

A cruz está decorada com máscaras grotescas e querubins nas pontas. No cruzamento das hastes apresenta esculpidos um Senhor dos Passos com a virgem, um verdugo e um discípulo.

O processo de escultura é de prata martelada e repuxada.

## ONDE AS ANDORINHAS FAZEM NINHO

Em Março de 2001 concretizamos uma recolha antropológica em Cristelo Covo e assim registamos:

*"Esta cruz paroquial e processional só é utilizada nas grandes solenidades", conforme nos revela Padre José Marques Alves, pároco há quarenta e quatro anos na aldeia valenciana. "Só o peso da prata deve valer dois mil contos", revela o presbítero que conserva esta jóia acautelada de mão alheia, e por isso guardada num local impenetrável.*

*Aquando a visita pascal, é a referida cruz levada de casa em casa, para a cerimónia do anúncio da Ressurreição."*



O Revº Marques Alves que vive numa casa paroquial datada de 1677, e onde as andorinhas fazem ninhos, sendo sereno e amável, vai gastando, o pouco do seu tempo disponível, no largo passal

onde trata da vinha e das árvores, oferecendo, a quem o visita, uns bons limões para ajudarem a temperar os sáveis que porventura caiam nas redes colocadas no rio, mesmo ali ao lado.

Como em todas as aldeias do Minho, a visita pascal é uma cerimónia festiva e densa de simbologias.

Ela concretiza a mobilidade social, fortalece os laços da comunidade, refresca a coesão social, aumenta a reciprocidade, sendo a comensalidade (o almoço da Páscoa) um sinal marcante da época do ano. O cabrito assado no forno de lenha, espalha os aromas que são superiorizados pelos paladares.

Se os testemunhos da boa vizinhança e amizade são bastantes, os laços de consanguinidade são mais fortes. Os afilhados e padrinhos nos dias pascais encontram-se para gestos de agradecimento, que passam pelos folares diversificados.

O Pároco Marques Alves Vai passando pelas casas dos seus paroquianos, levando o mordomo a cruz paroquial e o acólito a caldeira com água benta.

## LANÇO DA CRUZ

Aqui o além ouve-se o estrear de foguetes, os sons dos zés-pereiras e a gaita galega.

É a segunda-feira de Páscoa.

É o dia do lanço da cruz

É o dia em que o Padre Marques Alves atravessa o rio Minho, para ir à margem galega anunciar a Ressurreição e cumprimentar em galego todos os participantes.

É uma cerimónia interessante, único, sem fronteiras e que tem uma tradição muito antiga.



## SIMBOLOGIA DA PURIFICAÇÃO

Os rituais da Páscoa, inserem-se no tecido mítico dos significados da água, símbolo da purificação e de regeneração em todas as mitologias, e também no cristianismo, através do ritual do baptismo e da bênção da água benta, de acordo com H. Alves. As aspersões de água assumem uma grande importância na prática do ciclo pascal, de

acordo com a liturgia e a tradição.

Consultando "O Minho Pitoresco" (1886) de José Augusto Vieira, e a obra "Portugal Antigo e Moderno" (1874) de Pinho Leal, ambos os escritores fazem referência ao cerimonial do "LANÇO DA CRUZ".

Consiste no seguinte: "O Abade, o mordomo, e alguns pescadores, metem-se com a cruz dentro de um barco, e atravessando o rio, o benze o pároco e depois se larga uma rede, sendo para o abade o peixe que ela colher. Poucas vezes o pobre abade arranja cousa que valha a pena, mas em 1872, favoreceu-o a sorte, arranjado com o barco do Lanço da Cruz, 16 sáveis.

Quando está bom é este um divertimento a que concorre grande multidão de Portugal e Espanha, ficando então despoçada a vila de Valença".

Assim descreve Pinho Leal.

A descrição do Minho Pitoresco acrescenta que a cruz ornamentada com fitas e flores, e o pároco toma lugar no barco mais novo, pormenores que se conservam nos tempos de hoje.

O Padre Marques Alves realiza a cerimónia com toda a solenidade e envolto pelos sons festivos duma e outra margem. Vai dizendo que para além das duas lampreias que sempre caíem na rede, também no ano de 1955, pescaram dois sáveis.

## VISITA PASCAL SEM FRONTEIRAS

A "Visita Pascal sem Fronteiras", assim a podíamos denominar, também envolve o "Cura Galego".

Inicia-se coma bênção das redes do lanço, e prossegue com a passagem de comitiva duma à outra banda, o "dar a cruz a beijar", pelo lanço da cruz e respectiva oferta da pescaria ao pároco de Cristelo Covo. Tem sempre boa sorte, e nas redes aparecem as duas lampreias como trancas.

Os barcos portugueses vão à margem galega e outras embarcações com comitiva semelhante rumam a "banda" portuguesa, ao sítio da Senhora da Cabeça. Aí também se dá o cruxifixo a beijar, manifestando o "Cura da Galiza" (Sobrado - Tomiño) a todos a sua satisfação pela "boa irmandade" e desejando "boas páscoas".

## HOJE HÁ FESTA AO PÉ DO MIÑO

Nestes rituais do "Lanço a Cruz" recordamos o conto "Fron-



teira", de Miguel Torga: "O rapaz era do Minho, acostumada ao positivismo da sua terra: um lameiro, uma junta de bois, uma videira de enforcado, o abade muito vermelho à varanda da residência e o Senhor pela Páscoa".

O "Lanço da Cruz" é uma autêntica romaria luso-galaica com sons de gaitas e zés-pereiras.

Há música no ar e alegria nos rostos...

São os laços antigos e conversas de hoje.

É de recordar o poema "Hoxe há Festa ao pé do Miño", do arcebispo-poeta Gago González:

*"Xá non teño pai nin nai/nin nesta terra parentes;/sou filha de herbas tristes/ Neta de águas correntes"*

A festa continua na terça-feira de Páscoa à volta da capela da Senhora da Cabeça.

Há muitos anos dizia-se nas terras de Valença, por altura da Páscoa: "O sábado é para matar o carneiro; o domingo para o assar; a segunda para o comer e a terça-feira para acabar".

Sim, a festa continua com mais protagonistas da zona raiana das duas margens do rio Minho.

A "irmandade" tem-se reforçado, "olhando para o futuro do passado", e numa continuidade e esforço da paisagem cultural.

Se o Padre José Marques já não atravessa o rio, pois está jubilado, o Padre Eugénio Silva, actual pároco de Cristelo Covo cumpre com solenidade os rituais transfronteiriços acompanhado por sons musicais das duas bandas.

*José Rodrigues Lima*

## Poejo – Hortelã dos pulmões



Como fã de plantas medicinais o poejo faz parte das minhas plantas de jardim. É uma planta popular, não apenas por ser considerada ornamental, mas também por possuir propriedades medicinais. Pelo seu cheiro forte, é conhecido também como a “hortelã dos pulmões”, indicado como expetorante e principalmente nos tratamentos de gripe, resfriado e tosse. Neste momento estou a escrever com uma caneca de chá de poejo, como companhia, pois os vírus da gripe resolveram fazer-me uma visita.

Também é conhecida como menta-silvestre. Poderosa aliada na luta contra os sintomas de gripes e resfriados, o poejo também funciona como um excelente digestivo, pois possui substâncias capazes de diminuir acidez do estômago, melhorar o problema de gases intestinais e combater vermes presentes nesse órgão, além de aliviar dores estomacais.

O Poejo é uma planta de aroma e paladar refrescante, semelhante ao da hortelã-pimenta, muito utilizada na gastronomia tradicional do Alentejo. A infusão produz um efeito calmante e desintoxicante, estimula o apetite e ajuda à digestão. A infusão não deve ser ingerida durante a gravidez e aleitação.

Como tem ação cicatrizante ajuda a aliviar picadas de insetos e a acalmar inflamações, principalmente na boca.

O poejo é uma planta rasteira, com folhas pequenas e ovais que cheiram a hortelã. As folhas são opostas, ovais e verde-acinzentadas. As flores róseas ou violáceas agrupam-se formando bolas que surgem a partir da metade superior dos ramos. É uma espécie de menta que se diferencia das outras por possuir odor mais forte. É cultivada ou nasce espontaneamente em regiões de solo mais húmido, necessitando receber, no mínimo, 4 horas diárias de luz solar direta. A melhor forma de a propagar é a que é feita através dos ramos da planta mãe, plantados, de preferência, na primavera ou outono, em solo bem adubado, profundo e húmido, espalhando-se com grande facilidade. A colheita deve ser feita durante o verão, com o corte dos galhos floridos, logo abaixo das flores. Os ramos, secos à sombra, devem ser guardados em frascos de vidro escuro.

O seu nome científico é *Mentha Pulegium*. A palavra *pulegium* vem da palavra *pulex*, que em latim quer dizer pulga. Antigamente costumava-se queimar o poejo dentro das casas para repelir insetos. O poejo é uma planta originária do Mediterrâneo e Ásia Ocidental, muito utilizada pelos chineses antigos para fins medicinais, na aromaterapia, ou por povos antigos na confeção de coroas para cerimônias. Além desses usos antigos, hoje em dia também é usado na culinária como tempero.

Esta planta é também utilizada em alguns pratos típicos da região alentejana como a sopa de cação, sopa de feijão e também como tempero na preparação de pratos de peixe e saladas. Na açorda d’alho, hoje mais conhecida como açorda alentejana, há quem prefira o gosto do Poejo ao do paladar do coentro e ainda quem ache que o ideal é a mistura dos dois. O licor de Poejo é, também, muito apreciado, não só pelo gosto mas também pelo seu aroma e cor.

*Teresa Tábuas*

## Já se foram os anéis. Agora estão a ir os Dedos!

Esta expressão é muito usada, para quando se perdem os nossos maiores valores patrimoniais e no momento que atravessámos tem a sua razão de ser.

Todos os dias somos informados de negociatas, envolvendo capitais estrangeiros, os quais se apoderam dos nossos bancos, seguradoras, e também empresas vitais para a nossa economia. Não importa se esse capital é chinês, angolano, ou provém de algum paraíso fiscal, já que o interesse pátrio não se preocupa da proveniência desse dinheiro, ou como foi obtido.

Esta situação verificou-se com os “vistos gold”, dados a todos aqueles que desejassem investir no nosso país, desde que comprasse habitação de um determinado valor, passando a residir no nosso país e por consequência a estabelecer aqui também negócios. Como bem sabemos, a “bronca” estourou, pois as facilidades que foram oferecidas, levaram ao afastamento do responsável do SEF e à demissão do ministro da Administração Interna na altura, Miguel Macedo, por se provar que tinha havido tráfico de influências.

As “negociatas” que são referenciadas nos meios de comunicação social, por parte dos investidores estrangeiros que vão comprando e investindo nas nossas empresas, são sancionadas e orientadas por diversos e importantes escritórios de advogados, da praça de Lisboa, os quais, por sua vez, têm nos seus quadros colaboradores (advogados), com assento na Assembleia da República, onde, para além do acesso privilegiado às informações de muitas empresas, procuram junto dos ministros a obtenção de favores para ultrapassar os impasses que possam surgir. Chegam até, a propor legislação de modo a contornar leis para levar a bom termo essas “negociatas”.

É assim que, empresas vitais e lucrativas para a economia do país, e importantes no campo social também, são já na maior parte capital estrangeiro, bastando referir a EDP, os Correios, a TAP, não querendo esquecer a privada Efacec, cujo capital maioritário é angolano, por parte de Isabel dos Santos, classificada como uma das maiores fortunas de África.

Para além do que referi, atencemos no sector bancário, o qual se encontra numa fase do maior

descrédito. Importa, voltar a referir, o escândalo da falência e a posterior venda ao desbarato do BPN, âncora de grandes empréstimos a políticos do PSD em primeiro lugar; logo a seguir o caso do BES, o qual serviu para à custa dos investidores suportar os desmandos do governo na altura, com empréstimos à PT, a um grupo de comunicação social que tem arrastado prejuízos ao longo deste tempo todo, tendo como homem-de-mão, o senhor Ricardo Salgado, homem forte do BES, conhecido como o DDT (Dono-disto-tudo). A terminar o terceiro caso (até agora) foi o Banif, cujos contornos da sua venda ao Santander Totta, ainda não estão verdadeiramente conhecidos, pois parece ser por mais evidente que é Bruxelas (PE) que sancionou essa decisão. Como se pode ver é um rol de situações escandalosas no sector bancário, e que não devem ficar por aqui, cujas consequências são os desgraçados dos contribuintes a pagar com o agravamento de impostos.

A tudo isto, assistiu impassível a entidade reguladora bancária: o Banco de Portugal. No caso do BPN, Vítor Constâncio teve como prenda ser nomeado como vice para o Banco Europeu. Carlos Costa, tem continuado como governador, apesar de fortes críticas de todos os sectores, dando-se ao desplante de quando confrontado por perguntas dos jornalistas, dizer com o maior desplante que não responde a nada.

Não resisto a transcrever as declarações insuspeitas de José Maria Ricciardi, primo de Ricardo Salgado, publicadas no dia 25 de Março, no semanário Expresso, as quais vêm corroborar o que anteriormente disse: “Detesto essa falsa moral que há na sociedade portuguesa. A maioria

das pessoas põe os interesses pessoais à frente dos valores, e na minha família isso também aconteceu. Estão incomodados comigo porque acham que fui uma das razões do fim de todos os privilégios, da vida muito simpática, agradável e importante que tinham”. E mais adiante declara que “era um sistema que alimentava muita gente de forma imerecida e injusta”.

Só que esses que agora estão contra ele, foram os que têm grandes fortunas que o sistema político/financeiro na altura protegeu.

Para terminar por hoje este artigo, e justificar o título que acima coloquei, importa referir a venda a um milionário francês, Pierre Castel, do “Campus da Justiça”, no Parque Expo, por 223 milhões, onde está também localizada o supermercado EL Corte Inglês. É que só, as instalações do Ministério da Justiça, vão pagar de arrendamento por mês 1 milhão de euros ao milionário francês, só por essas instalações, as quais comportam oito edifícios, não contando com os outros imóveis. Este valor, segundo informação do caderno de Economia do “Expresso”, reporta-se a avaliação feita em Dezembro de 2010, quando o mercado imobiliário estava em baixa. Para quem desejar fazer contas, em menos de dez anos, o milionário francês fica com tudo pago. Grande negócio, se calhar ainda com o dinheiro de instituições bancárias nossas, quem sabe?

É, assim deste modo que os nossos governantes tratam dos nossos valores patrimoniais, vendendo ao desbarato. O que será vendido a seguir?...

*António Jorge Tavares*  
Jornalista

*(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)*



**Agência Funerária  
ORQUÍDEA**

**Auto Fúnebre Próprio**

Funerais e Translações para todo o País  
e Estrangeiro • Serviço Permanente

**Ramos e Arranjos com Flores Naturais**

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369  
Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço

# Sorriso Bar – Melgaço em risco de fechar indefinidamente

## “Não temos clientes suficientes para aguentar a casa aberta”

*Ao fim de doze anos, o espaço de diversão nocturna Sorriso Bar, o último deste conceito, bem no centro da vila de Melgaço, corre o risco de fechar indefinidamente.*

Aquele que era o ponto de paragem de muitos dos jovens (e menos jovens) de Melgaço e concelhos vizinhos, sofre hoje com a mudança de tendências, aliado a perda da geração outrora frequentadora.

Quem o garante é Bruno Gonçalves, proprietário do Sorriso Bar há cerca de seis anos, assegurando que este é provavelmente o momento mais baixo para um estabelecimento que já chegou a chamar a Melgaço algumas das principais figuras da ficção televisiva nacional e dos reality shows emitidos em canal aberto.

No entanto, o anúncio que dá nota da vontade suspender a actividade e alugar o espaço a eventuais interessados é para fazer valer, confirma o proprietário, embora ainda sem interessados. “Infelizmente a noite melgacense está a passar por uma fase muito fraca. Não temos clientes suficientes para aguentar a casa aberta e as despesas ao final do mês são muitas”.

Para melhor avaliarmos a dimensão da “aventura” financeira que a manutenção das portas abertas implica, cumpridas as obrigações legais, Bruno Gonçalves quantifica: “Uma casa como o Sorriso Bar tem cerca de 1500 euros de despesa fixa mensal. O que pesa mais neste orçamento são as licenças (para passar música), que são caríssimas [SPA, PassMusical]”.

Com grande parte da população jovem a dispersar por outros destinos - “a maior parte está a estudar ou a trabalhar fora e praticamente nem cá vem, fazem a vida deles fora de Melgaço e só vem cá por festas” - o que fazem



os que ainda restam?

“Pois, é uma questão pertinente! Algumas pessoas devem ficar pelos cafés até mais tarde e depois vão para casa ou saem para os concelhos vizinhos. O resto acaba por ficar em casa, ligado às novas tecnologias”, atira Bruno Gonçalves, resignado com uma tendência que parece querer dizer-lhe, nas entrelinhas, que a “noite” de Melgaço já não é tão divertida como será noutras paragens próximas.

“Neste momento, podemos dizer que a noite de Melgaço é menos divertida que a dos concelhos vizinhos. A gente é pouca e por isso o ambiente não satisfaz a nossa população, enquanto que nos concelhos vizinhos tem mais diversão e não é fácil para nós concorrer com eles”, observa.

**“Não será o fim dos espaços nocturnos, porque Melgaço precisa de ‘noite’”**

Mas a desistência do ramo em que apostou não foi tomada “de ânimo leve” e o jovem empresário melgacense diz que os regulamentos de horários, que colocam os cafés e bares com o mesmo horário de encerramento (às 4 horas da manhã) contribuíram para algum do seu desencanto. “Não gosto da maneira como as coi-

sas estão a funcionar. Na minha opinião, enquanto o regulamento de horários não for alterado, não será fácil voltar a ter ‘noite’”, indica, defendendo que os espaços comerciais concebidos como Café deveriam encerrar às 2h e os de contexto bar/pub até às 4h.

A diferenciação será o passo a dar para que os empresários da ‘noite’ se sintam estimulados a apostar e a inovar no chamariz a novos públicos, assegura o empresário melgacense. “Seria muito positivo para qualquer casa de diversão nocturna de Melgaço, porque assim as pessoas começavam a ir mais cedo para os bares, o que para nós [proprietários de espaços deste tipo] se tornaria mais viável investir”.

Até que algo mude e o estimule a voltar, Bruno Gonçalves, assume necessidade de se “afastar” da ‘noite’. “Sinto-me um bocado cansado, já não me dá aquela pica de há uns anos atrás, mas não será um adeus, é um ‘até já’”.

No entanto, prevê que algo vá mudar na realidade melgacense e que novas dinâmicas possam surgir. “Não será o fim dos espaços nocturnos em Melgaço. O Sorriso ou outra casa qualquer abrirá num curto espaço de tempo, porque Melgaço precisa de ‘noite’ e com isso todos ganham”, conclui.

João Martinho

## O presidente que não deixou saudades



PALÁCIO DE BELÉM LISBOA

Cavaco serviu quem entendeu e não chegou a ser o presidente de todos os portugueses, conforme anunciou ao tomar posse do mais alto cargo da nação. Os representantes das associações militares disseram que nunca o reconheceram como comandante das forças armadas. Não lhes deixou saudades. O desprezo pelo homem, que foi embora, está em todos os sectores: nos serviços, nas artes e nos ofícios; nunca aconteceu igual nos anteriores presidentes, depois do 25 de Abril. A culpa foi dele, mostrando-se autoritário, arrogante, desajeitado, ignorante e inculto. Durante os longos anos que esteve no poder, como primeiro-ministro e presidente da república, cometeu muitas tolices e disparates, frutos da sua ignorância e soberba que deram azo a anedotas arrasadoras. Quando discursava nada dizia de jeito. Foi-lhe fatal a separação que fez aos portugueses, como também a frase “deixem-nos trabalhar” e a sua foto em mangas de camisa, muito atarefado. Ele pouco entendia do país e de quem cá vive, no entanto apresentava uma imagem de gravidade severa, um penteado muito bem feito e as camisas sempre bem brunidas. É certo que agradou aos moldados pelo salazarismo, aos mais reaccionários entre nós. Então, ainda se vivia uma revolução interrompida, na lembrança de um passado nefasto, cheio de opressão e miséria. Agradou também aos senhores da alta finança, quando fez reformas opíparas, premiando-os e recusando à viúva do capitão Salgueiro Maia, a pensão de sangue a que tinha direito. Não fez nada contra o fascismo, o que demonstra enorme dificuldade em adaptar-se aos tempos que correm. Chegou a meter dó por nunca estar à vontade em nenhuma parte e parecia não entender de coisa alguma. Porém, não está isento de culpas. A utilização do verbo indicar em vez de indigitar, quando se referiu a António Costa para primeiro ministro, fornece a sua dificuldade para aceitar o inevitável. Como corolário do seu rol de mal feitorias, assistiu à debandada dos jovens portugueses para o estrangeiro e não teve uma palavra de desagrado, resultado de uma política velhaca de grande austeridade que ele apoiou sempre com desfaçatez. Não deixou saudades.

PS- Um breve comentário ao que se está a passar no país irmão-Brasil. Lula, que antes foi alegria, esperança, vitória, é hoje fuga, estratégia e desespero. A casa, onde moravam os sonhos dos brasileiros, é agora a residência dos seus pesadelos. A esperança venceu o medo, disse Lula na noite de Outubro de 2002, quando da sua eleição histórica. Hoje, o medo roubou qualquer esperança do Brasil sair bem deste enredo tenebroso.

Para finalizar esta minha crónica de hoje, agradeço ao meu amigo e irmão como ele bem diz, Manuel Silva, do antigo Hotel Rocha, do Peso, o telefonema, desejando-me uma Feliz Páscoa, relembrando os bons tempos da nossa juventude, passados pelos serões da Longarilha, Queirão e Peça da Natália. Retribuo com um grande abraço e tudo de bom para o Manuel Silva, prezado amigo que, embora distante, Brasil, não esquece a sua terra.

Até ao próximo jornal, se Deus quiser.

Março 2016  
Abílio Francisco Conde

# Melgaço estabelece novos recordes de voluntariado na acção "Um Dia Pela Vida"

## 23 equipas formadas em dia de abertura da campanha solidária



A iniciativa "Um Dia Pela Vida", da Liga Portuguesa Contra o Cancro (LPCC), soma já mais de dez anos de iniciativas em Portugal, de Norte a Sul, mas foi em Melgaço que "bateu recordes" de adesão da sociedade civil no primeiro dia de campanha.

A acção de sensibilização, que se prolongará até 18 de Junho, deu a 12 de Março o seu primeiro passo e o auditório da Escola Superior de Desporto e Lazer encheu-se para receber as equipas, oradores e mentores desta iniciativa. Neste dia, um total de vinte e três equipas receberam os elementos que distinguirão os grupos nas iniciativas a desenvolver na sua área de acção.

A cerimónia de abertura da campanha contou com momentos musicais, a cargo de alguns alunos do 4º grau de ensino da Academia de Música Fernandes Fão, Melgaço, e a animação do grupo de concertinas de Castro Laboreiro, além de oradores e testemunhos de personalidades de renome.

Num misto de surpresa e confiança no espírito solidário da sociedade civil, o autarca de Mel-

gaço, Manoel Batista enalteceu a "enorme apetência e vontade" dos melgacenses para uma causa que os sensibiliza.

"A doença do século XX e XXI", uma preocupação transversal a muitas famílias que vivem de perto este problema, aproximou a comunidade local do apelo da Liga Portuguesa Contra o Cancro. A expressiva adesão e acções desenvolvidas ou em agenda surpreendeu num concelho onde "não há uma cultura muito grande de associativismo, de congregar esforços de forma articulada", reconhece o edil melgacense, apontando no entanto com agrado o "sinal" de que "a sociedade civil está a crescer, tem noção das suas responsabilidades cívicas e políticas e está a saber organizar-se em torno de causas".

Frisando que a participação da autarquia nesta campanha é "meramente colaborativa", Manoel Batista promete "ajudar a que o projecto chegue a bom porto a 18 de Junho", mas remete os louros do eventual sucesso da

*Continua na pág. seguinte*

**RESTAURANTE "O Adérito"**

*Adérito Pires da Costa*

**ESPECIALIDADES:**  
Bacalhau à Casa  
Cabrito Assado no Forno • Cozido à Portuguesa  
Lampreia na época ou por encomenda

**ALMOÇOS, JANTARES E BANQUETES**  
SERVIÇO DE CASAMENTOS, BAPTIZADOS E COMUNHÕES  
SALA C/ CAPACIDADE PARA 300 PESSOAS

MONTE DO POMBAL • 4960-330 MELGAÇO  
Tel.: 251 404 412 • Tlm.: 966 575 716 • Email: restaderito@kanguru.pt  
[www.oaderito.com](http://www.oaderito.com)



*Continuação da pág. anterior*

campanha às mais de 500 pessoas que contribuem para esta missão.

"Há que dar o mérito à sociedade civil, é ela que tem articulado e se tem organizado de acordo com a estrutura que a liga [LPCC] tem desenvolvido em anos anteriores", nota.

Os organismos públicos e privados juntam-se assim numa missão sem precedentes (em Melgaço), juntando esforços para um trabalho que o edil reconhece "absolutamente fascinante junto das populações, no IPO ou noutros pontos do território".

Pela mesma linha de entendimento segue a responsável local da campanha "Um Dia Pela Vida", Dra. Hebe Zamagna, satisfeita com o meio milhar de pessoas que neste dia acorreram à chamada.

A campanha, que se propõe "libertar do medo" aqueles que recebem o diagnóstico da temível doença oncológica, serviu também para promover "a união, a solidariedade e o companheirismo" entre pessoas "que nem se falavam" até ao momento deste objectivo comum.

Entretanto, já se promoveram actividades físicas, jogos de futebol e outros encontros/convívio com objectivo da angariação de fundos, mas a comunidade será posta à prova na construção da "passadeira solidária", composta por pequenos quadrados de tecido, personalizáveis consoante a criatividade

do doador. Até ao momento, no Alto Minho, a maior passadeira conseguida no âmbito desta campanha mede 3,5 quilómetros. Um máximo que a representação da Comissão local desta iniciativa gostaria de ver ultrapassado.

De Padrenda, Galiza, um grupo do outro lado da margem do Rio Minho aderiu à iniciativa e participará em massa nesta missão solidária. Adriano Marques de Magalhães, côsul da República do Equador, advogado, empresário, escritor e político galego, natural de São Gregório, marcou presença nesta primeira sessão e foi o elemento acarinhado de uma equipa extensa que já prepara uma participação considerável numa acção internacional da campanha, inscrevendo cerca de uma centena de participantes numa caminhada que percorrerá ambos os países.

"Os melgacenses recebem tudo o que é novo de bom grado. As pessoas acabam por falar, descobrir-se, foi uma mudança para melhor", observa a responsável.

Pela frente há agora um trabalho "coordenado, para não se repetirem iniciativas", e a vontade de, em meados de Junho, ter tornado a população melgacense mais participativa, mais consciente e informada.

Na próxima edição divulgaremos as fotografias das restantes 13 equipas, que entretanto serão disponibilizadas pelas equipas participantes da acção.

*João Martinho*

# "Habemus vinum" IV (IIIª série) Vender Vinho ou Vender Garrafas

É um tema polémico a situação da venda de vinhos ao consumidor final, atendendo a que existe, desde o engarrafamento no produtor, até à prateleira quer do supermercado ou da garrafeira, intervenientes do processo.

É uma matéria delicada, sobre a qual eu próprio me debruço, já que tenho vivido algumas experiências nessa área até como pequeno distribuidor de vinhos de amigos, aqui em Ponta Delgada.

Não é uma tarefa fácil, atendendo em primeiro lugar a um meio muito pequeno, onde ainda existe na maior parte da população, um grande desconhecimento sobre os vinhos, apesar da região ser até também produtora de vinhos, mormente nas áreas de vinhos brancos, com boa qualidade.

Contudo, muito "trabalho-de-casa" está por fazer.

Existem claro está as grandes superfícies e supermercados, com os seus locais próprios para a venda de vinhos, não descurando as chamadas "feira de vinhos" ou até as "grandes promoções". Tudo isso, leva a um maior consumo, e por conseguinte a uma procura por parte do consumidor, despertando no mesmo mais interesse. Verifico isso, ao longo já de 10 anos de permanência aqui na ilha, onde foi notório esse avanço.

Não pretendo aqui, escalpelizar os pormenores negativos dessa minha actividade, pois seriam precisas umas boas páginas deste jornal, para relatar as inúmeras peripécias por que já passei.

O problema da distribuição de vinhos é contudo uma área sensível. Senão vejamos: em primeiro lugar, existem as grandes empresas de vinhos que produzem ao fim-e-ao-cabo, milhões de garrafas; em seguida existem produtores que acabam por produzir grandes quantidades de garrafas e necessitam de um distribuidor para as escoar; depois temos os médios e pequenos produtores que acabam por terem pequenas produções, mas necessitam de vender os seus vinhos. Muitos destes pequenos

produtores, em conversa havida, acabam por me confessar o seu arrependimento por se terem metido na "aventura" de produzirem vinho. Mas, é por vezes nestes pequenos produtores que surgem as boas surpresas de alguns vinhos que já encontrei. E tudo isto porque, ao produzirem os seus vinhos fazem-no com aquela dedicação e carinho que o mesmo vinho merece. Está, muitas das vezes numa garrafa desse vinho a paixão e o gosto que esse produtor lhe votou.

Acontece porém que esses produtores, ou têm uma carteira recheada de notas, para irem aguentando a concorrência (tantas vezes desleal), ou deitam mão à exportação, viajando até algumas feiras de vinho fora de portas, e aí conseguem arranjar um importador que lhes vai comprando umas boas caixas. Outros há que lá vão empobrecendo alegremente, já que a agricultura é uma actividade madrastra.

No outro dia, questioneei um produtor duriense, como é que ele conseguia vender o seu vinho quando no mercado, uma Adega Cooperativa da mesma região oferecia um dos seus vinhos a 1,50 € a garrafa! Isto, claro está já ao consumidor final. Mostrouse incrédulo e até desanimado, pois desse modo, como ele me dizia, com a crise que está instalada as pessoas acabavam por comprar vinhos baratos.

É caso para perguntar se com o preço da garrafa, rolha (mesmo fraca), rotulagem, caixa de embalagem e transporte, se pode vender a esse preço.

É esta a realidade. A outra questão, também importante, é o tratamento que a restauração (nem toda felizmente), mas a maioria faz, aos preços que colocam na carta de vinhos. Já vi, com os meus próprios olhos, o vinho que falava acima de 1,50 €, ser cobrado ao cliente a 7,50 €!

Ainda este mês, outro produtor da Régua, cujos vinhos estão a ter uma boa aceitação no mercado felizmente, teve conhecimento que um restaurante a quem vende os seus vinhos, no seu "colheita" vendido a 4,00 €,

o mesmo restaurante, o colocava na carta a 21 € ! É de pasmar como isso acontece.

E é este o contributo que os profissionais (?) da restauração, dão ao vinho. Muitos lamentavam-se do exagerado IVA (com toda a razão diga-se), mas depois da "tibiaza" dos nossos governantes, parece que tudo continua na mesma. Até porque, vieram com a habilidade de que o IVA só baixava para a comida!

Não sei por que e que as autoridades responsáveis no sector do vinho, não tomam medidas sobre estes desmandos aberrantes. Existe uma ASAE, mas parece que a mesma só está interessada em "facturar multas", não exercendo, isso sim, como deveria fazer, uma prevenção e fiscalização para a defesa dos consumidores que somos todos nós.

Não basta os seus governantes aparecerem nas feiras de vinho e de agricultura, todos sorridentes a provarem os nossos vinhos, a dizerem que têm um grande potencial no nosso mercado e no estrangeiro, quando nas costas se passam estas situações. É o facilitismo de não quererem encarar os problemas como deve ser.

Pura e simplesmente, não lhes interessa atacar o problema, pois existem com toda a certeza poderes instalados.

Existem vozes que dizem que estamos a produzir vinhos a mais, e daí a razão do não escoamento dos mesmos.

Por outro lado, o responsável do Instituto da Vinha e do Vinho, Frederico Falcão, declarou em recente entrevista à revista Vinhos que estão disponíveis 2.014 hectares, de modo a "atrair novas pessoas para a vinha".

Lá vamos, cantando e rindo, e esta Páscoa já está passada na paz do senhor, com aqueles que têm responsabilidade neste sector da nossa economia, assobiam para o lado.

Até para o mês que vem.

*António Jorge Tavares  
Jornalista  
(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)*

**Dê a sua importante contribuição para a Conta**  
**UM DIA PELA VIDA MELGAÇO**  
**IBAN: PT50 0035 0103 00006996730 64**  
**SWIFT: CGDIPTPL**

**Allianz**

**Liberty Seguros**

**LUSITANIA**  
Grupo Montepio

**AXA**

**MCA- Mediação de Seguros Lda**

Isp nº 413392428

**Rigor no Preço.... Rigor na Protecção**

**Consulte-nos sempre – Com certeza ficará satisfeito**

Escritórios :  
Rua Fonte da Vila S/n  
4960-546 Melgaço  
Tel : 251402903 Fax : 251402907  
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233  
4950-855 Cortes - Monção  
Tel / Fax : 251 656232  
Tlm 966747834

**Protocolos de Seguros**  
Forças Militares (GNR, PSP, etc)  
Professores, Função Pública  
Médicos, Dentistas, Veterinários

**Legalizações automóveis**  
Regime Geral  
Regime de emigrante  
Pergunte sobre o seu caso em especial

# O Instituto Confúcio da Universidade do Minho celebra o **Ano Novo Chinês**

O Instituto Confúcio da Universidade do Minho comemorou a entrada do Ano Novo Chinês, o ano do Macaco, no passado dia 21 de fevereiro, entre 10h e as 23h, no Braga Parque. A celebração contou com um leque variado de atividades culturais chinesas, entre as quais podemos distinguir as sessões de caligrafia, escrita de nomes em chinês, pintura de máscaras tradicionais da Ópera de Pequim, cerimónia do chá, distribuição de envelopes vermelhos e artes marciais.

Um dos acontecimentos que suscitou mais interesse entre os visitantes foi a escrita de nomes em chinês. Escrevendo o seu nome em papel, uma das professoras chinesas do Instituto, ponderava e compunha uma tradução do mesmo para chinês, adivinhando ainda, como prémio, o signo chinês.

As crianças deixaram-se encantar com a pintura das máscaras chinesas, tendo oportunidade para dar asas à imaginação, com um pincel tipicamente chinês.

Uma oficina específica para a aprendizagem da língua chinesa foi também apresentada, iniciativa que suscitou particular adesão por parte de visitantes de todas as idades.

A referida celebração culminou com a apresentação, durante a tarde, da Dança do Leão – uma dança tradicional da China destinada a atrair boa sorte e fortuna –, de uma demonstração de artes marciais, designadamente de Wushu (Kung Fu), ambos os espetáculos protagonizadas por mestres e alunos da Escola Jing-She, de Vila Nova de Famalicão e, finalmente, por uma demonstração de Taichi, apresentada por Joana Matos, Professora do Curso de Taichi do Instituto Confúcio, e João Gomes.

As comemorações contaram com o entusiasmo de centenas de pessoas e com a presença dos Professores Doutores Rui Vieira de Castro, Vice-Reitor da Universidade do Minho e Presidente do Instituto Confúcio, António Lázaro e Zhang Yan, diretores do referido instituto.

O Ano Novo Chinês começou no passado dia 8 de fevereiro e irá prolongar-se até ao dia 27 de janeiro de 2017. No calendário chinês este ano é consagrado ao Macaco, nono signo do horóscopo chinês, o qual é associado à ambição, esper-teza, malícia e aventura. Todos os anos, o Instituto Confúcio da Universidade do Minho, disponibiliza à comunidade muitas actividades e workshops culturais chineses e cursos de chinês. Imbuídos no espírito inteligente do Macaco, este ano, o Instituto Confúcio faz questão de continuar o seu dinamismo.

**Bárbara Araújo**  
Colaboradora do Instituto Confúcio da Universidade do Minho



200.000€ M004/2016



Excelente propriedade composta de moradias para reconstrução, espigueiro, água de mina e terreno construtivo com cerca de 7.500m<sup>2</sup>.  
Belas vistas e ótima localização. Vila e Roussas

100.000€ M027/2012



Moradia com excelentes vistas para o rio Minho. Bons acessos. A 7 Km do centro da Vila de Melgaço.  
Terreno envolvente com 1.400m<sup>2</sup>.

35.000€ M037/2015



Moradia para recuperação de 2 pisos, anexo e rossios. Pomares, Paderne.  
Certificação em curso

175.000€ M018/2012



Vende-se por negociação particular uma moradia composta por cave, r/c, 1º e 2º andares e águas furtadas.

27.500€ M042/2014



Moradia para restauro.  
Cristóval

185.000€ M030/2014



Moradia tipologia T3, composta por cave, r/c e andar.  
Ótimas vistas para o santuário da Nossa Senhora da Peneda.

150.000€ M017/2012



Excelente moradia T5 com magníficas vistas e boa exposição solar

Penso, Melgaço

60.000€ M048/2012



Loja com 84 m<sup>2</sup> junto às escolas.

Vila e Roussas



Rua Dr. António Durães, n.º 65 r/c Dto, 4960-522 Melgaço | Telfs: +351 251 418 322 | +351 933 972 905 | www.ukubo.com | info@ukubo.com

Contabilidade

Informática

Imobiliária

AMI: 9383



# Bárbara Araújo dinamiza Instituto Confúcio da Universidade do Minho

## 米尼奧大学孔子学院

*Com a intenção de promover a língua e a cultura chinesa pelo mundo, a China, em 2004, começou por estabelecer instituições públicas em vários países estrangeiros, denominadas por Institutos Confúcio (孔子学院)*



Esta é uma entidade sem fins lucrativos, vocacionada para o desenvolvimento e aprofundamento dos Estudos Chineses, para a difusão da língua e da cultura chinesas e para o reforço das relações científicas e culturais com a China.

Em Portugal, existem três Institutos Confúcio; o Instituto Confúcio da Universidade do Minho; o Instituto Confúcio da Universidade de Lisboa e o Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro.

O Instituto Confúcio da Universidade do Minho (米尼奧大学孔子学院), localizado no Campus de Gualtar, na cidade de Braga, completa este ano o seu 10º aniversário.

Tem vindo a impulsionar a língua e a cultura chinesa, não só através da colaboração com o Departamento de Estudos Asiáticos da Universidade do Minho (licenciatura em Línguas e Culturas Orientais, do Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial) e da criação dos cursos livres de Chinês da Universidade do Minho, mas trabalhando ainda num projecto denominado de "Chinês nas Escolas", ensinando a língua chinesa em escolas primárias e secundárias. Organiza constantemente workshops, seminários, concertos, exposições, ciclos de cinema, focando as várias áreas da cultura chinesa, como medicina, pintura e caligrafia. Além



disso, auxilia na preparação dos concorrentes do Concurso para estudantes de língua chinesa "Chinese Bridge" – Ponte Chinesa, de onde já resultaram imensos vencedores, que após esse prémio, têm a hipótese de ir à China representar Portugal.

O Instituto Confúcio da Universidade do Minho foi a primeira entidade a realizar o exame de proficiência de Chinês (HSK – Hanyu Shuiping Kaoshi 汉语水平考试), para estudantes desta língua, em Portugal. Estas provas constituem as únicas evidências cuja validade é reconhecida internacionalmente e sancionada pelas autoridades oficiais chinesas. Todos os anos, este instituto promove duas datas possíveis para a elaboração destes testes; em Março e em Maio.

Tem como Presidente o Doutor Rui Vieira de Castro, também Vice-Reitor da Universidade do Minho, como Directores o Doutor António Lázaro e a Doutora Zhang Yan e como

colaboradoras a Mestre Emília Dias e a Mestre Bárbara Araújo, esta conterrânea nossa da Vila. Todos os anos, são enviados da China vários professores e estagiários, que colaboram e auxiliam em todas as actividades do Instituto.

Em 2009, ganhou o Prémio de Excelência, no IV Congresso Mundial dos Institutos Confúcio, em Pequim.





**MIRACASTRO**  
ALBERGARIA

CASTRO LABOREIRO  
Tel. 251 460 020  
Fax 251 460 029

**Albergaria**  
14 Quartos c/ casa de banho privativa, telefone, ar condicionado e TV.

**Restaurante**  
Sala com capacidade para 250 pessoas. Casamentos, Baptizados, e outros eventos.

**Especialidades:**  
Cabrito assado no forno, bacalhau com broa; Vitela dos nossos pastos; Sobremesa típica.



## Festa do Alvarinho e do Fumeiro de Melgaço 2016 Imagem renovada e mais acções de valorização enogastronómica completarão o programa

Uns de aroma "frutado, notas exóticas e ligeiro floral, corpo cheio e prolongado final de boca" (Quintas de Melgaço), outros de "boa acidez, muito equilibrado e com um final de boca longo e guloso" (Reguengo de Melgaço), as notas de prova da colheita de 2015 dão nota de bons vinhos, jovens e prontos a entrar no mercado ao longo de 2016.

Uma das maiores e mais genuínas 'salas de prova' dos monocasta Alvarinho está a menos de um mês de montar praça no largo da feira, em Melgaço, e os produtores apontam para uma colheita equilibrada entre o teor alcoólico e os aromas de flor de laranjeira ou jasmim, aos mais comuns, os frutados.

O ano "excelente de produção, tem ajudado a manter a característica, aperfeiçoando-se no frutado e na frescura que queremos ter" (Terras de Real), mas também subiu ligeiramente o teor alcoólico da maioria dos vinhos para os 13%. O ajuste é ligeiro, mas não perturba o deleite da nova vaga de consumidores, com mais apetência para vinhos menos alcoólicos e mais frutados.

"Já conseguimos manter a expectativa do que o mercado espera. Os vinhos são diferentes, mas conseguimos manter a nossa identidade, quem conhece já sabe que tipo de vinho é" (Dom Ponciano). As produções, mais ou menos expressivas, vendem-se "essencialmente fora de portas", mas houve quem quisesse experimentar e fazer uma "colheita seleccionada 2013" para apresentar na melhor montra a robustez que o "terroir" da sub-região proporciona.

Correspondente a um perfil de produtores mais atento e selectivo, a organização da Festa do Alvarinho e do Fumeiro de Melgaço 2016 mereceu da parte da autarquia uma maior atenção ao pormenor, procurando ajustar-se a vários conceitos.

A festa temática continuará a afirmar-se como "evento popular de divulgação da nossa cultura e qualidade vínica", mas o conceito terá alguns aperfeiçoamentos que visam acompanhar as tendências e corresponder "à qualidade dos nossos produtos", como descreve o presidente da Câmara de Melgaço.

Desde logo, as acções a desenvolver compreenderão este ano programa e espaço para "show cooking", dinamizando a par dos vinhos as potencialidades da gastronomia local, aproximando ligeiramente a este certame o conceito da última das festas alusivas ao vinho em Melgaço, onde a ligação entre o vinho e os produtos locais mereceu mais atenção.

Atrair acções para especialistas do sector, promover junto de investidores que "o território também tem potencialidades" e é possível fazer negócio na área dos vinhos, serão cada vez mais as apostas da organização.

A nível estético, o autarca avança que "haverá mudanças estéticas na área dos vinhos, maior uniformidade nos pavilhões", estendendo-se também à zona da restauração, que terá ainda uma estrutura que regularizará o piso desta secção, além do 'refresh' de imagem.

João Martinho

## Carlos Marques: De Cevide a Marrocos em Renault 4L

*A viagem de Carlos Marques a Marrocos, o melgacense natural de Cristóval que aos 64 anos enfrentou o desafio de participar na prova Trans Morocco Classic ao volante de um carro Renault 4L, que decorreu de 18 a 27 de Março de 2016 no deserto marroquino, terminou de forma abrupta.*

Quando faltavam duas etapas (uma terceira tinha sido cancelada pela organização) para completar a sua participação, receberia a notícia do falecimento do seu pai.

O acontecimento triste marcou indelevelmente o desafio mas a missão, se inacabada em Marrocos, primou pelo pleno em território português. A 14 de Março, o jornal "A Voz de Melgaço" divulgou nas plataformas online a vontade de Carlos Marques em participar na prova, acabando por mediatizar uma intenção até aí discreta e possivelmente uma partida que de outra maneira seria menos observada.

Mas as razões eram de monta: Afinal, a prova era só nas dunas marroquinas, mas o melgacense tinha acrescentado ao desafio uma etapa 'suplementar' muito própria: Ir de Cevide, terra da freguesia onde nascera e onde o marco nº1 de Portugal está localizado, até Castro Marim, onde as marcações acabam.

E, com uma viagem, cumpriu vários objectivos. Concretizou o intento, levou o nome de Melgaço em letras gordas sobre o capot do mítico carro 4L e ainda levou a bandeira da iniciativa "Um Dia Pela Vida", da Liga Portuguesa Contra o Cancro, que neste período concentra várias acções de sensibilização em Melgaço. Em Castro Marim, fez questão de abrir a bandeira, levantar o capot e marcar para a posteridade esta passagem.

Mas o que motivou o melgacense a participar pela primeira vez numa das muitas provas do género que nesta época atravessam



as dunas, num teste à resistência dos motores e até do piloto?

"Recordo-me perfeitamente da primeira vez que vi uma 4L. Ainda era das antigas, eu devia ter aí uns 12 anos, achei graça àquele carro", começa por confessar Carlos, e percebemos que é um fã do característico modelo da Renault. E não é dos moderados. "Já tive quatro 4L e já arranjei duas para o meu sogro. Parecem jipes e bem arranjadinhas, são autênticos carros de competição".

Gosta de desafiar a máquina, mas não é membro de nenhum clube específico. "Só do Pico de Adrenalina", indica, mas não é um clube de 4L, nem tem sido activo no último ano.

O sonho mesmo era Marrocos, mas nem era estudante [a prova 4L Trophy, que se realiza em Fevereiro, é restrita a estudantes jovens] nem podia mentir na idade, que o corpo já não deixa. Foi alertado por um amigo de uma prova organizada

por espanhóis. Nem pensou mais, procurou, inscreveu-se, preparou o carro, foi ao osteopata e apetrechou-se para competir. "Não havendo competição não me interessa andar. Eu não quero ganhar, quero competir".

Estava à vontade. Tinha 3000 quilómetros de etapas para competir nas areias marroquinas. O bónus português não contava, embora implicasse 'rasgar' o rectângulo de uma ponta à outra.

Daqui de cima, levava um arquivo de memórias: "Falei com o Mário [Monteiro] e ele achou maravilhosa a ideia de sair da minha terra. Isto diz-me muito porque também ganhei dinheiro, em São Gregório. Fui contrabandista em Cevide, há algo que me toca, nisto tudo", revelou.

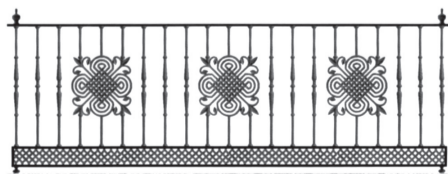
Porquê Marrocos? "O meu objectivo é ir buscar o D. Sebastião a Alcácer-Quibir", brinca, mas na verdade, é mesmo só pela aventura, uma vontade que nem a idade demove: "Aos 64 anos, sinto-me como se tivesse 30 ou 40. O corredor Per Eklund, em que me revejo, sé deixou de correr aos 72 anos e ainda ganhou provas!".

Para prevenir, submeteu-se também à 'revisão'. "Já fui ao osteopata e já me deu um jeito, mas ainda vou lá outra vez, antes de ir. É muito quilómetro". Contudo, em contas redondas, já deve ter feito "mais de cinco milhões" de quilómetros, alguns deles em caravana.

Texto: João Martinho  
Fotos: C.M. / AltominhoTV

### SERRALHARIA BOAVISTA

DE: Rodrigues & Sarandão, Lda.



Boavista - Rouças | Telefone 251 403 567  
4960 MELGAÇO



**Daniela Afonso**  
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65  
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953  
3590@solicitador.net

# António Costa inaugurou CIP do Vinho Verde e defendeu um interior "prioritário"

## "Tal como o mar, o interior é um enorme potencial que está por descobrir"

*No dia em que Ponte de Lima comemorou o dia da outorga do foral que torna a localidade "a vila mais antiga de Portugal" – concedido a 4 de Março de 1125, pela Rainha D. Teresa – o programa dos festejos dos 891 anos de foral contou com a presença do Primeiro-Ministro, António Costa, que inaugurou aqui a sua primeira obra enquanto chefe do Governo.*

O Centro de Interpretação e Promoção do Vinho Verde (CIPVV), localizado em pleno centro histórico da vila de Ponte de Lima, na Casa Torreada dos Barbosa Aranha, apresenta-se como estrutura promotora da identidade e diversidade das nove sub-regiões que compõem a Região Demarcada dos Vinhos Verdes, nomeadamente; Monção e Melgaço; Lima; Cávado; Basto; Ave; Sousa; Amarante; Baião; Paiva.

O investimento, superior a 1,6 milhões de euros, financiado pelo ON2- O Novo Norte, FEDER, através do projecto Enoturismo II do PROVER Minho IN, desenvolvido em parceria com a Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes (CVR-VV) e "CIP do Vinho Verde", permitiu recuperar e equipar os

três pisos da torre onde o acervo museológico se encontra.

"O vinho verde é uma das grandes riquezas da região e uma das que mais tem contribuído para o conjunto do país", notava António Costa na cerimónia protocolar.

O Primeiro-Ministro apontou como "prioritário" para o país a valorização dos recursos endógenos, sector onde o interior ainda tem muito a dizer, segundo o chefe do Governo. "Tal como o mar, o interior é um enorme potencial que está por descobrir, por aproveitar, é uma enorme riqueza que temos de saber valorizar", sublinhou.

Neste campo, "o vinho verde é seguramente um dos grandes produtos" a ter em conta, por tudo o que representa. "O vinho não é só um copo que nos deleita, é toda uma cultura e toda uma oportunidade de contar a história, conhecer o território e de desenvolvimento e promoção do nosso país", indicava António Costa, potenciando o inaugurado CIPVV enquanto equipamento "âncora não só para Ponte de Lima, mas para toda a região dos vinhos verdes".

Apesar da presença do chefe



do governo central, o presidente da Câmara Municipal de Ponte de Lima, Victor Mendes, não fez "pedidos" a António Costa, por considerar não ser "o dia ideal nem o local", preferindo enaltecer o trabalho dos parceiros que contribuíram para dar forma ao museu, desde instituições, autarquias, organizações e profissionais do sector, entre eles o monçanense Anselmo Mendes, enquanto membro da equipa de montagem do CIP do Vinho Verde.

"Não temos quaisquer dúvidas de que o Centro de Interpretação e Promoção do Vinho Verde irá dignificar sobremaneira as nove sub-regiões que compõem a região dos Vinhos Verdes e o contributo de todos os parceiros não pode ser esquecido neste momento tão importante", assegurava Victor Mendes.



Dada a integração deste centro interpretativo na rede de equipamentos de vocação turística de promoção dos recursos endógenos e do património histórico, esta mais valia do concelho "evidenciará Ponte de Lima em toda a região dos vinhos verdes

como um dos destinos nacionais de excelência relativamente ao enoturismo", reconhece o autarca, considerando o crescente número de apreciadores deste segmento e que a região deve atrair.

João Martinho

## Espumante

### Quinta do Regueiro



Medalha de Ouro em  
**LONDRES**

# AGRADECIMENTOS

**AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA**
**Deolinda de Jesus Afonso**

Paderne | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.


**José Emídio Marques**

Prado | 92 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.


**José Alves de Melo (Zé Cuco)**

Vila - Melgaço | 91 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.


**Manuel Esteves**

Cavaleiro Alvo - S. Paio | 77 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.


**António Peres Rodrigues**

Penso - Melgaço | 79 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.


**Maria Perfeita de Nazareth Melo**

Vila - Melgaço | 92 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.


**José Alves**

Roussas | 78 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.


**Orlando Camanho de Carvalho**

Prado - Melgaço | 83 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.


**Fernando Egipto Gonçalves**

Prado - Melgaço | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.


**António José Gonçalves**

S. Paio | 62 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.


**Notariado Português  
CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO**

«A Voz de Melgaço» 01/04/2016

A cargo da Notária, Lic<sup>a</sup> Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação e doação lavrada no dia vinte e dois de março de dois mil e dezasseis, neste Cartório Notarial, exarada a folhas vinte e nove e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 130-E, **ESTER DA CONCEIÇÃO FERREIRA**, NIF 161 380 735, casada com Francisco Fernandes Cela, sob o regime da comunhão geral de bens, natural da freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, onde reside no lugar de Sante, titular do bilhete de identidade número 2809646 de 30/08/2001, emitido pelos S.I.C. em Viana do Castelo, que outorgou **por si** e na qualidade de **procuradora**, em representação de seu referido marido **FRANCISCO FERNANDES CELA**, NIF 161 380 743, natural da indicada freguesia de Paderne e com ela residente, fez as seguintes declarações, que se compõem de seis folhas:

Que ela e o seu representado são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, dos dezasseis bens constantes de um documento complementar, elaborado de harmonia com o número um do artigo sessenta e quatro de Código do Notariado, cujo conteúdo conhecem e inteiramente aceitam, o qual faz parte integrante da presente escritura, pelo que dispensam a sua leitura.

**BENS SITOS NO CONCELHO DE MELGAÇO  
FREGUESIA DE S. PAIO**
**VERBA NÚMERO UM**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Mato dos Fojos" ou "Fojos dos Moinhos", composto por mata de carvalhos e pinhal, sito no lugar de Lourenços, com a área de quatro mil e oitocentos metros quadrados, a confrontar de norte com Fernando Augusto Reis, de nascente com estrada, de sul com António Augusto Domingues e de poente com ribeiro e limite da freguesia, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 4.783º, com o valor patrimonial de trezentos e quarenta euros e oitenta e dois cêntimos e igual valor atribuído.

**VERBA NÚMERO DOIS**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Leira da Ponte de S. Paio", composto por cultura, sito no lugar de Cruzeiro, com a área de duzentos e noventa metros quadrados, a confrontar de norte com caminho, de nascente com ribeiro, de poente com José Bento Esteves e de sul com Amabélia Soares Calheiros, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 5.397º, com o valor patrimonial de trinta e quatro euros e noventa cêntimos e igual valor atribuído.

**UNIÃO DE FREGUESIAS DE  
PARADA DO MONTE E CUBALHÃO**
**VERBA NÚMERO TRÊS**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Leiras do Cotinho, composto por mato, sito no lugar de Orjaz, com a área de mil e oitocentos metros quadrados, a confrontar de norte com Artur Martins, de nascente com Manuel José Meleiro, de poente com Julieta Cardoso e de sul com Alberto A. Martins, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 130º (antigo artigo 131º da freguesia de Cubalhão), com o valor patrimonial de oito euros e quarenta cêntimos e igual valor atribuído.

**VERBA NÚMERO QUATRO**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Monte do Coutinho do Penedo", composto por mato, sito no lugar de Orjaz, com a área de oitocentos e quarenta metros quadrados, a confrontar de norte com Alberto A. Martins, de nascente com caminho público, de poente com António Esteves e de sul com Arnaldo A. Rodrigues, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 132º (antigo artigo 133º da freguesia de Cubalhão), com o valor patrimonial de três euros e noventa e sete cêntimos e igual valor atribuído.

**FREGUESIA DE PADERNE**
**VERBA NÚMERO CINCO**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Abegoso", composto por pinhal e mato, sito no lugar de Sante, com a área de dois mil e cem metros quadrados, a confrontar de norte com Padre Queijoca, de sul e de poente com Honorina de Castro e de nascente com Carlos Gonçalves, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 2.297º, com o valor patrimonial de vinte e três euros e oitenta e um cêntimos e igual valor atribuído.

**VERBA NÚMERO SEIS**

1/9 (uma nona parte indivisa) do PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Abegoso", sito no lugar de Sante, composto por pinhal e mato, com a área de mil e trezentos metros quadrados, a confrontar de norte com Claudino Gonçalves, de sul com Oliveiros Esteves, de poente com caminho público e de nascente com estrada nacional, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 2.398º, com o valor patrimonial correspondente à fracção de um euro e quarenta e cinco cêntimos e igual valor atribuído.

**AGRADECIMENTO  
Manuel Henrique Alves**


Na impossibilidade de agradecermos individualmente, filha, netas e demais família vêm, por este meio, manifestar o seu reconhecido agradecimento a todas as pessoas que, de diversas formas, nos confortaram com o seu carinho, apoio e amizade, quer em Ferreiros – Braga, quer em Chaviães – Melgaço. Um agradecimento muito especial ao Doutor Carlos Vaz, pela sua presença, na missa de corpo presente, em ferreiros e ao Padre Manuel Domingues, pelas bonitas palavras que nos deixaram com muito orgulho pelo estremoso pai e avô que Deus nos consedeu.

A todos, bem hajam!

*A família*
**Santa Casa da Misericórdia  
de Melgaço**
**CONVOCATÓRIA**

Aprígio Manuel da Costa, Presidente da Assembleia-Geral da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, convoca, nos termos do Art.º 22.º do Compromisso, a Assembleia-Geral de Irmãos para uma reunião ordinária que terá lugar no edifício do Lar da Santa Casa da Misericórdia, sito no laro da Loja Nova, pelas 14h00, do dia 16 de Abril de 2016, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º Leitura e aprovação da ata da reunião anterior.
- 2.º Apreciar, discutir e aprovar o Relatório de Atividade e Contas do Exercício do ano anterior.
- 3.º Outros Assuntos.

Se no dia e hora indicados não comparecer número suficiente de irmãos, a reunião terá lugar meia hora depois, em segunda convocação, com qualquer número de irmãos presentes.

Melgaço, 23 de Março 2016.

*Presidente da Assembleia-geral  
Aprígio Manuel da Costa*

**VERBA NÚMERO SETE**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Fonte Nova", composto por cultura, sito no lugar de Sante, com a área de duzentos metros quadrados, a confrontar de norte e de nascente com José Joaquim Rodrigues, de poente com Manuel Rodrigues e de sul com caminho público, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 2.694º com o valor patrimonial de trinta euros e cinquenta e oito cêntimos e igual valor atribuído.

**VERBA NÚMERO OITO**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Meleiro do Gerebita", composto por cultura, sito no lugar de Sante, com área de mil e cinquenta metros quadrados, a confrontar de norte com Carlos Francisco Domingues, de nascente com Artur Arnaldo Rodrigues, de sul e de poente com José Domingues Casal, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 2.800º, com o valor patrimonial de cento e um euros e trinta e um cêntimos e igual valor atribuído.

**VERBA NÚMERO NOVE**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Meleiro da Redonda", composto por cultura, sito no lugar de Sante, com a área de oitocentos metros quadrados, a confrontar de norte com José Joaquim Cerqueira, de sul com José Domingues Casal, de poente com José Maria Ferreira e de nascente com Áurea Maria Fontes, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 2.805º, com o valor patrimonial de setenta e quatro euros e igual valor atribuído.

**VERBA NÚMERO DEZ**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Coto da Cabra", sito no lugar de Sante, composto por pinhal e mato, com a área de setecentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar de norte com Manuel Alves Garelha, de nascente com Alberto Augusto Martins, de sul com Leonardo Domingues Casal e de poente com Eliseu José Cardoso, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 2.998º, com o valor patrimonial de treze euros e quarenta e dois cêntimos e igual valor atribuído.

**VERBA NÚMERO ONZE**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Coto da Cabra", sito no lugar de Sante, composto por pinhal e mato, com a área de seiscentos metros quadrados, a confrontar de norte com João Alberto Lourenço, de nascente com Francisco José Gonçalves e outros, de poente e de sul com caminho público, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 3.003º, com o valor patrimonial de oito euros e vinte e oito cêntimos e igual valor atribuído.

**VERBA NÚMERO DOZE**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Covelo" ou "Leira das Mimosas" sito no lugar de Sante, composto por pinhal e mato, com a área de mil duzentos e quarenta metros quadrados, a confrontar de norte com José Domingues Casal, de poente com Arnaldo Domingues Casal, de sul e de nascente com Caetano Pires, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 3.155º, com o valor patrimonial de dezasseis euros e trinta e quatro cêntimos e igual valor atribuído.

**VERBA NÚMERO TREZE**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Covelo", sito no lugar de Sante, composto por pinhal e mato, com a área de dois mil e trezentos metros quadrados, a confrontar de norte e de poente com Manuel Cabano, de sul com Artur Barreiros e de nascente com Estado Português,

não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 3.177º, com o valor patrimonial de vinte e quatro euros e setenta e cinco cêntimos e igual valor atribuído.

**VERBA NÚMERO CATORZE**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Carqueijal", sito no lugar de Sante, composto por pinhal e mato, com a área de novecentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar de norte com Bernardo António Alves, de poente com José Carvalho Domingues, de sul com José Joaquim Cerqueira e de nascente com José Maria Ferreira, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 3.469º, com o valor patrimonial de onze euros e quarenta e quatro cêntimos e igual valor atribuído.

**VERBA NÚMERO QUINZE**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Vidoeiro", sito no lugar de Sante, composto por pinhal e mato, com a área de mil e cem metros quadrados, a confrontar de norte e de nascente com Arnaldo Domingues Casal, de poente com José Maria Ferreira e de sul com Manuel José Domingues, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 3.823º, com o valor patrimonial de quinze euros e sessenta e quatro cêntimos e igual valor atribuído.

**VERBA NÚMERO DEZASSEIS**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Leira de Portalegre", sito no lugar de Fontes, composto por pinhal e mato, com a área de mil quinhentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar de norte com Sílvia Maria Domingues Casal, de poente com Elizeu José Cardoso, de sul com caminho público e de nascente com Teresa Cardoso Alves, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 3.893º, com o valor patrimonial de quinze euros e quarenta e um cêntimos e igual valor atribuído.

Que, os referidos prédios indicados **não se encontram descritos** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, e encontram-se inscritos na respectiva matriz em nome do justificante marido.

Que, os indicados prédios vieram à sua posse e do seu representado, em data que não pode já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e setenta e cinco, quando, José Fernandes Cela e mulher Maria Alves Garelha; e ainda António José Ferreira, viúvo, residentes que foram no mencionado lugar de Sante, entretanto já falecidos, lhos ajustaram doar, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respectiva escritura pública de doação.

Que, no entanto, desde essa data, entraram na posse dos referidos prédios, em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, nos de cultivo tratando da vinha e colhendo os seus frutos, nos restantes roçando o mato e limpando os pinhais, vendendo a madeira, suportando os respectivos encargos e despesas de fruição em relação a todos.

Que, tendo exercido sobre os indicados prédios, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justifica a sua aquisição pela **usucapião** que invoca, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do dis-

postos no n.º 1 do art.º 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

Cartório Notarial de Melgaço, 22 de março de 2016.

A Escriutária Superior,  
Maria Duartina Alves Dantas.

**Notariado Português  
CARTÓRIO NOTARIAL  
DE MELGAÇO**

«A Voz de Melgaço» 01/04/2016

A cargo da Notária, Lic. Ana Mar-  
tinha Alves Gonçalves Pereira

**CERTIFICADO** narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação e doação lavrada no dia vinte e dois de março de dois mil e dezasseis, neste Cartório Notarial, exarada a folhas vinte e seis e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras n.º 130-E, **ESTER DA CONCEIÇÃO FERREIRA**, NIF 161 380 735, casada com Francisco Fernandes Cela, sob o regime da comunhão geral de bens, natural da freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, onde reside no lugar de Sante, titular do bilhete de identidade número 2809646 de 30/08/2001, emitido pelos S.I.C. em Viana do Castelo, que outorgou **por si** e na qualidade de **procuradora**, em representação de seu referido marido **FRANCISCO FERNANDES CELA**, NIF 161 380 743, natural da indicada freguesia de Paderne e com ela residente, fez as seguintes declarações, que se compõem de seis folhas:

Que ela e o seu representado são **donos e legítimos possuidores**, com exclusão de outrém, dos treze bens constantes de um documento complementar, elaborado de harmonia com o número um do artigo sessenta e quatro de Código do Notariado, cujo conteúdo conhecem e inteiramente aceitam, o qual faz parte integrante da presente escritura, pelo que dispensam a sua leitura.

**BENS SITOS NO CONCELHO DE MELGAÇO – UNIÃO DE FREGUESIAS DE PARADA DO MONTE E CUBALHÃO**

**VERBA NÚMERO UM**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Razela", composto por mato, sito no lugar de Orjaz, com a área de mil e trezentos metros quadrados, a confrontar de norte e de poente com Junta de Freguesia, de nascente com caminho público e de sul com Elizeu José Cardoso, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 144º (**antigo artigo 142º da freguesia de Cubalhão**), com o valor patrimonial de seis euros e sete cêntimos e igual valor atribuído.

**VERBA NÚMERO DOIS**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Lameiros", composto por mato, sito no lugar de Orjaz, com a área de mil e quatrocentos metros quadrados, a confrontar de norte e de poente com caminho público, de nascente com Glória dos Anjos Pereira e de sul com Prazeres Flora, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 158º (**antigo artigo 149º da freguesia de Cubalhão**), com o valor patrimonial de seis euros e cinquenta e quatro cêntimos e igual valor atribuído.

**FREGUESIA DE PADERNE**

**VERBA NÚMERO TRÊS**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Campo de Soutelo de Baixo", composto por cultura, sito no lugar de Sante, com a

área de mil e quatrocentos metros quadrados, a confrontar de norte com António Jesus Esteves, de nascente com limite da freguesia, de poente com João Joaquim Alves e de sul com Humberto Rei, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 1.554º, com o valor patrimonial de cento e vinte e quatro euros e quarenta e dois cêntimos e igual valor atribuído.

**VERBA NÚMERO QUATRO**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Chão da Velha", composto por pinhal e mato, sito no lugar de Sante, com a área de setecentos e oitenta metros quadrados, a confrontar de norte com Humberto Rei, de nascente com Oliveiros Alves de Castro, de sul com Francisco José Gonçalves e de poente com caminho público, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 2.322º, com o valor patrimonial de catorze euros e cinquenta e um cêntimos e igual valor atribuído.

**VERBA NÚMERO CINCO**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Fontinha", composto por cultura, com a área de quinhentos e quarenta metros quadrados, sito no lugar de Sante, a confrontar de norte com caminho público, de sul com António Rodrigues, de poente com Humberto Rei e de nascente com Ana Maria Cerqueira Palhares, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 2.499º, com o valor patrimonial de cinquenta e quatro euros e dezasseis cêntimos e igual valor atribuído.

**VERBA NÚMERO SEIS**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Bessada", sito no lugar de Sante, composto por cultura, com a área de duzentos metros quadrados, a confrontar de norte com Francisco Alves de Castro, de sul e de poente com António Augusto Carpinteiro e de nascente com José Joaquim Cerqueira, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 2.658º, com o valor patrimonial de dezanove euros e quarenta e nove cêntimos e igual valor atribuído.

**VERBA NÚMERO SETE**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Campo da Oliveira", composto por cultura, sito no lugar de Sante, com a área de mil oitocentos e vinte metros quadrados, a confrontar de norte com Maria da Glória Alves, de poente com Carlos Francisco Domingues Casal, de sul com Artur Arnaldo Rodrigues e de nascente com Manuel Fernandes, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 2.809º com o valor patrimonial de cento e sessenta e oito euros e setenta e sete cêntimos e igual valor atribuído.

**VERBA NÚMERO OITO**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Passos", sito no lugar de Sante, composto por pinhal e mato, com a área de mil e quinhentos metros quadrados, a confrontar de norte com caminho público, de nascente com José Maria Ferreira, de sul e de poente com José António Meixeiro, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 3.097º, com o valor patrimonial de dezanove euros e vinte e seis cêntimos e igual valor atribuído.

**VERBA NÚMERO NOVE**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Covelo", sito no lugar de Sante, composto por pinhal e mato, com a área de três mil e quinhentos metros quadrados, a confrontar de norte e de poente com Manuel Cabano, de sul com Maria Amélia Gonçalves e de nascente com Artur dos Barreiros, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz

sob o artigo 3.174º, com o valor patrimonial de quarenta e sete euros e oitenta e cinco cêntimos e igual valor atribuído.

**VERBA NÚMERO DEZ**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Leira das da Corgas", sito no lugar de Sante, composto por pinhal e mato, com a área de duzentos e quarenta metros quadrados, a confrontar de norte com Manuel Domingues, de poente com Alice Flores e outros, de sul com Oliveiros Rodrigues e de nascente com Manuel José Alves, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 3.311º, com o valor patrimonial de dois euros e noventa e um cêntimos e igual valor atribuído.

**VERBA NÚMERO ONZE**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Sancho", sito no lugar de Sante, composto por pinhal e mato, com a área de mil cento e cinquenta metros quadrados, a confrontar de norte e de sul com José Maria Ferreira, de poente com caminho público e de nascente com Arsénio Calheiros, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 3.480º, com o valor patrimonial de doze euros e trinta e sete cêntimos e igual valor atribuído.

**VERBA NÚMERO DOZE**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Castelo", sito no lugar de Sante, composto por pinhal e mato, com a área de seiscentos e vinte metros quadrados, a confrontar de norte com Manuel Joaquim Alves, de poente com Bento José Fontes Fernandes, de sul com José Maria Ferreira e de nascente com caminho público, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 3.743, com o valor patrimonial de seis euros e quarenta e dois cêntimos igual valor atribuído.

**VERBA NÚMERO TREZE**

PRÉDIO RÚSTICO, denominado "Gandara", sito no lugar de Sante, composto por pinhal e mato, com a área de setecentos e oitenta metros quadrados, a confrontar de norte com Doroteia Vieites, de poente com Abel Rodrigues, de sul com Manuel Gonçalves e de nascente com Maria de Fátima Tábuas, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 3.789º, com o valor patrimonial de dez euros e setenta e quatro cêntimos e igual valor atribuído.

Que, os indicados prédios **não se encontram descritos** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, e encontram-se inscritos na respectiva matriz em nome do justificante marido.

Que, os referidos vieram à sua posse e à do seu representado, em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e setenta e cinco, quando, José Fernandes Cela e mulher Maria Alves Garelha e António José Ferreira, viúvo, todos residentes que foram no indicado lugar de Sante, entretanto já falecidos, lhos ajustaram doar, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respectiva escritura pública de doação.

Que, no entanto, desde essa data, entraram na posse dos referidos prédios, em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, nos de cultivo tratando da vinha e colhendo os seus frutos, nos restantes roçando o mato e limpando os pinhais, vendendo a madeira, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição em relação a todos.

Que, tendo exercido sobre os indicados prédios, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justifica a sua aquisição pela **usucapião** que invoca, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto no n.º 1 do art.º 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.  
Cartório Notarial de Melgaço, 22 de março de 2016.

A Escriutária Superior,  
*Maria Duartina Alves Dantas*

## Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 61/04/2016

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

**CERTIFICO** narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação e doação lavrada no dia vinte e dois de março de dois mil e dezasseis, neste Cartório Notarial, exarada a folhas vinte e três e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 130-E, **ESTER DA CONCEIÇÃO FERREIRA**, NIF 161 380 735, casados com Francisco Fernandes Cela, sob o regime da comunhão geral de bens, natural da freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, onde reside no lugar de Sante, titular do bilhete de identidade número 2809646 de 30/08/2001, emitido pelos S.I.C. em Viana do Castelo, que outorgou **por si** e na qualidade de **procuradora**, em representação de seu referido marido **FRANCISCO FERNANDES CELA**, NIF 161 380 743, natural da indicada freguesia de Paderne e com ela residente, fez as seguintes declarações, que se compõem de seis folhas:

Que ela e o seu representado são **donos e legítimos possuidores**, com exclusão de outrém, dos dezasseis bens constantes de um documento complementar, elaborado de harmonia com o número um do artigo sessenta e quatro de Código do Notariado cujo conteúdo conhecem e inteiramente aceitam, o qual faz parte integrante da presente escritura, pelo que dispensam a sua leitura.

### BENS SITOS NA FREGUESIA DE PADERNE

#### VERBA NÚMERO UM

**PRÉDIO RÚSTICO**, denominado "Chão da Velha", composto por pinhal e mato, sito no lugar de Sante, com a área de seiscentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar de norte com Manuel Alves Garelha, de poente e de nascente com Amélia Alves e de sul com Junta de Freguesia, não descrito na Conservatória de Registo predial e inscrito na matriz sob o artigo 2.319, com o valor patrimonial de seis euros e cinquenta e quatro centímo e igual valor atribuído.

#### VERBA NÚMERO DOIS

**PRÉDIO RÚSTICO**, denominado "Valados da porta da casa velha", sito no lugar de Sante, composto por cultura, com a área de duzentos e trinta metros quadrados, a confrontar de norte com caminho público, de nascente com estrada camarária, de sul com Maria Madalena Lourenço e de ponente com José Casal,

não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 2.508º, com o valor patrimonial de dezasseis euros e oitenta e cinco centímos e igual valor atribuído.

#### VERBA NÚMERO TRÊS

**PRÉDIO RÚSTICO**, denominado "Campo do Coto" sito no lugar de Sante, composto por cultura, com a área de setecentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar de norte com Manuel Rodrigues Dias, de sul com Rosa Codesso, de nascente com Manuel Alves Garelha e de poente com Manuel Francisco Alves, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 2.577º, com o valor patrimonial de setenta euros e quatro centímos e igual valor atribuído.

#### VERBA NÚMERO QUATRO

**PRÉDIO RÚSTICO**, denominado "Leira da Costa", sito no lugar de Sante, composto por cultura, com a área de duzentos e trinta metros quadrados, a confrontar de norte com António Alves Garelha, de sul com Maria Esteves, de nascente com António Alves de Castro e de poente com Francisco Lourenço. não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 2.633º, com o valor patrimonial de vinte euros e dezanove centímos e igual valor atribuído.

#### VERBA NÚMERO CINCO

**PRÉDIO RÚSTICO**, denominado "Fonte Nova", sito no lugar de Sante, composto por cultura, com a área de três mil e cem metros quadrados, a confrontar de norte e de poente com Manuel Fernandes, de sul com Miguel Rodrigues e outro e de nascente com José Bento Garelha, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 2.690º, com o valor patrimonial de duzentos e noventa e cinco euros e oitenta centímos e igual valor atribuído.

#### VERBA NÚMERO SEIS

**PRÉDIO RÚSTICO**, denominado "Campo e Valados da Várzea", composto por cultura, sito no lugar de Sante, com a área de novecentos metros quadrados, a confrontar de norte com José Maria Ferreira de sul com Manuel Fernandes, de poente com Joaquim Alves Garelha e de nascente com António Alves de Castro, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 2.795º, com o valor patrimonial de oitenta e cinco euros e sessenta e sete centímos e igual valor atribuído.

#### VERBA NÚMERO SETE

**PRÉDIO RÚSTICO**, denominado "Chão do Souto", composto por cultura, sito no lugar de Sante, com a área de dois mil cento e cinquenta metros quadrados, a confrontar de norte e de nascente com Oliveiros Alves de Castro, de sul com caminho público e de poente com António Augusto Carpinteiro, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 2.837º, com o valor patrimonial de duzentos e dois euros e trinta e nove centímos e igual valor atribuído.

#### VERBA NÚMERO OITO

**PRÉDIO RÚSTICO**, denominado "Pelos dos Fojos", composto por cultura, sito no lugar de Sante, com a área de novecentos e sessenta metros quadrados, a confrontar de norte com Maria Esteves, de sul e de poente com caminho público e de nascente com limite da freguesia, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 2.873º, com o valor patrimonial de setenta e quatro euros e quatro centímos e igual valor atribuído.

#### VERBA NÚMERO NOVE

**PRÉDIO RÚSTICO**, denominado

"Tupão", sito no lugar de Sante, composto por pinhal, com a área de cento e cinquenta metros quadrados, a confrontar de norte e de nascente com Manuel Domingues Casal, de sul e de poente com Glória da Rosa, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 3.049º, com o valor patrimonial de dois euros e onze centímos e igual valor atribuído.

#### VERBA NÚMERO DEZ

**PRÉDIO RÚSTICO**, denominado "Fontainhas", sito no lugar de Sante, composto por pinhal e mato, com a área de trezentos metros quadrados, a confrontar de norte com caminho público, de sul com António Carlos Vieira Costa, de poente com Manuel Cardoso de Almeida e de nascente com estrada nacional, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 3.106º, com o valor patrimonial de cinco euros e oitenta centímos e igual valor atribuído.

#### VERBA NÚMERO ONZE

**PRÉDIO RÚSTICO**, denominado "Passos", sito no lugar de Sante, composto por pinhal e mato, com a área de mil e trezentos metros quadrados, a confrontar de norte com Alberto Augusto Martins, de poente com José Maria Ferreira, de sul com Carlos Domingues Francisco e de nascente com estrada nacional, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 3.109º, com o valor patrimonial de dezanove euros e oitenta e quatro centímos e igual valor atribuído.

#### VERBA NÚMERO DOZE

**PRÉDIO RÚSTICO**, denominado "Covelo", sito no lugar de Sante, composto por pinhal e mato, com a área de três mil e seiscentos metros quadrados, a confrontar de norte e de nascente com António Augusto Esteves, de poente com José Maria Ferreira e de sul com Maria Madalena Lourenço, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 3.137º, com o valor patrimonial de cinquenta e cinco euros e trinta e três centímos e igual valor atribuído.

## Comarca de Viana do Castelo

### ANÚNCIO

**Processo:** 35/16.1T8MLG  
**Interdição/Inabilitação**  
**N/Referência:** 38932532  
**Data:** 09-03-2016  
**Requerente:**  
Ministério Público  
**Requerido:**  
Ana Sofia Domingues Pires

Faz-se saber que foi distribuída neste tribunal, em 04-03-2016, a ação de Interdição em que é requerida **Ana Sofia Domingues Pires**, com residência em **Côto Santo, Parada do Monte, 4960 Melgaço**, para efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica.

*Dra. Ana Catarina da Silva Matos*  
A Escrivã Auxiliar,  
*Zulmira Cardoso*

#### VERBA NÚMERO TREZE

**PRÉDIO RÚSTICO**, denominado "Fontainhas", sito no lugar de Sante, composto por pinhal e mato, com a área de seiscentos e vinte metros quadrados, a confrontar de norte com estrada nacional, de poente com Maria Albertina, de sul e de nascente com António Carlos Vieira da Costa, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 3.236º, com o valor patrimonial de oito euros e dezasseis centímos e igual valor atribuído.

#### VERBA NÚMERO CATORZE

**PRÉDIO RÚSTICO**, denominado "Leira da Boleta", sito no lugar de Sante, composto por pinhal e mato, com a área de dois mil e trezentos metros quadrados, a confrontar de norte e de poente com caminho público, de sul com Francisco Codesso e de nascente com António Gomes Carpinteiro, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 3.315º, com o valor patrimonial e vinte e quatro euros e setenta e cinco centímos e igual valor atribuído.

#### VERBA NÚMERO QUINZE

**PRÉDIO RÚSTICO**, denominado "Volta do Pai", sito no lugar de Sante, composto por pinhal e mato, com a área de dois mil e cem metros quadrados, a confrontar de norte e de sul com caminho público, de poente com António Rodrigues e de nascente com Maria Áurea Alves Lourenço, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 3.427º, com o valor patrimonial de vinte e três euros e oitenta e um centímos e igual valor atribuído.

#### VERBA NÚMERO DEZASSEIS

**PRÉDIO RÚSTICO**, denominado "Leira da Pedra do Sinal", sito no lugar de Sante, composto por pinhal e mato, com a área de mil e quinhentos metros quadrados, a confrontar de norte com Maria da Glória Alves, de poente com Manuel Dias, de sul com José Alves e de nascente com José Maria Ferreira, não descrito na Conservatória de Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 3.695º, com o valor patrimonial de dezas-

## Comarca de Viana do Castelo

### ANÚNCIO

**Processo:** 36/16.0T8MLG  
**Interdição/Inabilitação**  
**N/Referência:** 38933017  
**Data:** 09-03-2016  
**Requerente:**  
Ministério Público  
**Requerido:**  
José António Afonso Rodrigues

Faz-se saber que foi distribuída neste tribunal, em 04-02-2016, a ação de Interdição em que é requerido **José António Afonso Rodrigues**, com residência em **Lug. de Portela do Couto, Chaviães, 4960-110 Melgaço**, para efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica.

*A Juiz de Direito,*  
*Dra. Ana Catarina da Silva Matos*  
A Oficial de Justiça,  
*Zulmira Cardoso*

sete euros e cinquenta centímos e igual valor atribuído.

Que todos os imóveis estão inscritos na respectiva matriz em nome do justificante marido.

Que, os prédios indicados nas verbas números um a dezasseis vieram à sua posse, em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e setenta e cinco, quando, José Joaquim Cela e mulher Maria Alves Garelha; e António José Ferreira, viúvo, todos residentes que foram no referido lugar de Sante, entretanto já falecidos, nunca chegou a formalizar a respectiva escritura pública de doação.

Que, no entanto, desde essa data, ela e o seu representado, entraram na posse dos referidos prédios, em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, habitando o urbano, fazendo-lhe regularmente obras de limpeza e conservação, nos de cultivo tratando da vinha e colhendo os seus frutos, nos restantes roçando o mato e limpando os pinhais, vendendo a madeira, suportando os respectivos encargos e despesas de fruição em relação a todos.

Que, tendo exercido sobre os indicados prédio, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justifica a sua aquisição pela **usucapião** que invoca, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em juízo, durante o prazo de trinta dias a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto no n.º 1 do art.º 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.  
Cartório Notarial de Melgaço, 22 de março de 2016.

A Escriutária Superior,  
*Maria Duartina Alves Dantas*

## Comarca de Viana do Castelo

### ANÚNCIO

**Processo:** 26/16.2T8MLG  
**Interdição/Inabilitação**  
**N/Referência:** 38885241  
**Data:** 01-03-2016  
**Requerente:**  
Manuel Joaquim Meleiro  
**Requerido:**  
Françoise Yvette Tissier Meleiro

Faz-se saber que foi distribuída neste tribunal, a ação de Inabilitação em que é requerida **Françoise Yvette Tissier Meleiro**, com residência em **domicílio: Galvão - U.F. Vila e Rouças, 4960 Melgaço**, para efeito de ser decretada a sua inabilitação.

*A Juiz de Direito,*  
*Dra. Ana Catarina da Silva Matos*  
A Oficial de Justiça,  
*Almerinda Esteves*

# O Alto Minho é promissor para os operadores turísticos? A prova de fogo da Viajália, que deixou de festejar as reservas para facturar milhões

*Num momento em que os principais indicadores apontam para um aumento firme do turismo, quisemos saber de quem toma o pulso ao sector (ou a parte substancial dele) se as notícias veiculadas tem uma sustentação que anime o comércio a esfregar as mãos de contente.*

De facto, nem tudo são rosas para os três sócios da Viajália, Marketing e Serviços, Lda, mas já vai longe o tempo em que faziam "uma festa" cada vez que alguém reservava uma escapadinha através do sítio online. Hoje, a Viajália opera com várias marcas, entre elas a Estâncias e a Sigatravel, a agência de viagens que opera a partir de Monção, onde tem montado o seu 'quartel-general', um pouco para todo o mundo.

Com uma taxa de crescimento superior a cinquenta por cento ao ano, os serviços da Viajália são responsáveis por uma média de reservas na ordem das dez mil noites de hotel em Portugal (cerca de 20 mil pessoas).

Paulo Azevedo, José António Muinhos e Luz Rodríguez, assumem tarefas chave no projecto que abraçaram em 2012 e puseram a trabalhar há três anos. A experiência profissional de cada um dos sócios, parte de uma equipa com dez elementos, foi o motor para persistir num meio exigente em termos operacionais e onde até a sede da empresa – que chegou a ser equacionada para Melgaço – tem de ser devidamente avaliada.

"Houve a oportunidade de ser em Melgaço mas depois, pelas circunstâncias, acabamos por optar por Monção, em termos de recursos humanos. Hoje temos pessoas que vêm de Espanha, Valença, Viana do Castelo e era muito difícil irem para Melgaço", nota Paulo Azevedo, melgacense e um dos sócios da Viajália.

No entanto, porquê Monção no momento em que o turismo em Portugal vive da associação aos grandes centros urbanos e destinos de praia, onde o Porto e o Algarve tem ganho margem?

"Era a oportunidade que tínhamos no momento. Numa área geográfica como esta, ou íamos para fora, como faz a maior parte da gente daqui, ou optávamos pelo

empreendedorismo. O que não era nada fácil, porque as infraestruturas aqui são bastante pobres e com muito pouco apoio institucional. No Porto ou em Lisboa conseguem-se mais coisas, mais rápido e mais fácil, é certo", observa José António Muinhos em tom crítico, céptico no entanto da rentabilidade do pacote turístico praticado em cidades como a invicta. "O turismo do Algarve ou Porto ganharam nome à custa de praticar preços muito baixos. Foi a maneira que tinham de sobreviver, mas os anos de 2012, 2013 foram muito duros para o sector".

O posicionamento em plataformas online foi a estratégia escolhida pelos empresários para poder trabalhar "em qualquer lado" e conseguir facturar. "Acreditávamos também na importância do desenvolvimento do turismo do Norte face ao turismo algarvio, que é muito sazonal e um negócio uma estância", consideram.

Hoje, os canais de venda asseguram a maior parte do fluxo, conseguindo projectar o destino Portugal em mercados como o suíço ou o holandês, mas o turismo de nicho, onde o padrão qualitativo é mais exigente, volta a encontrar entraves no Minho. "Nunca conseguimos atrair muito ao Minho pela falta de infraestruturas", asseguram. "Não há hotéis, há actividades mas não estão devidamente profissionalizadas."

Entre a "aliciante e a complicação", para estes empresários turísticos o Minho afigura-se mais promissor do que os mais vulgares destinos - "Aqui temos um turismo alternativo, que nos permite mover noutros patamares" - mas por outro lado chega a ser caricato pela complicação nas pequenas coisas. "Fizemos um trabalho muito caro para a nossa estrutura económica, que foi o de promoção, onde nos sentimos muito sós, porque até para pedir uns flyers ao Turismo do Porto e norte foi um 'filme'. Teve de ser uma pessoa que, a título particular, nos trouxe os flyers para que pudéssemos promover o destino de Portugal em várias acções que fizemos em Espanha e na Bélgica. Parece que este trabalho só é credível se estiver no Porto. Se estiver em Monção já não é credível", atiram.

"Parece que há uma descredibilização quando alguém da terra, falando por mim, tenta fazer algo. No meu caso, senti isso. Não se acarinham as pessoas daqui e isso faz com que elas vão investir lá fora, porque muitas vezes não é



uma questão de dinheiro, é o facto de as pessoas se sentirem bem e que são queridas", observa por sua vez Paulo Azevedo. "Em Monção abriu um Burger King e ninguém duvidou disso, ainda que trabalhe menos gente no Burger King do que conosco", reforçou José António Muinhos.

O trabalho, assente em construção de produtos turísticos para vender para agências em plataformas online é também um conceito sem histórico que, à partida, poderá causar estranheza num meio onde o fluxo de vendas se mede pelo número de pessoas que entram pela porta.

"Sim, as pessoas poderão não perceber como é que uma agência que eventualmente poderá entrar um cliente por dia, como pode ter dez postos de trabalho, mas na verdade, nós tanto poderíamos estar aqui como noutro sítio qualquer, embora o normal fosse estarmos numa grande cidade".

Investir no Alto Minho. E se fosse hoje? "Hoje talvez não. Estamos a sofrer com as 'dores' de crescimento. Às vezes é preferível trabalhar mais longe (de casa) mas em termos de matéria humana teríamos um suporte mais favorável. Nós não reunimos uma equipa, nós formamos a equipa.

Se estivéssemos noutro meio, provavelmente colocávamos um classificado e aparecia-nos alguém com os conhecimentos necessários, aqui, o que tivemos de fazer foi construir e formar as pessoas.

"98 por cento da nossa factura-

ção não precisava do espaço físico da agência de viagens, numa cidade com um espaço ainda que mais escondido, elaborávamos à mesma este trabalho", asseguram.

O Porto e Lisboa poderão, por isso, ser os próximos objectivos da Viajália para a Sigatravel, enquanto agência de rua para atendimento ao público. No Alto Minho,

continuarão a assumir a sua base de funcionamento, criando ferramentas com as quais trabalhar. "Para dar um exemplo fácil, somos como a empresa de construção que teve de fazer a betoneira, a grua, o camião... Estamos a desenvolver software próprio para podermos trabalhar".

João Martinho



**Peso Paderne Melgaço**

**Alojamento e Restauração**



Quarto de banho privativo, mini-bar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.

- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

**BONS PREÇOS**

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350  
geral@hotelboavistamelgaco.com  
www.hotelboavistamelgaco.com

# Consultório de osteopatia abre em Melgaço

## Se não houver conhecimento da anatomia humana, "um pequeno gesto pode ser prejudicial", diz Cátia Afonso



*Apesar de mais de cem anos de definição médica, em 2011, em Melgaço, a osteopatia era um termo um pouco vago para uma população que olhava para esta prática medicinal "alternativa" um recurso adicional, quando os alertas físicos apontavam mais do que uma dor passageira.*

Os habituais 'endireitas', com fama e com conhecimentos técnicos baseados na experiência e no (eventual) dom para a manipulação a que se propunham, eram o último recurso para a dor nas costas, do braço ou outros e a que os exames médicos não dão solução célere.

Nesse ano, surgia em Melgaço Cátia Afonso, recém licenciada em Motricidade Humana, com estudos em fisioterapia e especialidade em osteopatia. A essa altura "não havia nenhum osteopata, nem as pessoas sabiam o que era a osteopatia", mas ainda assim, Cátia fez a proposta a um estabelecimento farmacêutico em Melgaço e aventurou-se, disposta a quebrar mitos.

Quatro anos e meio, foi naquele posto de trabalho que Cátia Afonso protagonizou localmente o desbravar da área e esclarecer os clientes de que "a osteopatia não é estalar ossos, até porque os

ossos não se estalam". Mal seria.

Em Julho de 2015, saiu do local onde cresceu. Entretanto, já tinha aberto um consultório em Monção, mas não largou mão dos potenciais clientes melgacenses. Procurou um local, fez obras, remodelou um espaço às portas da vila de Melgaço e abriu o seu novo e completo consultório em finais de Fevereiro de 2016.

"O que me levou a investir foi o não abandonar os meus pacientes. Não queria abandonar este vínculo, até porque foi Melgaço que me abriu as portas quando acabei a especialidade. Comecei aqui, Monção só surgiu depois, em 2014", conta a osteopata.

Hoje, Cátia Afonso divide o seu tempo entre Monção, Melgaço e uma escola em Espanha, onde dá aulas e é coordenadora do curso de osteopatia. Quando não está, outros especialistas tratam de outras maleitas, que vão desde a ortopedia à hipnoterapia, passando por outras técnicas cada vez mais em voga, como o reiki ou a quiromassagem.

A pouco mais de um mês da abertura, há um certo sentir do regresso "a casa", onde começou. Desta vez, com um reconhecimento profissional de que se orgulha e pelo qual tem de responder.

"É importante saber que um osteopata devidamente certificado tem uma cédula profissional. Eu sou das primeiras profissio-

nais em Portugal a ter cédula", nota. Foi a 43ª pessoa em Portugal a ter cédula, mas para isso precisou de esperar que as candidaturas para o efeito abrissem e o Governo reconhecesse uma área que até ali apenas se defendia com "os cartões das associações" para atestar a experiência do especialistas.

O reconhecimento é, pelo exposto, recente, mas a técnica não é nova nem é brincadeira, muito pelo contrário. "Um pequeno gesto pode ser muito prejudicial. Se for um caso de cervical, uma manipulação mal feita, numa hérnia, por exemplo, em vez de decomprimir, pode comprimir mais e causar uma dor que vai desde o pescoço aos braços". "Nada de amadorismos", alerta.

Participante da iniciativa "Um Dia Pela Vida" Melgaço, que apoiará com donativos, Cátia Afonso guarda para depois da campanha da Liga Portuguesa Contra o Câncer o lançamento de alguns rastreios abertos à comunidade.

Inspirada pelos ensinamentos de Andrew Still (o "pai" da osteopatia), que cita várias vezes, Cátia Afonso olha com positividade para uma prática que promove "a reeducação do paciente, para não andar sempre a manipular, sempre a mexer no organismo". O corpo deve "favorecer a cura", conclui a osteopata.

João Martinho

# Memórias de África



## Batalhão 17 de Nova Freixo

### Visita à Companhia do Malema

Apesar de estar pouco tempo na cidade de Nova Freixo, ainda tive tempo para visitar a Companhia do Malema e a Missão Católica do Mutuali.

Ao chegar a Malema dirigi-me para a residência da paróquia, tendo sido muito bem recebido pelo Pároco que me ofereceu o jantar e dormida, como fazia aos seus antecessores.

De seguida fui falar com os soldados, conversando bastante com eles o que também fiz no dia seguinte, antes de regressar à residência para me despedir do Sr. Padre, pois nesse dia eu ia de comboio para Mutuali.

Quando entrei no comboio sentei-me junto de um senhor a quem pedi para me indicar onde era a estação de Mutuali. O senhor ia para a mesma estação. Começamos a falar, contando-lhe eu que era o Capelão Militar do Batalhão 17 de Nova Freixo e que vinha visitar os soldados daquela Companhia e também agora os de Mutuali. O senhor era o Superior daquela Missão e ofereceu-me a estadia, vindo mais tarde buscar-me para jantar. Deixou-me com os soldados e pediu-me para ficar ainda no dia seguinte na Missão, a fim de ajudar na celebração de 36 casamentos. Não hesitei em aceitar o pedido, pois era mais uma experiência na minha vida sacerdotal e recordei tudo o que tinha visto nas revistas missionárias.

O outro sacerdote que estava na Missão era o Padre Lima, de Chaviães, Melgaço, filho de um senhor muito conhecida na sua terra. Quando fui pároco da Gave, Melgaço, conheci bem o padre que baptizou o Padre Lima, da freguesia de Chaviães, onde está hoje um sobrinho desse sacerdote que ficou na Gave quando eu mudei para a terra dos meus avós maternos em Cíboes, Terras de Bouro.

A Igreja da Missão de Mutuali tinha três naves e três portas de entrada no fundo da Igreja. As noivas iam chegando e fazendo três filas, conforme a porta do fundo da Igreja. Eram chamadas por uma ordem que já estava marcada. De seguida chegavam os noivos e depois de todos terem chegado e de ter sido proferida uma pequena saudação, entravam para a Igreja, conforme a fila em que estavam. Tudo correu muito bem, ficando cada fila nas naves laterais e central.

Na nave lateral, onde eu estava, encontrava-se um tradutor para se fazer o casamento na língua própria daquelas terras.

Depois da celebração dos casamentos, os sacerdotes concelebravam a Missa no altar-mor, como é costume nas concelebrações.

Tudo correu muito bem, seguindo-se a missa normal. No final das cerimónias, quando me preparava para ver o desfile dos casados, na Igreja, até à residência dos sacerdotes onde iam assinar os respectivos papéis do casamento, pouco vi, porque apareceram alguns homens para se confessarem, e naturalmente que era mais importante confessá-los do que ver o desfile dos recém-casados.

Quanto ao respeito, à alegria, à organização e ao modo como decorreu a festa da celebração dos 36 casamentos, fiquei muito contente por ter participado, assistido e realizado 12 casamentos católicos na Missão de Mutuali. Gostei imenso e jamais esquecerei aquele dia missionário de Mutuali.

Uma coisa que me impressionou bastante foi o ar sério das recém-casadas, enquanto esperavam para assinar as atas do casamento. Perguntando-lhes qual era o motivo daquele ar tão sério, disseram-me que a mulher que risse ou falasse no dia do casamento não seria feliz.

No dia seguinte, regressei a Nova Freixo para continuar a trabalhar até ao regresso à Metrópole, que se aproximava.

P.º António Sousa e Silva



# Mulheres com "garra" desportiva

## Primeiro jogo da equipa feminina do Melgacense associou iniciativa solidária



No dia 19 de Março, o dia era tradicionalmente do Pai, mas em Melgaço o dia ficou marcado pela acção das mulheres, quer pela mobilização em grupo em prol de uma causa solidária, quer pelo seu destaque numa actividade em que os homens são imagem mais frequente.

Era dia de futebol e as atletas treinadas por Emídio Afonso, que desde finais de 2015 vestem as cores do Sport Clube Melgacense para os treinos semanais, tiveram neste dia a sua primeira prova 'de fogo' em campo relvado, ainda que em jogo amigável frente a equipa feminina do S.C. Fontourense.

Cerca de trinta mulheres melgacenses – uma participação numérica que surpreendeu e mereceu elogios até do treinador da formação fontourense – compareceram equipadas a rigor para uma partida onde o marcador foi apenas um avaliador da capacidade de concretização. O valor da entrada, também ele simbólico, revertia para a campanha local da Liga Portuguesa Contra o Cancro e a bancada compôs-se

para ver pela primeira vez em Melgaço uma equipa feminina local assumir o centro do campo.

Em duas metades, com tempos não regulares, as "Jovens Guerreiras" melgacenses acabariam por responder com um único golo aos três apontados pela mais experiente formação Fontourense, mas o espectáculo não esmoreceu quem viu nem o técnico que orienta o treino. Afinal, a maioria das mulheres melgacenses jogava apenas com a experiência de quatro meses frente a uma formação adversária com seis anos de existência e treino da maioria das atletas.

"Empenharam-se bastante naquilo que temos vindo a desenvolver, que é o treino mais físico. Tem de associar-se mais à bola, mas algumas nunca tinham jogado à bola, outras não jogavam futebol de onze, por isso gostei do comportamento da equipa, do empenho de todas. Em relação ao primeiro treino, nota-se muita evolução", observava o treinador Emídio Afonso, no final da partida.

O exercício e desempenho poderá ganhar mais forma e do-

mínio técnico em partidas próximas, já que o técnico pondera inscrever a equipa para entrar num circuito de deslocações um pouco pela zona norte, em eventuais disputas de torneios, triangulares ou amigáveis na zona Norte do país.

"Tenho conhecimento de outras equipas, em sítios como Porto ou Guimarães, onde há equipas femininas de onze. São equipas mais experientes, mas para este fim, que é o desporto e o lazer, para descarregar o stress do trabalho, já é bom".

João Martins, treinador das atletas do SC Fontourense há três anos, dos seis que o grupo já soma de prática desportiva, apoiava a continuidade destes desafios no feminino. "É um evento a ser repetido, o Melgacense está de parabéns, tem uma equipa de 27, 30 jogadoras e isso é muito bom".

Por sua vez, lamentava os dias em que o treino só recebe sete jogadoras. "No feminino é difícil encontrar jogadoras com tempo".

João Martinho

## 64.º Artigo

### Dose certa sem desperdício

O aumento crescente da produção de resíduos, deve-se, como é do conhecimento geral, à alteração dos hábitos e ao aumento do consumo da população. Ora grande parte destes resíduos é composta por alimentos que são desperdiçados, seja aquando da sua aquisição, confeção (quantas vezes em quantidades excessivas) e ao consumo. Ou simplesmente porque se esqueceu, deixando passar o prazo, ou porque não sabe que uso lhes dar. São então várias as "frentes" de resolução deste problema, poupando na carteira, e no ambiente.

#### Organizar e planear

Verifique com frequência a despensa e o frigorífico e coloque à frente, para consumo prioritário, os produtos com prazo de validade mais próximo ou mais apertado.

Planifique as refeições, semanalmente, para avaliar o que tem em casa e o que realmente lhe faz falta adquirir, elabore uma lista e compre apenas isso.

#### Guardar

Após a abertura de uma embalagem de alimentos secos (cereais, arroz, farinha, bolachas, etc.) tenha o cuidado de a fechar devidamente ou transfira o alimento para frascos, latas ou caixas com tampa, e coloque em local fresco, escuro e seco.

No caso dos enlatados (leguminosas, frutas, atum, etc.), coloque o que sobrou num recipiente e guarde no frigorífico ou congele.

Guarde as frutas e vegetais nas gavetas do frigorífico, para que durem mais tempo, depois de nela colocar uma folha de papel para que absorva a humidade em excesso e não estrague os alimentos.

Quanto às batatas, alhos e cebolas, guarde em locais escuros, arejados e frescos para que não grelem ou apodreçam.

Leia as regras de armazenamento nos rótulos dos produtos, verifique a validade e guarde como é indicado.

Se houver sobras de comida, para prolongar o tempo de conservação, congele-as depois de as identificar.

Para que o pão dure mais tempo, retire todo o ar do saco de plástico onde ele se encontra e feche muito bem.

Para que os vegetais comprados com raiz mantenham a frescura, coloque-os com os pés dentro de uma bacia com água dentro do frigorífico.

As bananas emitem um gás que amadurece a fruta, assim, coloque-as à temperatura ambiente e perto, ou longe, das outras frutas para que as amadureçam mais depressa, ou não.

#### Preparar

Quando fizer molhos e caldos, e sobrarem, congele-os em cuvetes, por doses.

Aproveite os alimentos da época, que são normalmente mais baratos, como a fruta e legumes na preparação de compotas e conservas ou lave, corte e congele em sacos bem fechados.

Prepare uma refeição a pensar já na seguinte. Por exemplo almoce uma caldeirada de peixe e faça uma sopa de peixe para o jantar.

O pão que não comeu pode ser torrado ficando com tostas para qualquer momento, pode depois moer, fazendo pão ralado, pode fazer inúmeros pratos e sobremesas ou pode simplesmente congelar. Pode ainda cortar em cubos, levar ao lume com um fio de azeite, alho e ervas aromáticas para fazer croutons, que pode também congelar.

Se sobrarem pequenas quantidades de legumes, faça tartes e quiches que pode levar ao forno para comer no próprio dia ou congelar para comer mais tarde.

#### Aproveitar

Utilize os talos de brócolos, couve ou de outros vegetais para preparar a base da sopa, e também a utilize a água de cozer legumes.

Liquidifique frutas e vegetais muito maduros para preparar sumos, batidos, molhos, etc. ou para fazer crumble de fruta - pode levar ao forno para comer no próprio dia ou deixar a massa crua e congelar.

Utilize as sobras de carne para fazer empadão e pratos com carne picada e as sobras de frango cozido ou assado para fazer saladas ou sanduíches.

Adicione as migalhas de bolachas ou o fundo das embalagens de cereais a um iogurte.

Congele chá ou café que sobre em cuvetes de gelo para arrefecer chá ou café quente. Com o vinho faça o mesmo e adicione a cozinhados.

Se os iogurtes estão no limite de prazo, congele-os, nos recipientes, colocando pauzinhos para gelados caseiros.

As cascas de batatas biológicas, bem lavadas, podem ser fritas em azeite, alho e ervas.

#### Reciclar

Quando não conseguir encontrar nenhuma outra forma de aproveitar os alimentos faça (vermi)compostagem, assim podem ser aproveitados para produzir um fertilizante.

Ana Cristina Costa

# Uma Páscoa nos Açores

Um desafio pouco comum: desenhar nos Açores em tempo de vivências pascais!

Em atmosfera de Páscoa próxima, enfiados em espaço individual pequenino num Boeing 737 da Ryanair, onde o inglês tem prioridade nos anúncios de avisos de comportamentos a bordo e a bagagem, com camisolas a prever tempo fresco, comprimidas nas medidas 20x40x55cm. Sem a indumentária incluir reforço nem protecção para a chuva, a confiar de forma optimista nas sempre instáveis previsões meteorológicas para este arquipélago no meio do Atlântico, seguimos num voo sem história, do terminal 2 da Portela até à pista do Aeroporto João Paulo II em Ponta Delgada.

Em terra esperava-nos um destino tranquilo, na Freguesia de Nossa Senhora do Livramento, no Centro Missionário do Coração de Jesus, dos Dehonianos, Ilha de S. Miguel essa tranquilidade espalhada sobre o verde contínuo que o nosso olhar percorre até se suster na água do mar e nas ondas da praia a molhar a areia acinzentada.

As palmeiras, neste clima fresco e húmido, parecem que vieram de férias para aqui por engano! Mas ficam bem nas fotos e nos esboços e desenhos.

Toda a arquitectura tradicional exhibe a força da origem vulcânica destas ilhas. As casas e igrejas, ao adoptar as barras cinzentas escuras da pedra porosa que saiu dos vulcões para enquadrar o branco das paredes caiadas e as janelas, lembram o Alentejo a preto e branco, a substituir as barras azuis e amarelas que por lá se espraiam ao sol.

E sempre uma palmeira por perto, apesar do frio...Um Norte de África que se desprende pelo oceano fora?

## SE O VERDE MEDIR A ESPERANÇA...

...Aqui a esperança não acaba nunca pois a côr que domina e enche os nossos olhos e memórias visuais é o verde, em tons que atapetam tudo, desde as areias escuras da beira mar até às encostas vulcânicas que guardam por vezes ciosamente entre si, as caldeiras cheias de espelhos de água onde as nuvens, mais que o sol, acinzentadamente se refletem.

No tempo de captar num desenho a magia de uma caldeira e enquanto se escolhe uma cor,

as nuvens descem e sobem, tudo muda quase numa fracção de segundo! Adensam-se e dispersam-se de uma forma quase mágica. Vieram e taparam, subiram mais um pouco, deixaram um raio de sol passar por instantes, a seguir os verdes ficam mais cinzentos... Não há paleta que resista, prepara-se uma cor...oh, não, já não é esta! Entre o desafio e a frustração, mas ultrapassados sempre pela surpresa do instante seguinte. As manchas no papel são uma cábula mínima! Onde encontro a cor da água do lago no fundo da caldeira? Nas memórias e numa ou noutra foto parcialmente bem sucedida!

## A VIA SACRA NOCTURNA

Na 6ª feira Santa, bem no escuro da noite, a procissão da Via Sacra percorreu as ruas longas da Paróquia de Nossa Senhora do Livramento, onde as estações se erguiam em altares improvisados sobre colchas brancas com imagens e velas acesas, a fixar o momento, nos vãos de portas ou janelas. Mas o mais surpreendente foi o desfile ao vivo das principais figuras descritas nos Evangelhos, um Cristo bem jovem a carregar a sua cruz, as santas mulheres, José de Arimateia, Verónica e o seu pano condoído que ganha memória, tudo se processava em ritmo muito lento ao som de leituras e cânticos.

Depois da XIV estação já com Cristo depositado envolvido num lençol, continuamos a caminhar até uma inesperada XV Estação onde aparece um Anjo a anunciar às Santas mulheres a Ressurreição que se celebrará em madrugada de Páscoa.

Tentar sketches no escuro da noite concentrava mais a nossa atenção no que se ia passando. O traço era rápido e curto, mas a visualização intensificava-se. Duas horas e quatro quilómetros...Inesquecível.

## OS COROS DA RESSURREIÇÃO

Nas celebrações da festa da Páscoa os coros encheram-se de alma e preencheram o espaço da Igreja. Numa freguesia rural, com certeza como tantas outras. Muito mais intenso e vivido com uma qualidade e uma vivência inesperada.

No interior da igreja havia um

pequeno altar lateral onde um oratório guardava no seu interior por trás dos vidros, uma grande coroa em prata maciça, encimada por uma pomba, a coroa do Espírito Santo, sobre uma almofada bordada.

O oratório, ladeado por duas grandes bandeiras vermelhas de seda, com os símbolos do Espírito Santo bordados, expõe diariamente a coroa aguardando as festas de Pentecostes ou do Espírito Santo.

Habitualmente expostas e conservadas em construções próprias- os Impérios -neste caso a coroa estava acolhida e exposta na Igreja porque tinha havido um incêndio que danificara o local próprio. Uma situação singular.

O tempo sereno acolheu todos no fim da missa, no adro, a contemplar em baixo a praia, com desejos de Boa Páscoa.

## O DIA SEGUINTE

As voltas pelas plantações de chá da Gorreana, na Ilha de S. Miguel, as únicas plantações de chá em território europeu, as degustações da gastronomia açoriana, das imprescindíveis lapas à frescura dos peixes, com os vinhos brancos do Pico e os doces com licor de maracujá, acrescentaram as tradicionais memórias gustativas que tecem também o conhecimento do dia a dia da cultura de um povo ao longo dos séculos.

## A POESIA DE ANTERO DE QUINTAL

A terminar transcrevo um lindíssimo soneto do grande poeta Antero de Quintal.

Na Mão de Deus

Na mão de Deus, na sua mão direita,  
Descansou afinal meu coração.  
Do palácio encantado da Ilusão  
Desci a passo e passo a escada estreita.

Como as flores mortais, com que se enfeita  
A ignorância infantil, despojo vão,  
Depois do Ideal e da Paixão  
A forma transitória e imperfeita.

Como criança, em lóbrega jornada,  
Que a mãe leva ao colo agasalhada  
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto...  
Dorme o teu sono, coração liberto,  
Dorme na mão de Deus eternamente!

M. J. Lobo  
Páscoa de 2016



Igreja de S. Roque, branca debruada a pedra vulcânica



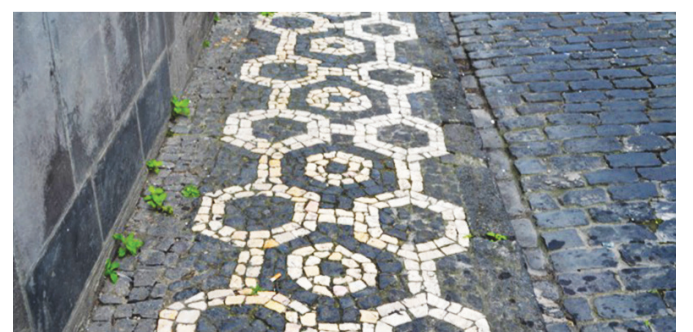
Os arcos tão simbólicos de Ponta Delgada na Praça de Gonçalo Velho Cabral, descobridor e povoador destas ilhas



Via Sacra nocturna, Paróquia de N.ª Sr.ª do Livramento



Uma caldeira sob o manto flutuante das nuvens que passam...



Calçada portuguesa

# VIAGENS NESTA NOSSA TERRA

## A epidemia de tifo em Castro Laboreiro em 1913/1914 (Parte II)

Em finais de Janeiro de 1914, chegou a Castro Laboreiro uma equipa da Cruz Vermelha para ajudar a erradicar uma epidemia de febre tifóide que aí grassava. Depois de nos primeiros dias terem dado atenção aos casos mais graves, aguardam a chegada, através do comboio, do equipamento para a instalação de um hospital de campanha.

Depois de o equipamento ter chegado à vila de Melgaço, começou a ser transportado até Castro Laboreiro em mulas, tarefa que parecia nunca mais ter fim, dada a baixa carga que cada um dos animais transportava, já que os carreiros, tão mal tratados que estavam, não permitiam um maior sacrifício aos animais. Um lavrador castrejo, António Bento Domingues, do lugar da Portelinha, sugeriu que o transporte deveria ser feito em carros puxados por juntas de bois e que ele próprio cederia o seu, prontificando-se ainda a sensibilizar o irmão a ceder o dele. Porém, o regedor da freguesia foi mais longe e decretou que todos os carros de bois da povoação se apresentassem no dia que se aprazasse para prestar este urgente serviço comunitário.

O hospital de campanha, no meio de tantas atribuições, apesar da boa vontade dos populares, que não se pouparam a esforços para conseguir materiais acessórios, apenas se conseguiu que ficasse funcional praticamente um mês após a equipa médica ter chegado ao local. Dotado de compartimentos para homens e mulheres, bem como para o pessoal de enfermagem e auxiliar, passou a ser um precioso equipamento para o combate à epidemia, que estava longe da sua definitiva erradicação.

Mas nem toda a população via com bons olhos o internamento dos seus doentes no espaço hospitalar recém-criado. Não faltaram manifestações de desagrado e agressivas oposições ao internamento de doentes. Valeu na circunstância a presença de agentes da Guarda Fiscal, que devidamente armados dissuadiram todos aqueles que preferiam ver os seus familiares em casa a permitir o seu internamento num espaço que lhes era estranho. É bem elucidativo o facto desta passagem do relatório que faz a história dos acontecimentos: "No lugar do Bico, em estado gravíssimo, foi encontrada Deolinda Afonso, casada, de 28 anos, que além de todos os sintomas característicos de febre tifóide, estava com princípio de uma infecção uterina em consequência de um aborto efetuado. O sogro desta mulher, quando ouviu dizer ao médico que era necessário hospitalizá-la, em tom autoritário protestou, garantindo que não o consentiria e quis hostilizá-la. Viu porém a carabina do guarda fiscal, que o ameaçou com prisão, e o homem serenando um pouco, apresentou como condição que lhe fizessem uma escritura garantindo que lhe salvavam a vida. Contudo, a mulher foi hospitalizada no dia seguinte sem serem atendidas tais condições."

Um grande obstáculo no combate à doença foram as condições meteorológicas registadas nessa altura



em Castro Laboreiro. Com chuva intensa e permanentes nevões, não era fácil fazer visitas às habitações para saber da existência de doentes e tratá-los convenientemente, ou em casos extremos transportá-los para o hospital em macas em cima de mulas, por trajetos acidentados de longos quilómetros.

Mas outros contratempos surgiram. Os elementos da Cruz Vermelha citam o facto de os habitantes de Castro Laboreiro não estarem nada habituados a ver gente sua a internarem-se em hospitais. Tinham a convicção de que só morria quem tinha que morrer e que a morte deveria acontecer na casa de cada um. Por isso, a Cruz Vermelha notou que algumas pessoas tentaram ocultar casos de familiares enfermos para não serem internados. Só a denúncia de outros vizinhos foi ajudando a diagnosticar novos casos.

No princípio do mês de Abril, com mais de sessenta dias de atividade intensa, o corpo de voluntários da Cruz Vermelha constata que a epidemia começa a ficar debelada. Não surgem novos casos e os doentes atacados pela febre apresentam significativas melhoras. No dia 6 de Abril, foi dada alta ao último doente que se encontrava hospitalizado. E como a ordem era para não fazer mais hospitalizações, até porque nem havia ninguém para hospitalizar, debaixo de um magnífico sol que tinha espontaneamente surgido, procedeu-se à desmontagem do hospital de campanha, que tão precioso tinha sido para o internamento e tratamento dos doentes, resistindo firmemente à forte invernada que foi obrigado a enfrentar.

A 9 de Abril do ano de 1914, acontece a partida da equipa da Cruz

Vermelha, emocionada de parte a parte como se depreende das considerações constantes do relatório apresentado superiormente. O dito relatório diz assim: "Ao despedirmo-nos deste povo rude mas muito bondoso, vimos olhos marejados de lágrimas e abraços estreitadíssimos que nos tributavam, certamente por terem reconhecido a dedicação com que foram tratados, através de tantos sacrifícios, todos os enfermos, apesar do seu elevado número, conforme se pode ver no seguinte resumo: epidémicos tratados em sua casa – 83; doentes hospitalizados – 12; doentes falecidos em casa – 12; doentes falecidos no hospital – 2; total de doentes curados – 81."

Infelizmente, a este número de falecidos, há que somar cerca de 60 óbitos que ocorreram antes da chegada da Cruz Vermelha. No total, neste surto epidémico faleceram 76 pessoas.

### Informações extraídas de:

Ilustração Catholica, nº 47, de 23 de Maio de 1914 Ano II, Braga;

MARQUES, Ricardo (2013) - Portugal no ano da Grande Guerra, Oficina do Livro, Lisboa.

MEIRA, Gonçalo Fagundes (2013) A cruz vermelha de Viana e a epidemia de Castro Laboreiro em 1914 in: Cadernos Vianenses, Tomo 47, Câmara Municipal de Viana do Castelo, Viana do Castelo;

SEQUEIRA, José de Magalhães (1918) - Higiene e Profilaxia do Tifo Exantemático. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Tipographia Mendonça, Porto.

Valter Alves  
(Blogue "Melgaço, entre o Minho e a Serra")

## SERRALHARIA MANUEL RODRIGUES



TUDO O TIPO DE TRABALHOS EM FERRO

BOAVISTA | ROUÇAS | 4960 MELGAÇO Telef. 251 403 562

## Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 01/04/2016

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

**CERTIFICO** narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação lavrada no dia trinta e um de março de dois mil e dezasseis, neste Cartório Notarial, exarada a folhas trinta e cinco e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 130-E, **MARIA MORAIS ESTEVES**, NIF 136 427 499, viúva, natural da freguesia de Seixas, concelho de Caminha, residente na Rua Dr. José Cândido Gomes de Abreu, n.º 16, da atual união de freguesias de Vila e Roussas, do concelho de Melgaço, titular do cartão de cidadão n.º 768542 4ZY5, válido até 06/05/2019, outorgou na qualidade de **cabeça de casal da herança** aberta por óbito de seu marido, Miguel Henrique Gonçalves Pereira, falecido no dia doze de abril de dois mil e nove, com o qual foi casada sob o regime da comunhão geral de bens, natural da freguesia de Paderne, concelho de Melgaço e fez as seguintes declarações, que com esta se compõem de três folhas.

Que, a herança ilíquida e indivisa aberta por óbito de seu referido marido, **MIGUEL HENRIQUE GONÇALVES PEREIRA**, (NIF de herança ilíquida e indivisa 706 629 574) é **dona e legítima possuidora**, com exclusão de outrém, do seguinte bem imóvel:

**Fração autónoma** designada pela letra "A", correspondente a cave, rés-do-chão, primeiro e segundo andares e rossios, com a área coberta de setecentos metros quadrados e rossios com a área de quinhentos metros quadrados, pertencente ao prédio urbano afeto ao regime de propriedade horizontal sito na Rua da Calçada, da atual união de freguesias de Vila e Roussas, concelho de Melgaço, composto de casa de morada e rossios (atualmente fracção A e fracção B), **descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço sob o número **quatrocentos e trinta e sete**, com registo de aquisição de dois quintos indivisos a favor de João Pires Teixeira, pela inscrição correspondente à apresentação número um de dezoito de julho de mil oitocentos e oitenta e nove; e ainda de um quinto indiviso a favor do mesmo João Pires Teixeira, conforme inscrição correspondente à apresentação número um, de oito de janeiro de mil oitocentos e noventa, com o registo de constituição de propriedade horizontal conforme apresentação número quatro mil seiscentos e oitenta e dois de trinta e um de março de dois mil e nove.

Que a mencionada fracção encontra-se inscrita na respectiva matriz sob o artigo **2205**, o qual corresponde ao artigo 821 da freguesia de Vila (extinta), com o valor patrimonial tributário de **864.100,00 euros**, à qual **atribui igual valor**.

Que, o prédio na sua totalidade, ainda sem propriedade horizontal constituída, veio à posse do autor da herança, Miguel Henrique Gonçalves Pereira, quando, Alba Rodrigues Pires Teixeira, Palmira Rodrigues Pires Teixeira, Maria Pires Teixeira Chaves e marido Valdemar Lins de Vasconcelos Chaves e a João Rodrigues Pires Teixeira e mulher Layde Barata Pires Teixeira, todos herdeiros de João Pires Teixeira, entretanto falecido, lho venderam, conforme escritura de compra e venda lavrada no dia dois de julho de mil novecentos e oitenta e um, exarada a folhas cinquenta e nove verso e seguintes do livro de notas para escrituras diversas número oitenta e sete – A, deste Cartório Notarial.

Que, ela outorgante, apesar de buscas efectuadas, não conseguiu localizar o documento necessário ao reatamento do trato sucessivo das inscrições em nome do titular inscrito João Pires Teixeira para os seus herdeiros, nomeadamente o documento legítimador da qualidade de herdeiros invocada na referida escritura, ignorando também qual o Cartório Notarial que o lavrou, não tendo, assim, possibilidade de obter título para registo.

Que, no entanto, desde essa data, o mencionado MIGUEL HENRIQUE GONÇALVES PEREIRA, e depois da morte deste, os seus referidos herdeiros, entraram na posse do prédio, já constituído em propriedade horizontal, mais precisamente no que respeita à fracção A, em nome próprio, posse esta que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, aproveitando todas as suas utilidades, habitando-o e suportando os respectivos encargos e despesas de fruição.

Que, tendo exercido sobre a indicada fracção A, uma **posse pacífica, contínua e pública**, que, dura há mais de vinte anos, a referida herança justifica a sua aquisição do direito de propriedade pela **usucapião** que invoca, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto n.º 1 do art.º 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

Cartório Notarial de Melgaço, 31 de março de 2016.

A Escriutária Superior,

Maria Duarte Alves Dantas

## MANUEL LUÍS D. RODRIGUES TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

AUTOMATISMOS PARA PORTÕES

PORTAS SECCIONADAS

VIDEOS PORTEIROS

AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa • 4960-310 PENSO MLG • MELGAÇO

TELEM. 969 065 676

Banco de Livros Linhas Tortas quer reutilizar os manuais escolares

## Iniciativa poderá valer centenas de euros de poupança às famílias



Há algum tempo, “um pai ia comprar uns artigos para o filho. O filho pediu, o pai ia aceder, mas a mãe disse-lhe de imediato: “Não pode ser, este mês temos os livros”, e acabaram por não comprar”. O acontecimento foi o ponto de partida para Ana Catarina Pires, proprietária de uma papelaria na vila de Melgaço, imaginar o que viria a ser o Banco de Livros “Linhas Tortas”.

O momento da decisão económica familiar que a empresária presenciou remonta a Setembro de 2015 e nessa altura começou a pensar numa forma de devolver a liberdade financeira aos agregados que “se não tivessem os livros para comprar, se calhar faziam outras coisas com os filhos e a família”.

Em Março, o Banco de Livros “Linhas Tortas” deu os primeiros passos na sua apresentação à comunidade. Criou-se uma página nas redes sociais, arranjaram-se parceiros e até já há donativos de material, mas a quem se destinam e de que forma um banco de livros pode aliviar as despesas das famílias?

Na primeira fase, o banco de livros propõe-se recolher, no final do ano lectivo, os manuais escolares dos alunos que queiram contribuir. Ainda que usados, os livros serão revistos, reparados ou limpos se necessário, encapados e entregues aos alunos que no ano lectivo seguinte estudem pelos manuais respectivos.

Dar forma ao projecto para que funcione tal como teoricamente se imagine “não é fácil”, mas a mentora do projecto acredita que o aliciante da poupança poderá fazer funcionar a cadeia de donativos de manuais.

O sistema não pretende chocar com os abrangidos pelo escalão A, que já tem vantagens, mas noutras situações não abrangidas por estas condições, mas que precisam de atenção. “Há necessidades na região que estão muito encobertas e a ideia é colmatar essas necessidades” observa Ana Catarina Pires.

Para que tudo funcione, o projecto pede, no final de cada ano lectivo, que cada turma doe os livros do ano que termina e, num processo acompanhado pelos directores de turma, a turma com mais livros doados possa ser contemplado com vouchers de ofertas ou descontos em serviços que precisem no dia-a-dia, fornecidos pelos parceiros da iniciativa e “um incentivo a que eles participem”.

A autarquia, enquanto mediadora entre a responsável do projecto e o Agrupamento de Escolas, interveio no processo, entretanto apoiado em termos de transporte e logística pela Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, mas outras empresas particulares tem vindo a associar-se à iniciativa.

Sacos, lapis-de-cor, cadernos, entre outros materiais, farão parte

do cabaz a entregar aos contemplados da iniciativa, mas antes de chegar aí, outras entidades participarão activamente.

O Centro de Reabilitação de Prado da APPACM será um dos participantes desta iniciativa, através da limpeza e encapamento dos manuais. Um trabalho que contribuirá para o reconhecimento do centro, com provas dadas na concepção de troféus ou lembranças para algumas das principais provas desportivas realizadas em Melgaço.

Para já, a promotora da iniciativa recomenda que os alunos “não escrevam nos manuais”, ou o façam a lápis, para que possam ser recuperáveis. “Nós não vamos dar livros novos, mas sim livros que estejam utilizáveis. Acho que no futuro as pessoas vão ter esse cuidado, para os doar”, observa Ana Catarina Pires.

Os livros serão identificados, em local discreto, com o logótipo da iniciativa e a mentora espera que o procedimento se vá implementado “sem preconceitos”.

Vamos dar livros usados, vão estar encapados devidamente, com os logótipos da iniciativa e dos parceiros que apoiam a iniciativa. Na calha está ainda previsto o funcionamento deste Banco de Livros também para os livros de literatura. Ideias ainda a ganhar forma.

João Martinho

## GAZETILHA Tricas & Dicas

### A entrada em Belém:

Criou o momento e deu esperança!...  
Alertou consciências e deu aliança!...  
Bateu báculo e deu fiança!...  
Confraternizou afetos e deu dança!...  
Mergulhou demagogias e deu pujança!...  
Gritou direitos e deu segurança!...  
Rosnou obrigações e caiu em graça!...  
Trouxe ideias e ligou finança!...  
Lutou e valorizou o velho e a criança!...  
“Hiperativou” e banuiu ameaça!...  
– Então?!...  
Ala que o tempo urge!...  
De Moçambique?!... De boa árvore... bons frutos!...  
De Espanha?!... Uma andorinha... não faz Verão!...  
Do Brasil?!... Cada qual sabe... onde lhe aperta o sapato!...  
De Marrocos?!... O temor do Senhor... é o princípio da sabedoria!...  
Da Assembleia da República?!... Se queres ser bom juiz... ouve o que cada um diz!...  
Do Governo?!... Cada qual... no seu officio!...  
Da Oposição?!... Do bom uso do tempo... se colhem vantagens!...  
De Lisboa?!... Uma mão lava a outra... e ambas o rosto!...  
Do Porto?!... Querer... é poder!...  
Do Vaticano?!... Mais vale quem Deus ajuda... do que quem cedo madruga!...  
– Roma e Pavia não se fizeram num dia!...

Álvaro Carvalho

## As voltas que a “Vida” Dá!...

O Amor é o sentimento mais nobre e o mandamento mais belo que a humanidade devia pôr em prática em todos os actos da sua existência!...

A partir do momento em que nascemos a vida é uma constante descoberta. Somos convidados a partilhar o melhor que nos acontece e a não baixar os braços perante as adversidades.

Claro que, por muito boa que seja a sementeira, nem sempre as colheitas correspondem às nossas expectativas!... Todas as tonalidades entram no colorido, e não só, dos arco-íris que nos rodeiam!... Nem sempre contamos com o imprevisto que condiciona e dita normas nem sempre de acordo com o desejado!...

A Felicidade é uma conquista diária que nos põe à prova onde quer que nos encontremos. Atingimos uma grande meta quando constatámos que “é dando que se recebe e perdendo que se é perdoado”!...

A partir do momento em que somos chamados a cumprir a nossa missão, por mais simples ou complicada que seja, devemos pôr o melhor de nós e tentar sair da nossa zona de conforto trabalhando para atingir sempre grau de excelência e não de mediocridade nas tarefas a que nos propomos!...

Cada etapa percorrida é uma batalha ganha!

Temos que saber rir e sorrir de nós próprios!... O Amor precisa de condimentos que transportem alegria no dia a dia de cada um de nós. Espicaçar as nossas dúvidas e as nossas certezas é uma forma de derrubar barreiras e alertar consciências capazes de mover as alavancas que nos tornam mais éticos e rigorosos.

O Amor é respeito por nós e pelo nosso semelhante. Quando há respeito há equilíbrio entre o que somos e o que pretendemos ser.

Num ano em que tanto se fala e proclama a campanha dos afetos temos que passar das palavras às acções.

A dignidade não tem preço. Nascidos fruto do amor, não podemos perecer fruto da negligência dos que desumanizam e impingem a decadência dos mais elementares valores humanos.

O Amor é Misericórdia. Os homens precisam de ser misericordiosos nas suas regras de conduta. E há sempre um momento em que captámos que o que interessa é olhar com simplicidade o nascer e proteger com carinho os últimos momentos terrenos.

Por vezes só damos o verdadeiro valor ao que vivemos depois de termos perdido o encanto da partilha!...

Helena Matos

# História do Angelino

## >> CAPÍTULO V

A Mariazinha tinha desaparecido. A família ficou em polvorosa, dando tratos à cabeça tentando descobrir o que tinha acontecido. Ao vistoriar a casa e os arredores descobriram uma escada à parede da janela do quarto virada para o quinteiro. Foi isso! O António raptou a Mariazinha e levou-a para o Carregal onde a escondeu em casa de uma sua irmã. O Sr. Francisco e os familiares bem que procuraram sem obter êxito; os pombinhos ter-se-iam escondido?

Passados algum tempo, por acaso, um dia alguém viu a Mariazinha na praia do Carregal tomando banho. Avisados, os pais da rapariga foram ao encontro deles. Houve os respectivos resposos reprovativos e as desculpas habituais, mas o que aconteceu estava acontecido e urgia legalizar a situação. Militar e filho de um Conde, até que o rapaz era um bom partido, foi o que acabaram concluindo. Celebrado o casamento como a circunstância exigia faltava resolver a volta ao Brasil. Uma vez casado, os superiores intimaram-no a cumprir o dever, e mais, iria ser governador de província.

O seu irmão Abílio já tinha cargo igual. Este Abílio era casado com a filha de um fidalgo, Morgado de Viana do Castelo. Voltando ao António da Costa Leite, adiando, já fazia um ano que estava casado e nada da Mariazinha se resolver, negava-se a viajar, estava arrependida do que tinha feito e queria ficar na companhia do pai. O António embarcou sozinho e até que foi bom para livrar a esposa do que aconteceu. Naquela viagem, já perto da costa brasileira depararam com uma frota holandesa que pretendia tomar a Bahia. Houve uma grande batalha naval com a vitória dos portugueses. Tomaram alguns barcos e fizeram prisioneiros. O António participou activamente e com isso, ao ser reincorporado à Corte foi promovido a capitão e serviu durante cinco anos no Rio de Janeiro. Como era músico e gostava de cantar era escalado para distrair o Rei e os cortesãos, numa vida regalada.

Certa vez o Rei mandou-o ao Rio Grande do Sul onde seu irmão Abílio era governador. O Abílio sabendo que o irmão era

casado e não tinha levado a esposa, não o quis perto por conhecer-lhe o temperamento folgazão e mandou-o de volta ao Rio de Janeiro. Por sua vez, Mariazinha, insatisfeita com a situação de casada sem marido, pediu ao pai que usasse seus contactos nas altas esferas do exército para que o António fosse mandado de volta a Portugal, pois fazia-lhe muita falta. António voltou. E como capitão tinha de comparecer ao quartel em São Joaquim no concelho de Ovar, dividindo o tempo com a Mariazinha. Poucos meses passados foi escalado para inspeccionar alguns territórios das colónias, e desta vez Mariazinha concordou em acompanhá-lo. Devido a um atrito com os ingleses nos Açores, ali ficaram algum tempo e a Mariazinha engravidou do Angelino (avô do Angelino desta história).

Foi o único filho do casal. Terminaram a vida em Portugal onde não mais saíram.

O nome da Mariazinha era Maria da Soledade.

**CONTINUA**

*Manuel Felix Igrejas*

# Campinas, de vez em quando

De Campinas, propriamente nada tenho a contar. Morando em bairro afastado, sem vida social continuamos na pasmeira de cuidar das minhas pinturas e leituras e da minha Guida que depende de atenção permanente. Da saúde não temos queixa, pelo contrário, a nossa filha achou por bem nos submeter a uma remodelagem em regra. Começou por achar que caminhava um tanto remando e então brindou-me com uma bengala muito bonita de metal cromado regulável. Até que foi bom, pois um calo que se formara na planta do pé direito, desapareceu. Como eu reclamava dos óculos que usava enxergar ao longe, conseguiu uma cirurgia de catarata. Numa semana passei a ver sem óculos.

Os dentes remanescentes, problema desde a juventude, foram extraídos para dar lugar a uma bonita dentadura tipo cinema. Outro problema desde

sempre, cascas na cabeça que se transformavam em feridas, vão dar lugar a uma cirurgia de limpeza geral. Além destas especialidades, periodicamente um clínico geral controla a pressão arterial e os demais enguiços próprios da idade. Todas estas atividades estéticas e de saúde é a nossa filha que busca e agenda as consultas e exames e nos acompanha, tudo grátis por conta dos órgãos oficiais, estaduais e municipais, eu apenas pago os taxis que nos transportam. Os medicamentos também são fornecidos graciosamente. Quando vivia no Rio de Janeiro a atividade social não permitia perder tempo com enguiços de saúde.

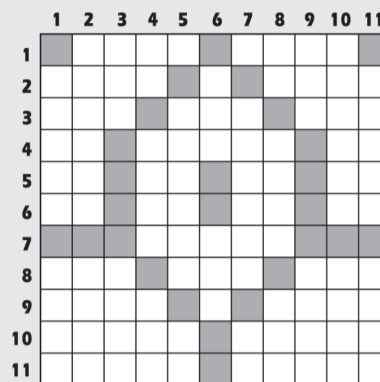
Por falar em Rio de Janeiro, a Ana Ranhada, via telefone, põe-nos ao par dos acontecimentos da comunidade, aqueles que A Voz de Portugal não noticia e que recebo quinzenalmente pois colaboro com esse jornal. Não

contou nada de novo a Ana, a não ser o falecimento de patrícios que labutavam nas Casas Regionais Portuguesas. No mais continuam no rame-rame habitual. O destaque é o Restaurante Vila de Melgaço que atrai a curiosidade dos habitantes de Noterói, de outros lugares e até de Portugal. Um português de Paredes de Coura que veio fazer turismo quis conhecer o tal Vila de Melgaço. Ficou fascinado e elogiou o Mário Ranhada pelas bonitas e funcionais instalações além do cardápio caprichado em comidas da nossa terra. A curiosidade das pessoas é sobre o nome Melgaço. Farto de dar explicações sobre a origem de sua terra, comprou um mapa de Portugal e fixou-o em lugar de destaque, disse a Ana, então é só apontar no mapa a localização de Melgaço.

*Campinas, 10-03-2016*  
*Manuel Felix Igrejas*

## PASSATEMPOS

### PALAVRAS CRUZADAS

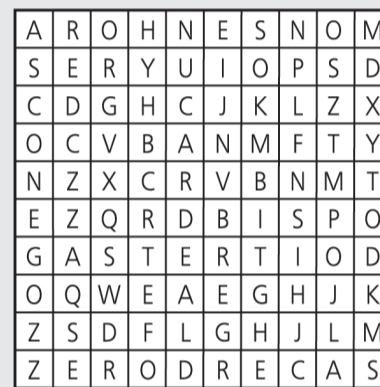


**Horizontais:** 1. Ápice, rio português; 2. Escassa, semblante; 3. Aia, colocar, monólogo rápido e ritmado executado em sobreposição a um musical; 4. Para mim, brando, cabelos brancos; 5. Símbolo químico alumínio, Símbolo químico alumínio Observei, mostra; 6. Tecido fino como escumilha, aqui, Antes Cristo, vogais dobradas; 7. Azedo; 8. Abismo, anilha, família; 9. Antiar, elevado; 10. Enfiada, instrumento cortante; 11. Ermida, tratado, acerca das plantas.

**Verticais:** 1. Ramificação, construção para separar terrenos; 2. Dromedário, mamífero desdentado; 3. Cólera, rudimentar; 4. Ruim, fruta, Sociedade Anónima Desportiva; 5. Navio três mastros com proa longa e aguda; 6. Astro, cólera; 7. Amorinado, consoantes dobradas; 8. Antes Cristo, fértil, óxido cálcio; 9. Oferecer, laçada; 10. Prece, lavar; 11. Pena metal, flor.

### SOPA DE LETRAS

Neste amarinhado de letras encontra em qualquer direcção as "Ordens Eclisiásticas".



### CHARADAS

#### Combinadas

- \_\_\_ + CA = Covil
- \_\_\_ + RO = Imperador Romano
- \_\_\_ + CA = Verniz China
- \_\_\_ + NO = Prejuízo

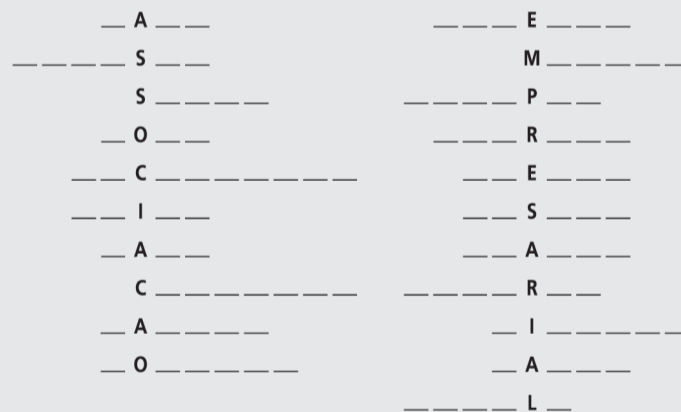
Conceito: **Unidade de Peso**

#### Quadrado

- \_\_\_ = Pesar invólucro
- \_\_\_ = Fruto silvestre
- \_\_\_ = Ave parecida com pomba
- \_\_\_ = Mentir
- \_\_\_ = Nivelar

### PROBLEMA

Substituir os traços por letras de forma a escrever países de África

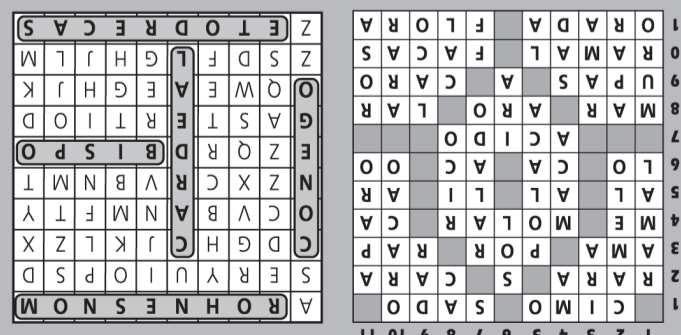


Colaboração: **Aldício Silva Figueiredo**

**PROBLEMA** Argélia - Malawi - Etiópia - Marrocos - Quênia - Lesoto - Uganda - Libéria - Gabão - Angola - Gana - Tunísia - Sudão - Togo - Moçambique - Egito - Camarões - Zâmbia - Somália

**CHARADAS** Combinadas: TO + NE + LA + DA = TONELADA

**Quadrado:** TARAR - AMORA - ROLAS - ARARA + NIVEL



### SOLUÇÕES

# Visita ao Irão

## Agosto de 2015

# Isfahan, Pérola da Pérsia



Kelisa-ye Vank, catedral cristã arménia de S. José de Arimateia



Torre do relógio da Kelisa-ye Vank



Perspetiva do interior da Kelisa-ye Vank



Panorâmica da Praça do Imame Naqshé-Djahan



Museu arménio - a primeira máquina de imprensa



Museu arménio - livro com iluminuras

Mal despertámos, dirigimo-nos à janela. Vimos o leito do rio Zayandeh, seco...! E alguns barquinhos que, na areia, resistiam teimosamente ao calor! A água, essa, poderá chegar em Abril, altura de festa para todos!

Isfahan é deveras grandiosa. No século XVI, dizia-se que «era o centro do mundo»! O guia «Lonely Planet» recorda o roteiro de Robert Byron (1937) que a posicionou nos lugares mais raros do mundo, como Roma ou Atenas.

Da sua história antiga pouco se sabe, mas o Templo do Fogo de Isfahan e os pilares da ponte Shahrestan remontam ao período sassânida (224 - 636).

Nos fins do século X, as mesquitas já abundavam, e as boas casas floresciam em número significativo.

O contributo dos Seljúcidas, nómadas turcos da Ásia Central (1051-1220), foi notório. Orna-



Pol-e Khaju, sobre o rio Zayandeh

mentaram-na com monumentos, praças e ruas em singular desenho geométrico.

Já em viagem no autocarro, o insólito leito do rio, paralelo à avenida do hotel, onde nos instaláramos, desnudava as pontes antigas e as mais recentes, onze no

total; *boulevards*, jardins, importantes construções islâmicas... passavam velozmente.

São quatro as pontes históricas sobre o rio que ligam a zona norte da Cidade à zona sul. Num exercício de memória, procurávamos fixar os seus nomes,



Palácio Ali Qapou e Praça do Imame Naqshé-Djahan

difíceis até de pronunciar: Pol-e Si-o-Seh, Pol-e Chubi, Pol-e Khaju e Pol-e Shahrestan. Para além da dupla função de ligação e de controlo da água através dos seus diques, era habitual, nos tempos livres, os habitantes cruzarem-nas, e nas margens do

rio, passearem; beberem chá, depois, nas *teahouses*, existentes nos extremos das três primeiras pontes. Actualmente aberta, a da Pol-e Si-o-Seh, na ponta norte. As restantes, fechadas pelas autoridades. Apontam-se duas razões:

*Continua na pág. seguinte*

Continuação da pág. anterior

a primeira prende-se com a segurança do património, isto é, evitar explosões causadas pelo gás, utilizado para aquecer a água; a segunda, com as autoridades religiosas que, querendo banir a génese destas casas de chá (locais de convívio entre todos, particularmente entre jovens), as mandaram fechar.

A Pol-e Si-o-Seh, ponte dos 33 arcos ou Allahverdi Khan, nome do seu arquitecto, estende-se ao longo de 298m. É obra de Shah Abbas I, rei safávida (1599 a 1602). Actualmente os seus diques estão aptos a funcionar.

A Pol-e Chubi, com cerca de 150m de extensão, 21 arcos, deve-se a Shah Abbas II (1665) que a dotou de dois salões interiores para seu uso e da sua corte. A água da represa regava, nesta zona, os jardins do palácio.

A Pol-e Khaju, de pedra robusta, arcos ogivais nas galerias superior e inferior, é a mais elegante. Construiu-se em 1650. Ressalta dos seus dois níveis, ornamentados com arcadas geminadas, ao longo dos 110m. No inferior, além das comportas, tivemos o privilégio de ver homens, ora de pé, ora sentados, individualmente, espalharem cantares dolentes pelas escadadas. No piso superior, poder-se-ão descobrir pinturas e azulejos originais nas paredes; e ver uma sala, no centro, donde o monarca, sentado nos bancos de pedra já gastos, apreciava as vistas.

À noite, iluminada, o cenário torna-se fantástico!

Finalmente a Pol-e Shahrestan, com 110m de comprimento, 11 arcos de pedra, de tijolo, é a mais antiga, do séc. XII, mas os seus pilares são anteriores, como atrás referimos.

Depois desta graça urbana, rumámos ao Palácio Ali Qapou. Subimos ao alto do terraço, donde alcançamos a Praça do Imame Naq- Shé-Djahan, e vislumbrámos os principais monumentos: mesquitas Sheik Lotfollah, Imame, Jameh; e o Bazar.

Subimos as escadas dos seus seis pisos até ao topo, 38m, ao Terraço com 18 colunas, delicadas, muito finas. O Palácio Ali Qapu, ou Porta de Ali, situa-se num dos extremos da famosa Praça. Ofegantes, mas curiosos, estendíamos o olhar sobre a Praça do Imame. A vista é alargada e espantosa, mesmo: galerias a toda a volta, minaretes esguios, cúpulas das mesquitas, coloridas; no meio, o jardim: espaço, água, relvado, flores; pessoas muitas, crianças, também.

Dentro, reinava a confusão do seu restauro, desde o tecto de madeira às paredes de estuque.

O conjunto do Palácio (52 salões e escadaria) é da era Qajar; depois, durante a Revolução Islâmica, em 1979, sofreu danos valiosos nas pinturas e nos mosaicos que o decoravam.

Dos fins do século XVI, o edifício é mais uma residência do Shah Abbas I com motivos vegetais e animais na decoração: flores e pássaros entre outros.

Para além do Terraço, interessa visitar a sala de Música, no sexto piso, pela singularidade da sua sonorização, apoiada num processo artesanal, que alguns consideram ser um dos melhores exemplos da arte secular persa.

Mas neste dia falou mais alto a visita à Kelisa-ye Vank, Catedral Cristã de São José de Arimateia, no bairro arménio! Foi erigida em 1648 - 1655, com o apoio dos monarcas safávidas, para a comunidade cristã arménia, no Irão. O exterior de cor ocre é uma mescla de estilos persa, arménio e europeu. São características do estilo cristão as Torres Sineira e do Relógio, esta situada no espaço exterior da entrada.

Já com os olhos habituados às mesquitas, despertámo-los, ali, pela Igreja de estrutura simples, cheia de pinturas e frescos de grande qualidade, a representarem cenas do Antigo e Novo Testamento, de Anjos e de Apóstolos. No altar, dizem, guardam-se as relíquias de São José de Arimateia...!

Num outro espaço do conjunto, visitámos o Museu. Num cenário de livros manuscritos, muito antigos, de breviários, iluminuras, pinturas, descobrimos a representação do sofrimento infligido aos Arménios: os chamados frascos das lágrimas, lindos! Nesta lista de preciosidades, perfila a primeira máquina de imprensa do Irão, atribuída a um arménio, cujo túmulo se encontra na Catedral.

Outras duas curiosidades dizem respeito aos Portugueses. A primeira, pintura a óleo de S. Pedro e S. Paulo, arte de Goa, do século XVI; a outra, representação do Santíssimo, legendada em português: «LOUVADO SEJA O SANCTÍSSIMO SACRAMENTO», assim!

Igualmente importante é o Livro mais pequeno do mundo, século V, onde os Arménios inseriram toda a sua herança cultural, preservando-a até hoje.

Convém lembrar que a Arménia, convertida ao cristianismo através de S. Gregório, o Iluminador (257-331), foi a primeira nação oficialmente cristã. Embora vizinha de povos que a sujeitaram e aniquilaram durante séculos, incluindo os Persas, nunca deixou a sua matriz cristã.

Curiosamente, nos escritos, aparece a palavra *Gospel* a lembrar a história dos Cantos Espirituais, levados pelos Portugueses e Espanhóis para a América, que originaram o conhecido *Gospel* dos Estados Unidos da América. Os colonos negros de África juntamente com os nativos assimilaram a cultura cristã dos cantos bíblicos, entoados na realização dos trabalhos, os quais os encorajavam como outrora o fizeram ao Povo Hebreu na sua libertação. De hinos de raiz ocidental cristã, levados para a América e designados actualmente *Gospels*, evoluíram depois para outros ritmos musicais, *blues*.

A fé cristã é ainda hoje o principal elemento agregador do povo arménio.

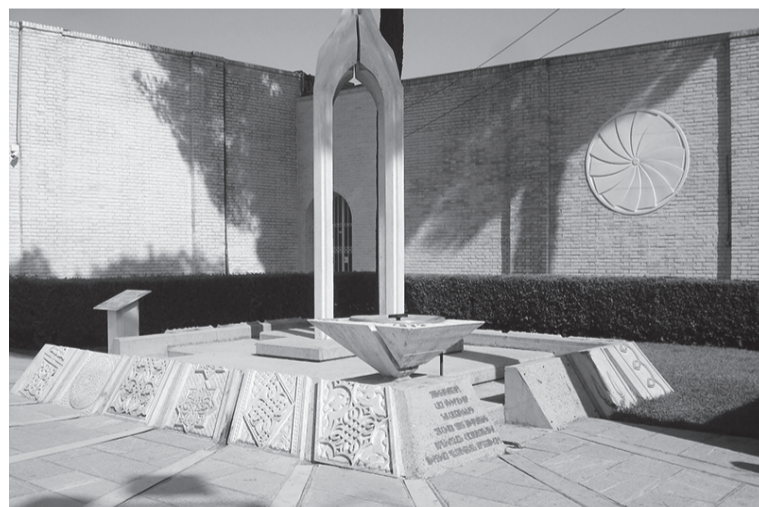
Texto: Maria Nadalete da Costa Lopes  
Fotografias: Maria Ester Taveira



Museu arménio - ao centro, um frasco das lágrimas



Isfahan - Leito do rio Zayandeh, sem água, desviada para a agricultura



Memorial do genocídio dos Arménios pelos Turcos



Legenda do memorial

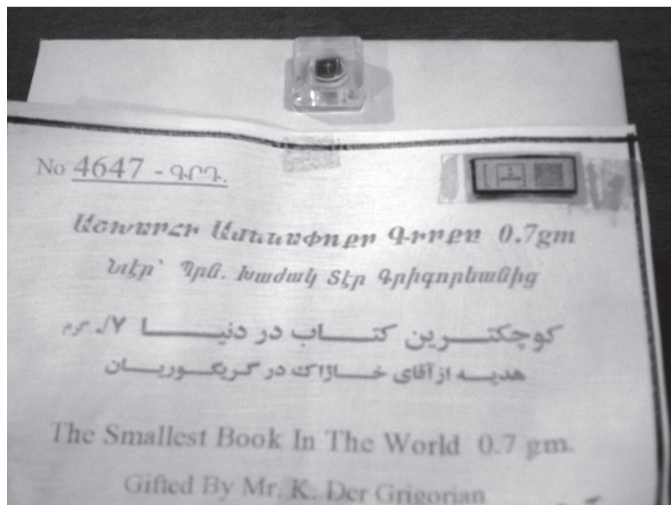
DIA 1 DE MAIO

**Dia do Trabalhador e este ano Dia da Mãe**

Há a feliz coincidência de o dia 1 de Maio ser ao domingo, e porque é o primeiro domingo de Maio é também o Dia da Mãe.

Quem ainda tem mãe dê-lhe todo o carinho que possa, porque ela bem merece.

Quem já não tem Mãe, lembre-a, agradecido, diante de Deus.



Museu arménio - o livro mais pequeno do mundo

# A Caminho da Terra Santa – XX

## Descobrimo o 5º Evangelho - 15 a 25 de Setembro de 1968

# Nas Margens do Lago



Na travessia do Lago de Tiberíades para o norte gastámos bastante tempo. Foi, no entanto, um passeio agradável e evocativo.

Desembarcamos junto de uma igreja e acolheram-nos árvores frondosas, que escondiam parcialmente Cafarnaum.

Foi na sinagoga de Cafarnaum, que Jesus ensinou.

Assim o refere S. Lucas: "E foi a Cafarnaum, cidade da Galileia, e ali os ensinava aos sábados".

E S. Marcos, referindo-se ao mesmo facto, apresenta: "E ficavam admirados com a sua doutrina, porque os ensinava como quem tinha autoridade e não como os escribas"

Os evangelistas referem abertamente a pregação de Cristo nas sinagogas da Galileia.

Pois estamos chegados a uma dessas sinagogas, e bastante falada no evangelho: a de Cafarnaum.

O título de glória de Cafarnaum é ter sido a pátria adotiva de Jesus, visto que Cristo Senhor e os seus emigrantes para aí quando foram escorraçados de Nazaré, e aí se instalaram.

Pedro e André já estavam domiciliados na cidade.

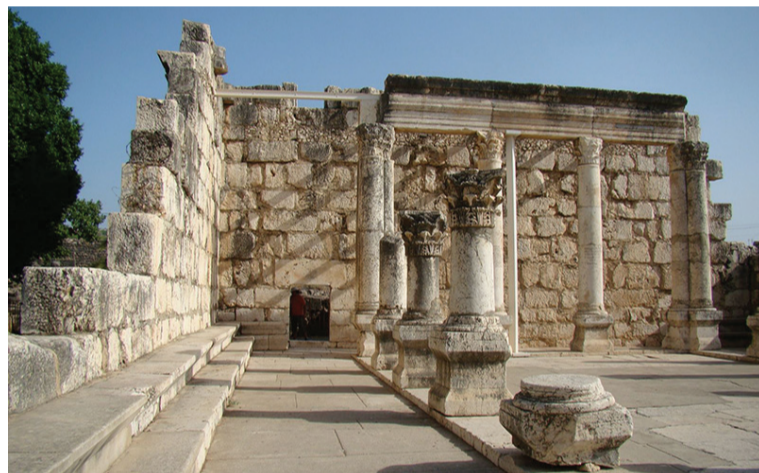
O ensino ministrado por Jesus terá como teatro a sinagoga.

O edifício, cujas ruínas visitamos, devia ser majestoso, pois que as colunas existentes e os capitéis bem trabalhados o atestam.

A ornamentação destes é uma



Tabgha – Multiplicação dos pães



Capharnaum

exposição dos frutos que a Bíblia nos apresenta como característica da Terra da Promissão.

Os restos da sinagoga, que visitamos, são posteriores ao tempo de Jesus, mas certamente construída no local onde Jesus pregava.

O autocarro esperava-nos para nos conduzir a Tabgha. É o local do milagre da multiplicação dos pães.

Fica a curta distância da sinagoga, onde Jesus teria proferido o sermão eucarístico.

Enquanto viajamos através da margem do Lago em direcção a Tabgha, vou lembrando alguns factos da vida de Cristo, e em primeira lugar o do chamamento dos primeiros discípulos, que S. Lucas narra: "E, passando ao longo do mar da Galileia, viu Simão e André, seu irmão, que lançavam as redes ao mar. E disse-lhes Jesus: Segui-me".

Estamos chegados a Tabgha, cujo local é assinalado por uma igreja.

Aqui se operou o milagre da multiplicação dos pães, e ali os coptas ergueram uma linda igreja no século IV, cujos vestígios – mosaicos bem conservados – são os mais belos da Palestina.

Retomamos o autocarro, que logo se ergue sobre o Lago, em lanços de estrada que nos conduzem ao Monte das Bem-aventuranças.

Cafarnaum – Tabgha – Monte das Bem-aventuranças – que quadro de beleza terrena e de funda inspiração divina!

A vista de conjunto – Lago, montanhas, margens, verdura – é maravilhosa. Respira-se a paz da natureza e sente-se a voz de Cristo a proclamar os bem-aventurados.

Aqui, neste local, proferiu Cristo Senhor o "Sermão da montanha", que constitui, indubitavelmente, o essencial da Sua doutrina.

O dia está calmo, e para a igreja que coroa o Monte – igreja cheia de luz e recolhida – entramos por entre palmeiras opulentas.

Nesta igreja esteve Paulo VI, em 1964.

Uma varanda, voltada para o Mar da Galileia acompanha a igreja circular, do exterior.

A visão panorâmica do conjunto é soberba: tem beleza, encanta, e faz esquecer o deserto, apesar das serras abruptas da Jordânia.

Nem sequer faltam nesta visão panorâmica, na encosta do monte,



Monte das Bem-Aventuranças



Tabgha – Multiplicação dos pães

os beduínos, como no tempo do "nosso Pai Abraão", na linguagem do Guia.

O beduíno é o árabe do deserto, que não se estabelece em parte alguma. É nómada.

Onde pára, ergue uma tenda, cultiva as leiras circunjacentes, e guarda o rebanho.

A manhã vai no fim, e aproxima-se a hora do almoço.

Continuamos a subir o monte, que nos permite, aqui e além, ver ainda as águas calmas do Lago e o cume do Monte Tabor que continua a seguir-nos.

O Guia aponta-nos o local, onde se está a concretizar o grande Projecto Nacional das Águas do Jordão.

Pretendem, os israelitas aproveitar as águas para irrigar o deserto.

Os árabes acusam o Governo de Israel de que o desvio do Jordão se destina a auxiliar o fabrico da bomba atómica, o que traz os árabes grandemente preocupados.

A viagem prossegue até ao Kibutz Ayelet Haschar, onde nos vai ser servido o almoço.

O apetite é geral nesta comunidade que de há dias se vem sentindo unida num só pensamento e num só desejo: ver e aproveitar as

belezas humanas e divinas das terras de Israel.

Havia, no entanto, algo de novo neste almoço: o local. Este era um Kibutz, que é um sistema colectivo de vida agrícola devidamente organizada.

Para nós era algo de novo, até porque esta organização agrícola e as cooperativas agrícolas são hoje muito reclamadas, como organização judaica de interesse.

Devo, no entanto, dizer que estes Kibutz, enquanto os judeus não venceram os jordanos, foram, também, o processo camuflado para a organização militar defensiva Israel.

Vamos pensando em tudo isto, enquanto o autocarro rola sobre estradas bem lançadas, partilhando-a com centenas de carros, que aproveitam o sábado – dia de descanso dos Judeus – para passarem um dia tranquilo.

Penso, no entanto, como estamos em face duma antítese formidavelmente impressionante: vivemos os locais da paz mundial, e viajamos em terras ameaçadas pela guerra!

26 de Outubro de 1968  
in "Diário do Minho"